



Departamento de Antropologia

MAYDAY! MAYDAY! Jovens Precários em acção
Uma abordagem antropológica de um novo movimento social

Ricardo Manuel Roumeliotis Sampaio

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia: Multiculturalismo e Identidades

Orientadora:

**Doutora Cristiana Lage David Bastos, Investigadora Principal,
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**

Co-orientador:

**Doutor José Manuel Sobral, Investigador Principal,
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**

Outubro, 2010

MAYDAY! MAYDAY! Jovens Precários em Acção

Uma abordagem antropológica de um novo movimento social



Ricardo Manuel Roumeliotis Sampaio
Lisboa, Outubro de 2010

Imagem da autoria de Margarida Dias Coelho

Sumário

Palavras chave: movimento social, acção colectiva, alterglobalização, Primeiro de Maio, precariedade laboral, capital militante

O movimento Mayday é, neste momento, um movimento de dimensões globais, presente em várias cidades de todo o mundo. O primeiro Mayday ocorreu em 2001 em Milão, no contexto das fortes contestações alter-globalização, nomeadamente as ocorridas em Seattle e Génova contra a Organização Mundial de Comércio, que marcaram de forma decisiva o activismo político. As contestações concentravam-se numa forte oposição ao capitalismo enquanto sistema económico e social hegemónico e na necessidade de o ultrapassar e acreditar na existência de alternativas possíveis. Outra característica fundamental para alguns autores e participantes nestas manifestações foi a convergência de vários movimentos de interesses heterogéneos que se uniram nesta luta e a solidariedade demonstrada na resistência à repressão policial. Outro factor recorrente nas análises destes acontecimentos foi a criatividade das estratégias utilizadas. Esta dissertação pretende analisar a orgânica e dinâmica do movimento MayDay Lisboa, durante o ano de 2009, bem como as suas estratégias de acção e formas de protesto. Apresento o conceito de capital militante em rede como ferramenta de análise teórica com grande potencial para a área de estudos sobre acção colectiva e movimentos sociais. No final são apresentadas algumas considerações sobre a o poder de alcance e de influência do movimento MayDay para o desencadear de transformações sociais e culturais.

Abstract

Key words: social movement, collective action, alterglobalization, May Day, precarity, activism capital

The MayDay movement is, nowadays, a social movement of global dimension, organized in several cities around the world. The first MayDay happened in 2001, Milan, following the strong alterglobalization protests, namely the ones that occurred in Seattle and Genova against the World Trade Organization, and that influenced in a decisive way the field of political activism and mobilization. The protests focused on a strong opposition to capitalism as the hegemonic economic and social system and on the need of believing in the possibility of alternatives. Another fundamental feature for the authors and participants in these protests was the convergence of various movements of heterogeneous interests, that joined together for this fight, and the solidarity that was demonstrated regarding the resistance to the repression by the police authorities. This dissertation aims to analyse the organic and dynamic of the movement MayDay Lisbon, during 2009, as well as its strategies and forms of protest. I introduce the concept of the network of activism capital as a tool with great potential for the theoretical analysis in the area of studies about collective action and social movements. Finally, some considerations are presented about potential of the MayDay movement to influence social and cultural changes.

Agradecimentos

O primeiro agradecimento vai, naturalmente, para a minha orientadora, Cristiana Bastos, e para o meu co-orientador, José Manuel Sobral. Antes de mais por terem aceite orientar este projecto, depois por todo apoio e disponibilidade demonstrados, pelos conselhos sábios, pela motivação e inspiração, e pela serenidade transmitida nos momentos de maior angústia e hesitação, tão importante, especialmente, na fase final do trabalho, em que o desespero ameaça apoderar-se de nós. Muito obrigado por tudo.

De forma a não correr o risco de me esquecer de alguém em particular, ou de enveredar por uma tentativa, à partida condenada ao fracasso, de enumerar todas as pessoas em quem pensei nesta tão árdua tarefa de agradecer, optei por um grande bem haja a todas as pessoas que, de alguma forma, participaram no meu desenvolvimento pessoal e acompanharam o meu percurso, desde longa data ou que entraram mais recentemente na minha vida. Todos, de uma forma ou de outra, influenciaram o resultado final deste trabalho.

Obrigado aos colegas do mestrado e a todo o corpo docente. Obrigado a todos os amigos e companheiros. Obrigado a toda a família por todo o apoio. Enfim, um grande bem haja a todos que foram, e continuam a ser, importantes na minha vida, e que espero que tenham consciência. Obrigado por tudo.

Por último, impõe-se um agradecimento final a todos os participantes do movimento MayDay Lisboa 2009, que permitiram a realização deste trabalho. Obrigado também à Margarida por me ter contado a história dos seus cartazes e ter permitido utilizá-la para o meu trabalho.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	---

PRIMEIRA PARTE

Movimentos Sociais	9
1. Da história à teoria	9
2. Enquadramento teórico dos estudos sobre a acção colectiva	12
3. Movimentos alterglobalização: uma outra realidade é possível	16
4. Fórum Social Português e a Alterglobalização em Portugal	22

SEGUNDA PARTE

O Novo Mundo do Trabalho e os Movimentos dos Trabalhadores	25
1. Da Revolução Industrial à Revolução Informacional	26
2. O origens do Primeiro de Maio e o movimento sindicalista	33
3. Novos movimentos de trabalhadores precários – o caso da França	36

TERCEIRA PARTE

MAYDAY! MAYDAY! De Milão 2001 a Lisboa 2009	37
1. O nascimento de um novo movimento e a sua globalização	37
2. As origens do MAYDAY Lisboa	40

QUARTA PARTE

MAYDAY Lisboa 2009	45
1. O movimento	46
2. Precariado: a construção de uma nova identidade	61
3. Cria(c)tividade e o carácter performativo	65

CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
-----------------------------------	----

Geração Precária, Geração em Movimento. Que Futuro?

BIBLIOGRAFIA	81
---------------------------	----

ANEXOS	85
---------------------	----

ANEXOS

ANEXO A – Material de divulgação do MayDay Lisboa 2009	
Anexo A-1 - Logótipo do MayDay Lisboa 2009	85
Anexo A-2 – Autocolantes MayDay Lisboa 2009	86
Anexo A-3 – Cartazes MayDay Lisboa 2009	90
Anexo A-4 – Panfletos MayDay Lisboa 2009	92
Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009	95
Anexo A-6 – CD “Ora Dá Cá Um” produzido pela dupla Pedro e Diana	111
Anexo A-7 – Cantorias da Parada MayDay Lisboa 2009	114
Anexo A-8 – Postais MayDay Lisboa 2009 da autoria da Margarida Dias Coelho ..	117
ANEXO B – Material de divulgação MayDay Porto 2009	119
ANEXO C - Material divulgação MayDay Internacional	122
ANEXO D – Fotografias Festa MayDay Lisboa 2009	126
ANEXO E – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2009	129
ANEXO F – Fotografias dos cartazes dos trabalhadores precários da autoria da Margarida Dias Coelho	134
ANEXO G - Fotografias Parada MayDay Lisboa 2007	138
ANEXO H - Fotografias Parada MayDay Lisboa 2008	140
ANEXO I – <i>Curriculum Vitae</i>	

INTRODUÇÃO

Motivação inicial e definição das áreas de estudo

A presente dissertação pretende analisar a organização e a dinâmica do movimento Mayday Lisboa 2009 e a sua estratégia de acção na tentativa de construção de uma nova identidade colectiva: o precariado¹. O movimento Mayday Lisboa apresenta-se como um movimento “assemblário”², enquadrado no contexto mais global dos movimentos alterglobalização, é constituído por trabalhadores precários e tem como objectivo geral a luta contra a precariedade laboral.

Numa altura em que algumas economias, até aqui dominantes no plano global, caem num cenário pantanoso de crise, as consequências da flexibilização do mercado laboral manifestam-se no plano social. Na viragem para o século XXI, o tema da desregulação do mercado laboral entra em força no debate político, no discurso económico e na realidade social da “Nova Europa”³.

Para uns, sob o nome de flexibilidade laboral, apresenta-se como uma condição inevitável para o bom funcionamento da economia, e existe uma solução viável, e até comprovada, para os seus efeitos negativos: a adopção de uma política que teve como bandeira o conceito designado por “flexi-segurança”⁴. Para outros, esta realidade apresenta-se com um rosto distinto e um significado social diferente: o da precariedade laboral, consequência duma “chantagem” económica e social dos grandes poderes económicos, legitimada pela classe política dominante através de um discurso de intenções obscenamente eufemista, conformista e enganador.

¹ O precariado é o termo utilizado pelo movimento MayDay para representar a classe dos trabalhadores precários, em oposição ao proletariado, a classe de trabalhadores assente fundamentalmente no operariado, ou trabalhadores industriais.

² Escolhi este termo por ser o termo utilizado pelo próprio movimento MayDay Lisboa na sua auto-definição, tal como pode ser visto no editorial do jornal MayDay Lisboa 2009 – ver Anexo A-5. O termo é aqui utilizado para definir um movimento assente na acção de assembleias públicas.

³ Europa do período posterior à queda do muro de Berlim

⁴ O conceito da *flexi-segurança* surgiu no discurso político e económico em Portugal na última década, principalmente no período do governo socialista presidido por José Sócrates. Aparece com a intenção de contrabalançar o peso negativo associado ao trabalho temporário e precário. O termo é inspirado pelo sistema utilizado nos países nórdicos, nomeadamente na Dinamarca, que tenta conjugar a flexibilidade no mercado laboral com um sistema de protecção social e apoio para a inserção no mercado de trabalho e reconversão profissional. Foi apresentado como a solução para os problemas sociais provocados pela precariedade laboral.

O capitalismo é encarado por muitos como o único sistema de organização económica e social possível, e um certo discurso político e económico fatalista parece ser, assim, acolhido pela maioria da população num registo conformista e sem perspectiva de qualquer alternativa possível. A fotografia que Slavoj Zizek⁵ tira ao capitalismo contemporâneo é de como ele se reproduz a si mesmo ao nível da ideologia, debaixo de uma aparente permissividade está uma ideologia hedonística, de realização e afirmação pessoal, que retira ao indivíduo e à sociedade o combate político e a visão mais abrangente do todo.

Paralelamente, as estruturas sindicais, formas hegemónicas da organização dos movimentos dos trabalhadores desde a revolução industrial, apresentam uma tendência de declínio desde a década de 1980. Esta tendência deu início a uma discussão sobre a crise do movimento sindical.⁶ Os sindicatos são criticados, nomeadamente pelos fundadores do movimento MayDay, por não serem capazes de se adaptarem às novas problemáticas levantadas pela flexibilização laboral e de não ser capazes de seduzirem uma nova geração de jovens trabalhadores, que, justamente, se apresenta cada vez mais alheia ao movimento sindical.

No entanto, o aparecimento de iniciativas e movimentos focados na dinâmica e na luta contra o trabalho precário contrariam esta visão fatalista e conformista. Estes movimentos vieram despertar a minha curiosidade em termos do seu potencial como objecto de estudo. Conjugava o meu interesse académico pela área de estudos sobre a acção colectiva com uma temática premente da actualidade e de grande relevância para a análise das problemáticas sociais das sociedades contemporâneas do mundo ocidental, em geral, e, seguramente, da sociedade portuguesa em particular.

Este trabalho enquadra-se assim, inicialmente, na área de estudos sobre acção colectiva, mais especificamente no campo teórico dos novos movimentos sociais da alterglobalização. Contudo, o facto de o âmbito de acção do movimento escolhido ser o trabalho precário, torna inevitável um olhar à área de estudos sobre o trabalho e um enquadramento teórico, por mais

⁵ Slavoj Zizek é um intelectual, filósofo, activista político e teórico crítico da esquerda contemporânea. Escreveu sobre temáticas do multiculturalismo e dos direitos humanos, nomeadamente o livro *Elogio da intolerância*, e os artigos “*Against Human Rights*” e “*Multiculturalism or the cultural logic of multinational capitalism*”, recorrendo a temas da actualidade, tais como a guerra dos Balcãs e conflitos religiosos na Europa multicultural, para a sua análise da actualidade.

⁶ A discussão sobre uma possível crise do movimento sindical é referida por Anthony Guiddens, na sua obra *The Dictionary of Sociology*, e José Nuno de Matos, no seu estudo sobre “*Acção sindical e representatividade: um estudo de caso sobre o Sindicato de Professores da Grande Lisboa*”

breve que seja. Seria de todo impossível proceder a esta investigação e análise sem explorar nem referir algumas abordagens teóricas e contribuições recentes de alguns investigadores desta área de estudos.

Pelo facto de o trabalho precário afectar de forma mais flagrante os jovens trabalhadores, e pelo facto de o movimento MayDay ser dinamizado, maioritariamente, por jovens com idades entre os vinte e os trinta e cinco anos, o estudo acabou por entrar num terreno teórico que não estava nas intenções iniciais, e que podemos designar como “cultura da juventude”. Do cruzamento entre perspectivas da área dos novos movimentos sociais e do trabalho precário surgiram aos poucos, num outro plano, traços e questões ligadas à realidade vivida pela juventude nos dias de hoje, e que foram ganhando a forma de um possível retrato de uma nova geração.

Por esta dimensão da investigação não estar prevista desde o início, e se ter revelado aos poucos durante o processo, estas questões não estão presentes na génese do trabalho, mas antes no resultado final e apontam para uma outra área de investigação que parece pouco definida e que merece, porventura, uma maior atenção e desenvolvimento por parte das ciências sociais. Esta área revela um potencial imenso pela sua transversalidade, capaz de abarcar várias temáticas, e por apontar forçosamente numa única direcção: o Futuro, co-construído pelo colectivo da geração jovem da actualidade.

O objecto de estudo e o posicionamento do “eu” enquanto sujeito

Após uma primeira exploração, identifiquei quatro movimentos que se afiguravam como potenciais objectos de estudo: o grupo dinamizador do blog *F.E.R.V.E.- Fartos d’Estes Recibos Verdes*, sedado no Porto; o grupo dos *Precários Inflexíveis*, que surgiu em Lisboa em 2007; a *Associação dos Bolseiros de Investigação Científica*, uma associação de representação nacional dos bolseiros investigadores, uma classe bastante específica e recente, em que a realidade precária é vivida num limbo de indefinição institucional sobre o seu estatuto de trabalhadores; e, por último, o colectivo *Intermitentes do Espectáculo*, representantes de uma classe de trabalhadores para quem a questão da precariedade não é novidade, apresentando-se desde sempre como uma característica inerente ao sector das actividades artísticas e culturais.

A minha dificuldade em escolher o objecto de estudo, pois oscilava entre a definição de um dos grupos em concreto e a ambição de abarcar os vários movimentos num projecto de

contextualização geral, foi superada pela descoberta do movimento MayDay Lisboa. A descoberta do movimento e a sua escolha como objecto de estudo, para o meu projecto de mestrado, foi pautada por um grande entusiasmo inicial, pois conjugava vários interesses meus e espelhava certas vivências e experiências do meu passado pessoal.

Desde cedo que assumi o meu interesse académico na área de estudo sobre a acção colectiva que tem como objectivo a transformação da sociedade. Por outro lado, a temática do trabalho precário, inicialmente sugestão externa que se foi instalando no meu consciente, parecia também encaixar-se no meu percurso pessoal e profissional. Apresenta-se simultaneamente como tema premente na análise da actualidade social e económica e na análise de toda uma geração jovem que, depois de ter sido rotulada como “geração rasca”⁷, na década de 1990, ripostou definindo-se antes como uma “geração à rasca”. Proponho agora completar esta definição, numa construção que considero mais fiel à realidade da vivência desta geração, sugerindo a expressão “geração precária à rasca”.

Adepto do conceito de antropologia nativa⁸, reflexiva, crítica⁹ e interventiva, fez-me todo o sentido a identificação com o objecto de estudo escolhido. Forçado à natividade geográfica, abraçava outro tipo de terrenos que também me pareciam familiares. O meu percurso no movimento associativo estudantil cruzava-se com a experiência de alguns elementos do Mayday. A minha actividade profissional enquanto animador de uma UNIVA (Unidade de Inserção na Vida Activa), acrescentava alguns conhecimentos suplementares sobre políticas governamentais e

⁷ Esta expressão foi utilizada e difundida pelos meios de comunicação social em meados da década de 1990, durante a contestação estudantil à introdução de propinas pelo governo de Aníbal Cavaco Silva. O momento com mais impacto mediático aconteceu quando estudantes do ensino superior baixaram as calças para mostrar à ministra da educação, Manuela Ferreira Leite, as palavras inscritas “Não Pagamos”

⁸ Joseba Zulaika, no seu artigo “Anthropologist as a terrorist”, resume o trabalho de investigação que fez na sua terra natal, Itziar, no País Basco, sobre questões ligadas à violência política. É um exemplo de antropologia nativa contemporânea, com a qual me identifico. O trabalho etnográfico do antropólogo nativo permite expor posições críticas e as suas dúvidas podem se constituir como um caminho para melhor compreender a realidade na qual se insere o próprio antropólogo

⁹ Na segunda metade do século XX surgem antropólogos a reconhecer a importância da reflexividade no processo de análise antropológica. José da Silva Ribeiro, no seu livro *Métodos e técnicas de investigação na antropologia* (2003), refere duas dimensões essenciais na reflexividade: por um lado a *dimensão individual*, relativa ao posicionamento e à presença do próprio antropólogo; por outro lado a *dimensão social colectiva da reflexividade*. A reflexividade enquanto metodologia tem como objectivo reconhecer a presença do investigador das ciências sociais no terreno e a influência que o mesmo tem sobre o conhecimento daí resultante. Ao invés de tentar omitir a sua presença, o antropólogo deve não só reconhecê-la, mas também explorá-la e usá-la criativamente. (Ribeiro, 2003:88-90)

A antropologia feminista foi talvez uma das primeiras correntes a compreender de forma exemplar a reflexividade como abordagem pós-moderna. A auto-reflexão e a crítica sistemática dos pressupostos de pesquisa, bem como dos resultados obtidos pelo investigador, são o caminho para a interpretação da realidade. Ver artigo “A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia” de Teresa Pires Caldeira

realidades sociais adquiridos, também eles, no terreno, embora num contexto totalmente distinto, o contexto de um bairro “clandestino” representado pelo Bairro 6 de Maio, na Amadora.

Finalmente, enquanto indivíduo, sou um dos retratos vivos da nova geração de trabalhadores precários. Embora ainda me encontre no início da minha vida profissional (dificilmente poderia utilizar o termo “carreira” profissional), a realidade é que ao longo de seis anos já passei por várias experiências profissionais, nenhuma delas em condições de ser definida de outra forma que não como precária.

No entanto, após esta explosão inicial de entusiasmo, rapidamente surgiram questões sobre as possíveis consequências dessa identificação, aparentemente tão clara, com o objecto de estudo. Os fantasmas e o receio de perder a capacidade analítica “objectiva e imparcial”, levaram a reflexões, por vezes angustiantes¹⁰, sobre o risco de tais projecções, suas consequências e influências no resultado final da investigação. A melhor forma de participar e de me envolver com o MayDay não era clara e à efusão inicial seguiu-se um período de retracção relativamente ao objecto de estudo. Creio que acabei por, a vários níveis de consciência, procurar manter um certo distanciamento. A minha situação de trabalhador-estudante, bem como outras circunstâncias da minha vida pessoal, limitavam à partida a minha participação e envolvimento com o movimento. Serviu pois, assim, como resguardo aos receios metodológicos e analíticos derivados desta “natividade”, sentida pela identificação do sujeito com o objecto, em vários planos e dimensões.

Metodologia e trabalho de campo

No plano metodológico, o meu trabalho de investigação baseou-se principalmente na observação participante e na recolha de dados e material etnográfico.

Particpei em cerca de dois terços das assembleias do movimento, que tinham uma frequência semanal, tendo tomado contacto com o movimento na segunda assembleia, a 4 de Março de 2009. Para além das assembleias acompanhei as discussões na mailing list, assisti a uma

¹⁰ Georges Devereux, etnógrafo e psicanalista de formação, contribuiu de forma decisiva para uma melhor compreensão dos efeitos que o estudioso tem no processo de investigação, bem como os efeitos que esse mesmo processo tem no investigador. No seu livro *De l'angoisse a la méthode dans les sciences du comportement*, editado em 1967, defende precisamente que, o reconhecimento da subjectividade inerente às ciências do comportamento é o primeiro passo em direcção a uma maior objectividade do conhecimento por elas produzido. *L'angoisse bien comprise est source de sérénité psychologique et de créativité, et donc aussi de bonne science* Devereux, 1980:146

reunião preparatória da acção do Centro de Emprego e participei na acção das E.T.T. – Empresas de Trabalho Temporário¹¹. Estive ainda presente na festa do MayDay no Ateneu de Lisboa e desloquei-me ao Porto para assistir à festa do MayDay Porto, a 24 de Abril, no que acabou por ser a única oportunidade de contacto directo com o movimento do Porto. O clímax da investigação foi, naturalmente, a Parada do Primeiro de Maio, que constitui, em simultâneo, o início do desmembramento do movimento e a sua consequente hibernação até à Primavera seguinte.

Para além da observação participante realizei entrevistas a quatro participantes do MayDay, seguindo um modelo de entrevista de guião semi-aberto. Estas entrevistas permitiram-me reconstituir a altura da chegada do movimento MayDay a Lisboa em 2007. Entrevistei ainda Margarida Dias Coelho, em dois encontros informais, dos quais resultou o relato da sua actividade artística de intervenção urbana, que apresento como caso de estudo na secção dedicada ao carácter performativo do movimento, inserido na quarta parte do trabalho.

A utilização de meios audiovisuais foi uma das principais apostas ao nível da divulgação do movimento MayDay Lisboa 2009, constituindo um espólio muito rico. Em termos de material etnográfico para análise, a abordagem do movimento MayDay revelou-se muito profícua, quer na produção discursiva, quer iconográfica, quer no plano performativo.

Foram criados panfletos, autocolantes, crachás e cartazes, no que diz respeito à divulgação da festa e da parada, bem como um blogue e quatro vídeos de acções do movimento, postos a circular na Internet. Foi também elaborado um jornal e a dupla Pedro e Diana lançou um CD de produção caseira intitulado “Ora dá cá um”, sobre a temática da Precariedade. Para a parada foram produzidos vários materiais como cartazes, faixas ou materiais para jogos subordinados ao tema da precariedade. A Parada incluiu ainda coreografias acompanhadas por músicas humorísticas, que acrescentaram uma dimensão performativa, característica do movimento. Em anexo encontram-se exemplos de algum material de divulgação do movimento MayDay a nível internacional e algum material do MayDay Porto, que teve em 2009 a sua primeira edição, para a análise da iconografia produzida em termos globais.

¹¹ Estas acções fizeram parte das acções iniciais do movimento que resultaram na produção de vídeos, postos a circular pela Internet e utilizados nas convocatórias das assembleias iniciais. Estas acções são analisadas na quarta parte do trabalho dedicada ao trabalho de campo.

Organização do texto

Visto que a própria produção de conhecimento está condicionada ao contexto histórico da época em que se insere, optei por uma contextualização histórica inicial e pelo enquadramento teórico dos movimentos sociais em simultâneo. Esta primeira parte do trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro faço a contextualização histórica dos movimentos sociais desde o início da idade moderna até meados à década de 1960 e no segundo capítulo prossigo com o respectivo enquadramento teórico sobre acção colectiva, que teve início na mesma década. O terceiro capítulo remete-nos para o momento actual, ao focar o aparecimento dos movimentos alterglobalização da actualidade e na abordagem de alguns teóricos contemporâneos fundamentais para a análise dos mesmos, nomeadamente Michael Hardt, António Negri, Boaventura Sousa Santos, June Nash e Marc Edelman. Finalmente, encerro a primeira parte do trabalho com o capítulo dedicado à realidade da actualidade portuguesa no que diz respeito ao movimento alterglobalização, através duma análise da organização do primeiro Fórum Social Português¹².

A segunda parte explora a temática do trabalho. À semelhança da primeira, dedicada aos movimentos sociais, inicia com a contextualização histórica sobre as transformações no mundo do trabalho, desde a Revolução Industrial até à Revolução Informacional¹³. Pelo facto da área do trabalho não ser a principal área teórica da dissertação, optei por uma breve abordagem a alguns pontos de vista partilhados por autores como Michael Hardt e António Negri, ou ainda a análise social elaborada por Richard Sennett, particularmente pertinentes para o conteúdo específico deste projecto.

A análise centra-se nas consequências das transformações do mundo laboral não só para o funcionamento da sociedade como um todo, mas também para os movimentos dos trabalhadores. Incluí, assim, um segundo capítulo dedicado à história do movimento sindical e às origens do Primeiro de Maio, dia internacional do trabalhador e uma breve referência aos novos movimentos de trabalhadores precários em França.

¹² Esta análise é fundamentada no artigo dos sociólogos portugueses Marinús Pires Lima e Cristina Nunes sobre a primeira edição do Fórum Social Português realizada em 2003, em Lisboa, e que foi inspirado no Fórum Social Mundial, expoente máximo do movimento alterglobalização em termos globais, que teve a sua primeira edição no ano 2001, em Porto Alegre, no Brasil

¹³ Michael Hardt e António Negri utilizam a expressão “informacional” para descreverem o processo de transformação do trabalho e da economia, anteriormente centralizados na produção industrial, e neste momento caracterizados pelo fornecimento de serviços, manipulação de informação, num processo de *pós-modernização* ou *informatização económica*. Ver Hardt et Negri, 2004:311-313

Na terceira parte apresento o movimento MayDay desde a sua origem. Num primeiro capítulo, revisito o aparecimento do movimento MayDay em Milão, em 2001, e o seu processo de globalização, enquanto o segundo capítulo desta secção é dedicado especificamente às origens do movimento MayDay Lisboa, com a sua primeira edição em 2007.

Na quarta parte desta dissertação encontra-se o trabalho de campo, com a descrição do movimento MayDay Lisboa 2009 e das suas actividades, interpretando e analisando os dados recolhidos. Divide-se em três capítulos principais centrados na análise de três dimensões do movimento que incluem: a organização e a dinâmica do movimento, a construção da identidade colectiva do precariado e a cria(c)tividade¹⁴ de carácter performativo.

Por fim, apresento as considerações finais revendo alguns aspectos que achei mais interessantes na análise do movimento MayDay Lisboa 2009 e lanço algumas questões, deixadas em aberto relativamente ao potencial de transformação do movimento e ao seu impacto social no que diz respeito à situação da precariedade laboral, bem como à situação actual dos movimentos da alterglobalização.

¹⁴ O termo cria(c)tividade é utilizado pelos fundadores do movimento MayDay na sua auto-representação e pretende fundir os conceitos de *actividade* com o de *criatividade*

PRIMEIRA PARTE

MOVIMENTOS SOCIAIS

1. Da história à teoria

A transição do século XVIII para o século XIX, que marca o início da modernidade, vai ser considerada como ponto de partida para a contextualização histórica do desenvolvimento dos movimentos sociais. Atravessava-se um período de profundas transformações em múltiplas áreas da sociedade: económica (desenvolvimento do capitalismo como principal modelo de organização económica), política (a concepção e construção do estado-nação), social (aparecimento de novas classes sociais), cultural e religiosa (início do processo de secularização da sociedade e do poder e emergência da hegemonia da ciência moderna face a explicações transcendentais).

Na sua obra, *A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII*, E. P. Thompson concentra a sua análise precisamente em acções de protesto e rebelião das multidões durante o século que culminou com a Revolução Francesa e a independência dos Estados Unidos da América. Retratou o que se pode definir como um ciclo de transição e de protesto face às alterações que ocorriam na ordem social e económica da época, que assiste ao aparecimento e consolidação inicial do sistema capitalista.

*“Em quase todas as acções da multidão oitocentista é possível encontrar alguma noção legitimadora. Através do conceito de legitimação, pretendo afirmar que os homens e as mulheres da multidão acreditavam estar a defender direitos ou costumes tradicionais e, em geral, ter o apoio de um amplo consenso comunitário.”*¹⁵

E. P. Thompson refuta por completo a visão historiográfica que, na análise das rebeliões ou motins populares do século XVIII, reduzia a rebelião popular a puras reacções instintivas e espasmódicas derivadas de necessidades básicas e da fome da multidão revolta.¹⁶

¹⁵ Thompson, 2008:21

¹⁶ Thompson, 2008:21

Thompson defende que, muito pelo contrário, as multidões do século XVIII revestiam os seus actos colectivos de um profundo significado social, evocando um conjunto de normas que orientavam e legitimavam os seus actos e que davam corpo ao que Thompson designa como “economia moral”.

“Esse quadro (de consenso popular), por seu turno, assentava num sólido e tradicional entendimento acerca das normas e obrigações sociais, e das funções económicas inerentes aos diversos sectores da comunidade, que, no seu conjunto, podem ser descritos como a economia moral dos pobres. Afrontar semelhantes preceitos morais constituía habitualmente um motivo para a acção directa – tanto quanto a efectiva privação.”¹⁷

Ao longo do século XIX o movimento abolicionista, embora nem sempre apoiado em acção colectiva, e a vaga feminista, com a luta pelo sufrágio universal, constituem-se como exemplos marcantes no início desta caminhada pela luta dos direitos de certos grupos específicos da sociedade¹⁸. Contudo, as suas lutas travavam-se nos círculos pensantes e eruditos, ao nível das mais altas esferas da sociedade, círculos próximos e com algum tipo de acesso aos núcleos de poder. Em simultâneo, a luta das próprias comunidades e grupos ocorria no terreno, com rebeliões, fugas, protestos e manifestações populares.

Como consequência da Segunda Grande Guerra, no que diz respeito a novas lutas e movimentações sociais, inicia-se a ascensão do movimento de libertação e independência das colónias. À medida que se assiste ao desmembramento dos impérios, predominantemente europeus, assiste-se também ao deslocamento da tensão e movimentação militar entre os dois blocos hegemónicos para o que viria a ser designado como Terceiro Mundo. Em consequência, os dois blocos acabam por assumir a designação de Primeiro Mundo, estatuto reclamado pelos ocidentais e o Segundo Mundo, designação implicitamente atribuída ao bloco soviético.¹⁹

¹⁷ Thompson, 2008:23

¹⁸ José Ribeiro, na sua obra “*Métodos e técnicas de investigação em antropologia*” (2003), considera o período entre 1850 e 1920 como correspondente à primeira vaga feminista, o movimento sufragista feminino. Este movimento tinha como objectivo inverter a tendência hegemónica masculina na sociedade, mas também no discurso científico produzido na sua grande maioria por homens.

¹⁹ ver Artur Escobar, 1995, “The problematization of poverty: the tale of three worlds and development”

Chegamos assim à década de sessenta, que se constituiu como marco incontornável, quer na história dos movimentos sociais, quer na produção de conhecimento e teorização sobre os mesmos, por parte das diferentes áreas das ciências sociais. Este período intenso de mobilização popular, com uma proliferação de movimentos sociais de luta por direitos civis deu origem a tentativas várias de teorização e análise dos movimentos sociais e da acção colectiva. O que se passava no campo da acção colectiva constituía material fértil para análise e originou uma produção de conhecimento abundante, embora muitas vezes dispersa, sobre a estrutura e a dinâmica dessas mobilizações humanas em torno das mais diversas causas.

Nos Estados Unidos surgem os movimentos anti-guerra do Vietname, a par com a luta pelos direitos civis da comunidade negra e de outras minorias étnicas ou raciais²⁰. Inicia-se o que ficou conhecido como a segunda vaga feminista e arrancam as lutas relacionadas com a sexualidade, nomeadamente o movimento de luta pelos direitos da comunidade homossexual, bissexual e transexual. Surgem ainda outros movimentos centrados no ambiente e ecologia, acompanhados por movimentos de luta anti-nuclear.²¹

Na Europa, quer dum lado do muro, quer do outro, também se assistem a fortes mobilizações populares opondo-se às estruturas de poder centrais e reclamando transformações sociais nas mais variadas áreas e sentidos. O mês de Maio de 1968 torna-se incontornavelmente na “marca” de toda uma geração de jovens, que passou a ser referida como a Geração de Maio de 68, ou simplesmente Geração de 68.

Os acontecimentos de Maio de 1968 em França e em Praga simbolizam o apogeu da efervescência popular. Contudo a repressão militar brutal do movimento da Primavera de Praga por parte da URSS²² resultou no reforço da ocupação militar e controlo político da Europa de Leste por parte dos soviéticos. A normalização da sociedade francesa foi conseguida com o reforço do General de Gaulle através do acto eleitoral consequente da rebelião popular. Os ânimos populares e o desejo de mudança foram assim refreados. No

²⁰ Gerd Baumann, na sua obra “*Multiculturalism Riddle: rethinking national, ethnic and religious identities*”, faz uma análise sobre a forma como se desenvolveram as lutas pelos direitos civis, étnicos e religiosos na década de sessenta e a forma como a noção de cultura é interpretada pelos diversos movimentos que surgiram nesta época nos Estados Unidos da América e como são construídas as identidades resultantes.

²¹ Ver Edelman e Nash

²² União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

entanto, os acontecimentos desta época deixaram as suas marcas e resultaram em alterações profundas nas sociedades ocidentais.

No livro “Mai 68: Soyons réalistes, demandons l’impossible”²³, de Philippe Godard, constituído por um conjunto de testemunhos de vários participantes, muitos deles protagonistas nos acontecimentos da altura, convergem opiniões no sentido de refutar a ideia de fracasso de todas as movimentações da década de 60, em termos dos seus resultados práticos. Muitos desses testemunhos defendem que esse período de turbulência social, em que tudo parecia possível, deu origem a mudanças consideradas positivas, na conquista e defesa de direitos que levaram à transformação de mentalidades.

2. Enquadramento teórico dos estudos sobre a acção colectiva

Durante este período de ebulição social assiste-se à dispersão dos movimentos em várias frentes de luta específicas, centradas noutras relações de poder instituído, fora do âmbito laboral e económico. No campo académico, a profusão de novas áreas de estudo baseadas na multi/interdisciplinaridade dava novas cores ao mapa de divisões disciplinares. A lista pode tornar-se extensa, por isso, limito-me a destacar alguns como os Estudos do Pós-Colonialismo, Estudos do Desenvolvimento, Estudos de Género, os Estudos LGBT ou Queer, os Estudos Culturais e o Multiculturalismo.²⁴

Contudo, no campo da antropologia as investidas foram tímidas e os antropólogos mantiveram-se inicialmente afastados da teorização sobre acção colectiva, na perspectiva dos movimentos sociais ou na exploração do conceito de agência. Em parte, a resistência dos antropólogos derivou da suposta divisão de trabalho entre a antropologia e outras ciências sociais, como a sociologia e as ciências políticas, a par com uma resistência visceral a grandes generalizações teóricas.²⁵

²³ “Mai 68: Soyons réalistes, demandons l’impossible”, organizado por Philippe Godard, é composto por textos de Jean-Pierre Duteuil, Hélène Lee, François Rauline, Claude Neuschwander e Raoul Vaneigem

²⁴ João de Pina Cabral, no seu artigo “*The future of social anthropology*” (2005), refere-se ao aparecimento destas novas categorias de estudo alternativas, que aparecem a partir da década de setenta, como “*fashion-driven*”. Neste artigo alerta para a erosão provocada na antropologia enquanto disciplina com um esqueleto e referências comuns e apela para a defesa do património comum dos antropólogos e uma retoma dos seus valores de procura da universalidade.

²⁵ Edelman, 2001: 285-6

Uma das características e um problema inicial da área de estudos sobre a acção colectiva e movimentos sociais foi a sua compartimentalização, que resultou em debates paralelos e descontinuados. Dá-se uma separação académica entre a antropologia, a sociologia, as ciências políticas e a psicologia. Existe ainda uma diversidade ao nível dos objectos e processos estudados que contribuiu ainda para outras divisões em áreas temáticas como por exemplo: greves, revoltas, movimentos sociais, movimentos étnicos ou mobilizações nacionalistas.²⁶

Na década de 70, várias correntes como a corrente funcionalista, a marxista, ou dos seguidores de Durkheim, e ainda vindas da área da psicologia, definem enquadramentos teóricos sobre acção colectiva.

A corrente funcionalista, como refere Michel Wieworka²⁷, define movimento social como “*acção colectiva que resulta de uma crise, de modificações profundas no sistema*” (in Wieworka, 2003: 22-3). Esta teoria pode ser complementada pela psicologia da frustração relativa que leva à acção, visão que no seu início esteve associada a algumas correntes marxistas. No entanto, a principal divisão no campo teórico dos movimentos sociais, deu-se entre o Paradigma Americano, centrado na análise da mobilização de recursos e estratégias de acção, e o Paradigma Europeu, orientado para a identidade e para o indivíduo enquanto actor social.²⁸

No campo europeu, o sociólogo Alain Touraine é reconhecido como um dos principais mentores da teorização dos Novos Movimentos Sociais, outra denominação para esta corrente teórica. A sua análise tem como base duas grandes dimensões, a do conflito central na sociedade, derivada da corrente marxista e outra, o conceito do actor social, inspirado no pensamento de Max Weber.

²⁶ Edelman “Social Movements: Changing Paradigms and Forms of Politics” *Annual Review of Anthropology*, Vol. 30 (2001), pp. 285-317.

Edelman, 2001: 285-6

²⁷ Michel Wieworka, *Os movimentos “anti-mundialização”* in Rebelo, José (coord.) 2003 *Novas formas de mobilização popular* Campo das Letras - Editores, S.A

²⁸ Esta divisão é salientada por Marc Edelman, June Nash e também por Magali Boumaza e Philippe Hamman no seu livro *Sociologie des mouvements précaires: espaces mobilisés et répertoires d’action*

Alain Touraine desloca a centralidade do conflito social para as clivagens sociais geradoras de novas identidades. O trabalho e as relações laborais deixam assim de ser centrais na definição da identidade e do conflito, dando lugar a essas novas dimensões sociais como o género, a raça, o estilo de vida ou comportamentos. Uma das principais críticas feitas a esta corrente foi precisamente o relegar para segundo plano a questão do conflito de classes centrado nas relações de trabalho e controlo sobre os meios de produção.²⁹

As lutas sustentadas exclusivamente em identidades colectivas como o género, a raça ou etnia e assentes em divisões dicotómicas homem/mulher ou branco/negro, tornam-se redutoras. As questões das desigualdades nas relações de poder assentam numa complexidade de factores que não podem ser reduzidos apenas a uma identidade socialmente e culturalmente construída. Os problemas de desigualdades nas relações de poder não existem apenas entre duas categorias dicotómicas, manifestam-se também dentro da realidade de cada categoria. Cada categoria contempla uma heterogeneidade de vozes, experiências e realidades.

Algumas análises, que tiveram por base estudos efectuados nomeadamente por antropólogas feministas da terceira vaga, vieram argumentar que o sucesso das lutas assentes em identidades colectivas como o género, a raça ou etnia é relativo. Na realidade, esse “sucesso” muitas vezes reforça as hierarquias dentro de cada categoria particular e mantém as desigualdades sociais e económicas derivadas de outros factores.³⁰

Enquanto na Europa se desenvolvia o paradigma baseado na identidade e no actor social, já no continente americano a teorização centrava-se nas estratégias e na mobilização de recursos. A inspiração provinha do conceito “actor-racional” da teoria desenvolvida pelo economista Mancur Olson, baseada na racionalidade do indivíduo e na rejeição das teorias que tinham como base, precisamente, a irracionalidade do indivíduo.³¹

O foco da análise e da construção teórica do paradigma americano recaía nos recursos materiais, humanos, cognitivos, técnicos e organizacionais. Estes recursos são utilizados pelos movimentos como forma de recompensar os seus militantes e se expandirem e afirmarem no

²⁹ Edelman, 2001: 288

³⁰ June Nash, 2005: 11

³¹ Edelman, 2001: 289

plano político. A acção colectiva era assim vista como uma política de determinados grupos de interesses, dinamizada pelos grupos mais interligados ao poder e em oposição aos grupos mais desfavorecidos e com poucos recursos.³²

Mas se o paradigma americano servia como enquadramento teórico para a análise de alguns movimentos sociais representados pela política de grupos de interesses (o que alguns apelidaram de “indústria dos movimentos sociais”), esta corrente teórica revelou-se incapaz de contemplar movimentos sociais que apareciam com poucos recursos e que, inclusive, implicavam muitas vezes riscos e perigos sérios para os seus participantes. Esta teoria apresentava ainda dificuldade em acomodar de forma adequada o entusiasmo, a espontaneidade, os sentimentos de solidariedade e de partilha comunitária.³³

Na sequência de apelos à fusão dos dois paradigmas surgem na década de 90 várias tentativas de aproximação e síntese que se desenvolveram à volta de conceitos como oportunidades políticas, estruturas de mobilização e o enquadramento das identidades colectivas, que englobam as práticas discursivas, interpretativas e dramáticas que moldavam os movimentos.³⁴

Alberto Melucci, um dos seguidores de Touraine no desenvolvimento da teoria dos Novos Movimentos Sociais, reconhece três dimensões principais aos movimentos sociais: primeiro, o reconhecimento e a partilha por parte dos actores sociais de identidades, objectivos e percepções comuns; segundo, uma relação de oposição a adversários que reclamam os mesmos bens ou valores; finalmente, acções que excedem a tolerância por parte do sistema social e que têm como objectivo a mudança.³⁵

Michel Wieworka, referindo-se a Charles Tilly enquanto um dos principais representantes da teoria de mobilização de recursos, resume a sua definição de movimento de social como

“uma conduta estratégica, instrumental, na qual o actor mobilizava meios, incluindo a violência, para atingir determinados fins. A acção, nesta

³² idem

³³ idem

³⁴ Edelman, 2001: 291

³⁵ Edelman, 2001: 289

*perspectiva, era racional e corresponderia a interesses do actor, sempre colectivo”.*³⁶

Desta forma, existe uma tentativa de distanciamento da teoria da mobilização de recursos que fundamentava a explicação da acção apenas a partir dos interesses individuais dos participantes, contemplando o actor colectivo.

3. Movimentos alterglobalização: uma outra realidade é possível

Paralelamente a esta tentativa de síntese e fusão entre as principais correntes teóricas, no terreno os movimentos sociais passam por um processo de transição, atingindo uma nova fase da sua história. Adquirem uma dimensão global e estabelecem redes de cooperação transnacionais entre vários movimentos de causas diversas e cujos caminhos até então raramente se cruzavam.

À medida que as grandes instituições supranacionais se articulavam na imposição de medidas e estratégias orientadas para o neoliberalismo económico, começavam também as primeiras manifestações e sinais de resistência por parte dos diversos movimentos e comunidades afectadas com as transformações globais. Os agricultores dão início nas décadas de 80 e 90 a um movimento internacional crítico das grandes instituições supranacionais e intergovernamentais. Os protestos à porta das reuniões do G.A.T.T.³⁷, que tinham como objectivo promover o comércio livre e a desregulação dos mercados, tornaram-se notícia global.³⁸

A resposta dos movimentos de agricultores reveste-se de um carácter transnacional não apenas por terem ocupado um palco global ao manifestarem-se à porta das reuniões internacionais, mas principalmente porque resultou no estabelecimento de uma rede de contactos e articulações entre movimentos de várias regiões do mundo. Estes foram capazes de gerar coligações variadas com o objectivo de pressionar e influenciar o posicionamento dos respectivos governos nas negociações intergovernamentais.

³⁶ Wieworka, 2003: 22-23

³⁷ General Agreement on Trade and Tariffs

³⁸ Nash, 2005 e Edelman, 2001

Vários acontecimentos que ocorreram no final da década de 80, e se multiplicaram durante a década de 1990, foram marcantes e representativos desta nova dimensão global dos movimentos sociais. Podemos nomear alguns como a repressão dos estudantes na Praça de Tiananmen em 1989, o movimento dos Sem Terra no Brasil, a grande greve do sector dos transportes em Paris em 1995, os movimentos anti-guerra que surgiram como reacção às intervenções militares de larga escala no Iraque, Kosovo e Afeganistão, iniciativas de boicote comercial que transformam o consumo em arma de pressão sobre as multinacionais. Pode ter-se ainda em conta como fenómeno de mobilização popular recente, a movimentação de repúdio do discurso governamental que teve lugar na comunidade de Madrid, quando o governo de Aznar procurou atribuir à ETA a autoria dos atentados de Março de 2004, que constituíam uma retaliação pelo seu apoio à invasão do Iraque liderada pelos EUA, procurando assim afastar de si quaisquer responsabilidades.³⁹

Devido à sua forte carga simbólica entendi ser pertinente a escolha do movimento Zapatista e dos acontecimentos de Seattle em 1999 pela sua importância na projecção global de novas estratégias de luta dos movimentos sociais. O movimento Zapatista por ter surpreendido o mundo, no primeiro dia de Janeiro de 1994, ao declarar a luta armada e a rebelião no estado de Chiapas, após um período de preparação de 10 anos. Os protestos de Seattle, que ocorreram à porta da reunião da Organização Mundial do Comércio em 1999, por serem considerados por muitos como um ponto de viragem para a nova era dos movimentos sociais de mobilização e resistência global.

O movimento Zapatista do Exército Zapatista de Libertação Nacional (E.Z.L.N), sediado nas remotas selvas tropicais de Lacandón, constituiu-se como referência inspiradora para vários movimentos espalhados pelo mundo. Do mesmo modo inspirou intelectuais do campo académico e alguns sectores da esquerda europeia. O exército Zapatista foi apoiado no terreno por grupos bascos, grupos anarquistas espanhóis, socialistas franceses e contaram com a simpatia e apoio de várias figuras de proa da arena política, social e intelectual da esquerda europeia. Estabeleceram ligações ao meio académico e organizaram as Conferências Inter-

³⁹ António Negri faz estas referências no conjunto de entrevistas conduzidas por Ralf Valvola Scelsi que resultaram no livro *Adeus Sr Socialismo: Que futuro para a Esquerda?*. Neste livro António Negri percorre o que considera serem os principais acontecimentos das últimas duas décadas, no que diz respeito aos movimentos sociais.

Galácticas que produziram declarações finais de princípios, e cujo nome é claramente revelador do seu intuito global e universalista.⁴⁰

Alain Touraine, que participou na “International Convention Against Neoliberalism and for Humanity”, promovida pelo E.Z.L.N. na selva Lacandón, refere-se a este processo global encarnado pelo movimento zapatista da seguinte forma:

“Now it is a question of going from revolutionary to something that does not have a name yet, but that this democracy to the defense of cultural rights, the capacity of communication to the defense of diversity. The union of identity is that of specificity with the universal. I believe that international opinion appreciates a great deal of what Indian communities of Chiapas are, as people located in a particular space, a time, a culture, who speak a universal language. In some way, the ski masks signify “we are you,” the universality. I am at the same time a member of my community but with the voice of my mountain I speak with the phrase I am you, that, along with the phrase, to command while obeying is one of the greatest definitions of what is democracy”⁴¹

Alain Touraine expressava assim a sua convicção na possibilidade da coexistência pluricultural num contexto global, onde várias identidades se podem afirmar pelas suas diferenças e especificidades, e serem, simultaneamente, únicas e universais, reconhecendo-se uma na outra.

Por outro lado, António Negri, académico e activista que participa e acompanha os movimentos sociais desde a década de 1960, discorda desta suposta universalidade da mensagem emitida a partir da selva de Lacandón. Considera que as diferentes manifestações, em vários locais e em torno de lutas tão diversas, não são capazes de ser traduzidas em termos das suas necessidades e desejos, expressos em contextos tão variados.⁴² No entanto, não deixa de reconhecer a importância do movimento Zapatista enquanto “*primeira evocação na imaginação de uma outra modernidade. De onde, por outra modernidade se entende uma coisa diferente daquilo que foi e é a modernidade, algo de diferente da redução a um modelo histórico contínuo, progressivo e linear*”.⁴³ A experiência Zapatista pode ser assim considerada como uma antecipação do altermundialismo promovido em Seattle em 1999.

⁴⁰ Nash, 2005:3-4

⁴¹ in Nash, 2005:11-12

⁴² Nash, 2005:12

⁴³ Negri, 2006:75

Como referi anteriormente, elegi os protestos de Seattle enquanto marco simbólico do início duma nova fase na história dos movimentos sociais, mas também pela sua carga simbólica amplamente reconhecida pelos analistas desta área teórica. António Negri refere-se a Seattle como “o encontro da multidão”⁴⁴, multidão essa composta por várias forças sociais que não tinham tradição de trabalho em conjunto e que deram início a uma cultura de cooperação através da construção de uma rede de contactos e solidariedade entre movimentos com diversas causas⁴⁵.

A coligação anti-comércio livre conseguiu ocupar lugar de destaque nas notícias e nas discussões sobre a actualidade a nível global, numa conjugação de forças entre sindicalistas, agricultores e activistas ambientais que poderia parecer uma conjugação de forças sociais, causas e práticas políticas bastante improvável.⁴⁶ António Negri defende que Seattle não surpreende quem já frequentava o meio dos movimentos sociais na década de 1990, sendo estes acontecimentos o culminar de uma série de iniciativas que já se manifestavam no meio activista.⁴⁷⁴⁸

A partir deste momento assiste-se ao início da construção de uma visão de globalização alternativa, que recusa o modelo hegemónico do desenvolvimento capitalista neoliberal e se apoia em várias experiências inovadoras. Em resposta às reuniões das grandes instituições supranacionais, tais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a

⁴⁴ António Negri faz esta referência *Adeus Sr Socialismo: Que futuro para a Esquerda?*

⁴⁵ Na obra conjunta de António Negri e Michael Hardt, intitulada justamente de *Multidão: Guerra e democracia na era do Império*, os dois autores concebem a *multidão* como “a alternativa viva que cresce dentro do Império.”. Vêem-na como consequência, ou como a outra face da globalização “(...)a globalização é também a criação de novos circuitos de cooperação e colaboração que cruzam as nações e os continentes e permitem um número ilimitado de encontros” e aplica também a imagem de rede mas de características diferentes da rede de organizações supranacionais e grandes corporações económicas: “a multidão pode, também ela, ser assim concebida como uma rede: uma rede aberta e expansiva em que todas as diferenças se podem exprimir livre e igualmente, uma rede que proporciona os meios de encontro que nos permitem trabalhar e viver em comum.”, Hardt et Negri, 2005:9. Apresentam ainda o “projecto da multidão” como “a possibilidade da democracia a uma escala global” ... “que não só exprime o desejo de um mundo de igualdade e de liberdade, não só reclama uma sociedade democrática global aberta e inclusiva, mas fornece também os meios da sua realização.” Hardt et Negri, 2005:7

⁴⁶ Nash, 2005:308

⁴⁷ Negri, 2006:63

⁴⁸ Cristiana Bastos, na seu estudo sobre *Ciências, poder, acção: respostas à SIDA* analisa as respostas em termos de acção ao aparecimento da pandemia da SIDA, um bom exemplo de um fenómeno global, neste caso um problema de saúde pública, que desencadeou múltiplas respostas de mobilização de dimensões locais e globais.

Organização Mundial do Comércio, os encontros dos G7/G8/G20⁴⁹ ou o Fórum Económico Mundial de Davos⁵⁰, os movimentos sociais promovem encontros paralelos e de dimensões igualmente globais. O Fórum Social Mundial⁵¹ é o exemplo máximo, a par com a organização por parte das Nações Unidas de várias iniciativas, como as Conferências de Desenvolvimento dedicadas às temáticas da População/Demografia⁵², do Género⁵³, e do Ambiente⁵⁴. É ainda de referir a constituição do G77⁵⁵, grupo que tem um papel simbólico de oposição e contrabalanço de poder relativamente ao G7.

Marc Edelman considera que estes acontecimentos uniram, como nunca antes na história, diferentes problemáticas e diferentes grupos de activistas em movimentos pós-materialistas, baseados na identidade e na classe social. Geram-se alianças acéfalas, horizontais e “*loosely networked*” que emergem como actores principais na cena mundial. Um dos exemplos mais ilustrativos destas novas tendências aparece com a situação caricata vivida pela organização International Campaign to Ban Landmines quando lhe foi atribuída o Prémio Nobel da Paz. O facto de não estar registada em nenhum país, não ter endereço ou sede, nem mesmo conta bancária, ia tornando impossível a entrega do respectivo prémio monetário.⁵⁶

Neste momento é claro que a globalização gera política de identidade, que o ataque ao estado de providência desencadeia movimentos de resistência e que as instituições de

⁴⁹ Grupos informais constituídos pelas sete, oito e vinte economias mais desenvolvidas do mundo, as maiores potências políticas e económicas do mundo

⁵⁰ Fórum Económico Mundial é uma instituição sem fins lucrativos conhecida pelas reuniões que promove em Davos, na Suíça. A organização convida diversas figuras consideradas proeminentes e referências no mundo da política, da economia, da comunicação social, da ciência e da sociedade civil com o objectivo de discutir problemas globais. Ver <http://www.weforum.org>, sítio da organização Fórum Económico Mundial, consultado a 21 Setembro de 2010

⁵¹ O Fórum Social Mundial foi organizado em Janeiro de 2001 na cidade de Porto Alegre no sul do Brasil. Surge por contraposição ao Fórum Mundial Económico de Davos e contou com a participação de milhares de Organizações Não Governamentais, sindicatos, políticos e cidadãos anónimos. O objectivo foi discutir de forma crítica as consequências económicas, sociais e ambientais causadas pela globalização neoliberal e teve como lema “Um Outro Mundo é Possível”, ver Pires de Lima e Nunes 2006:128-129

⁵² Cairo, 1994, Conferência Internacional sobre a População e o Desenvolvimento

⁵³ A Organização das Nações Unidas promoveu vários encontros e conferências sobre a temática das mulheres e a ligação entre Género e desenvolvimento, ver Edelman 2001:305

⁵⁴ Rio de Janeiro, 1992, Conferência Internacional sobre o Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

⁵⁵ O G77, também conhecido como “Grupo dos Desalinhados” foi criado em 1964 por setenta e sete países em desenvolvimento que assinaram a “Declaração Conjunta dos 77 Países” após a primeira sessão da Conferência sobre Comércio e Desenvolvimento, organizada pelas Nações Unidas. O primeiro Encontro Ministerial do Grupo dos 77 decorreu em Argel, em 1967, marcou o início da estruturação da organização e resultou na adopção da “Carta de Argel”. Apesar do grupo ter neste momento cento e trinta países membros manteve a sua denominação original dado o seu valor simbólico. Ver <http://www.g77.org>

⁵⁶ Marc Edelman, 2001:305-6

governança supra-nacional são parte e parcela de cada processo. Mas ainda não há muita análise que ligue estas tendências ao movimento crescente contra o poder corporativo e o comércio livre, que teve a sua erupção mediática global em 1999 em Seattle, durante as manifestações de protesto contra a Organização Mundial do Comércio.⁵⁷

Em oposição à “globalization-from-above”, conduzida pela elite económica e corporativista e pela expansão das instituições supra-nacionais, formais ou não formais, Richard Falk introduz em 1993 o termo “globalization-from-below” para se referir a

*“transnational social forces animated by environmental concerns, human rights, hostility to patriarchy, and a vision of human community based on the unity of diverse cultures seeking an end to poverty, oppression, humiliation, and collective violence”.*⁵⁸

Boaventura Sousa Santos, ao analisar o processo de intensificação da globalização hegemónica identifica igualmente a emergência de uma outra globalização “*alternativa, contra-hegemónica, organizada da base para o topo das sociedades*”, composta por

*“redes e alianças transfronteiriças entre movimentos, lutas e organizações locais ou nacionais que nos diferentes cantos do globo se mobilizam para lutar contra a exclusão social, a precarização do trabalho, o declínio das políticas públicas, a destruição do meio ambiente e da biodiversidade, o desemprego, as violações dos direitos humanos, as pandemias, os ódios interétnicos produzidos directa ou indirectamente pela globalização neoliberal”.*⁵⁹

Na colectânea por ele organizada, “*Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*”, inserida na colecção de livros que resultou do projecto de pesquisa “*Reinventar a Emancipação Social: Para Novos Manifestos*”, apresenta um projecto ambicioso de renovação das ciências sociais. Considerando que “*a ciência da qual viemos é um conhecimento arrogante que só reconhece conhecimentos alternativos na medida em que os pode canibalizar*”, e partindo do pressuposto que a ciência ocidental atravessa neste momento uma “*crise de confiança epistemológica*”, Boaventura Sousa Santos encara a crise como uma oportunidade de iniciar um processo de renovação científica e de transição para novos paradigmas capazes de acompanhar e estimular a reinvenção da emancipação social.⁶⁰

⁵⁷ Marc Edelman, 2001:308

⁵⁸ Falk in Edelman, 2001:304

⁵⁹ Boaventura Sousa Santos, 2002:13

⁶⁰ Boaventura Sousa Santos, 2002:1

Dirige as suas críticas à hegemonia do conhecimento produzido nos grandes centros académicos, predominantemente ocidentais, e à subalternização da produção de conhecimento originário das periferias e semi-periferias. Numa tentativa de subverter a tricotomia hierárquica centro, semi-periferia e periferia, Sousa Santos opta pela escolha de comunidades científicas locais da semi-periferia e periferia, argumentando justamente que é aí que ocorre de forma mais intensa a colisão entre as forças da globalização hegemónica e as forças de globalização contra-hegemónica. É por isso o terreno mais fértil na existência de material para análise dos movimentos e activismo sociais e também com maior capacidade de inovação na área da produção de conhecimento sobre a acção colectiva.⁶¹

Apesar das divergências nas análises teóricas em vários campos das ciências sociais no que diz respeito ao estudo dos movimentos sociais, é possível identificar convergência entre vários autores, nomeadamente, June Nash, Marc Edelman, António Negri, Boaventura Sousa Santos e, ainda, Marinús Pires de Lima (como veremos de seguida), no que diz respeito à visão de que o momento presente é um período de transição. Marcado pela emergência global de visões capazes de imaginar e oferecer uma alternativa à globalização e à organização social propostas pelos adeptos do capitalismo neoliberal global, sentidas como hegemónicas até agora.

4. Fórum Social Português e a Alterglobalização em Portugal

“O FSP (Fórum Social Português) aspirava, assim, colmatar as falhas da democracia representativa, fortalecendo e aprofundando a democracia participativa, e constituir-se simultaneamente como local inovador onde os “movimentos sociais” e as ONGs pudessem dar a conhecer as suas lutas nacionais e locais por uma globalização solidária e estabelecer ligações, através das suas afinidades identitárias e temáticas, com outros actores colectivos ao nível das acções e reivindicações a desenvolver.”⁶²

Os sociólogos Marinús Pires de Lima e Cristina Nunes, em *“O estado da alterglobalização em Portugal”*, analisam a chegada da “onda” da alterglobalização através do relato do aparecimento do Fórum Social Português, que aconteceu pela primeira vez em 2003.

⁶¹ Boaventura Sousa Santos, 2002:18-20

⁶² Pires de Lima e Nunes, 2006:131

O Fórum Social Português surge da tentativa de união e cooperação entre vários colectivos, associações e ONGs, para a definição de objectivos de luta contra o neoliberalismo global e favorecer a construção de uma “alterglobalização” enquadrada num contexto também global.

O Fórum Social Português marca um momento importante para a história dos “movimentos sociais” e da acção colectiva em Portugal, desafiando a visão da sociedade portuguesa sofredora de uma apatia geral face aos problemas sociais e políticos da sociedade portuguesa e incapaz de construir uma acção de contestação e reflexão conjuntas. Marinús Pires de Lima e Cristina Nunes consideram que a concretização do FSP

“permitiu desmistificar esta ideia (apatia geral da sociedade portuguesa) e demonstrar que, apesar das inúmeras contrariedades, existem organizações portuguesas bastante activas, que procuram acompanhar e participar nos espaços transnacionais de contestação aos processos de globalização neoliberal.”⁶³

Estes autores referenciam ainda, a título de exemplo, o caso da campanha a favor da legalização da Interrupção Voluntária da Gravidez e o caso do activismo Lésbico Gay Bissexual e Transexual (LGBT). Apresenta-os como casos de sucesso do activismo social português, sucesso esse conseguido através de estratégias de cooperação e traduzindo-se em resultados concretos, com a vitória no referendo no primeiro caso, e com evoluções concretas no campo dos direitos da comunidade LGBT.⁶⁴ O mais recente avanço no campo dos direitos da comunidade LGBT foi o momento da aprovação em Fevereiro deste ano, pela Assembleia da República, da lei que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo, posicionando Portugal no restrito lote de países no mundo com legislação a este nível.

A análise destes autores também inclui uma abordagem das divisões e diferenças entre as organizações e os diversos participantes no evento, nomeadamente entre as organizações de índole reformista e as de orientação revolucionária. Esta divisão ficou patente na discussão sobre a utilização do termo anti-capitalismo no documento final, tendo vingado a posição da corrente mais reformadora e moderada, de não se identificarem, ou assumirem, como anti-capitalistas.⁶⁵

⁶³Pires de Lima e Nunes, 2006:133

⁶⁴Pires de Lima et Nunes 2006:133-134

⁶⁵Pires de Lima et Nunes 2006:135

Outro acontecimento analisado que reflectiu algumas das tensões sentidas, particularmente a nível partidário, foi o desentendimento sobre a participação e o posicionamento das representações dos partidos políticos no cortejo final. O Fórum Social Português culminou com a organização duma manifestação conjunta de carácter dinâmico, reivindicativo e festivo, que pretendia promover a confraternização e solidariedade entre os vários participantes. No entanto, o Partido Comunista Português não respeitou o acordo estabelecido, que definia que os partidos políticos deviam desfilar no final da manifestação, e ocupou uma parte do espaço destinado aos movimentos sociais. A manifestação acabou por se fracturar em duas: uma que reunia os militantes comunistas, e outra que agregava as mais diversas organizações. O Partido Socialista e o Bloco de Esquerda optaram por se manter na retaguarda do desfile, com o intuito de demonstrar que consideravam o Fórum Social um espaço pertencente às organizações sociais e políticas não-partidárias.⁶⁶

“Se a intenção de levar a cabo uma manifestação onde estivesse representada a diversidade de identidades através da festividade, em parte, foi concretizada, já não se pode afirmar o mesmo do desígnio de realizar um desfile onde se evidenciassem os momentos de cooperação e colaboração entre os seus intervenientes. Ao invés, durante o cortejo, não só se consolidaram as contendas entre os participantes, como se evidenciaram as fragilidades estruturais dos “movimentos sociais” portugueses e a sua dependência face às formas institucionais de participação cívica, nomeadamente das preconizadas pelos partidos políticos.”⁶⁷

A iniciativa terminou assim em ambiente de tensão e as dificuldades verificadas durante a organização da primeira edição do Fórum Social Português não terminaram por aí. Posteriormente houve algumas dificuldades em marcar a segunda edição do Fórum Social Português, prevista inicialmente para o final de 2005 mas que acabou por acontecer apenas em 2006, passados três anos da primeira edição. As duas edições foram intercaladas com a organização de um encontro sob o lema “Resistências e alternativas”, organizado em 2004 na cidade de Évora. O segundo Fórum Social Português decorreu em Almada, em 2006, com fracos níveis de participação. Os números revelaram um decréscimo quer ao nível de participação dos movimentos sociais, baixando de 237 organizações participantes em 2003 para 100 em 2006, quer a nível da participação de cidadãos em geral.⁶⁸

⁶⁶ Pires de Lima et Nunes 2006:135

⁶⁷ Pires de Lima et Nunes, 2006:135

⁶⁸ Pires de Lima et Nunes 2006:136

SEGUNDA PARTE

O Novo Mundo do Trabalho e os Movimentos dos Trabalhadores

“Esta centralidade do trabalho como factor de identidade colectiva assenta em premissas sujeitas a debate e aferição histórica. Avanço, desde já, as seguintes:

- *O trabalho como actor de produção com todas as cargas e apeias que, na dimensão material e até relacional, nos estão profundamente referenciadas por Marx*
- *O trabalho como factor essencial de socialização*
- *O trabalho enquanto expressão de qualificações*
- *O trabalho como fonte de emanação de direitos sociais e de direitos de cidadania*
- *O trabalho como direito universal, fonte e espaço de dignidade humana, cuja criação e partilha deverão ser feitas a partir da capacidade racional, material, técnica e científica própria da sociedade em que nos encontramos*
- *O trabalho como condição de acesso a padrões de consumo, a estilos de vida, factores que, reciprocamente, influenciam a postura dos trabalhadores, individual e colectivamente*
- *O trabalho como actividade humana que se adapta e valoriza na defesa do ambiente e da ecologia*

Eis um conjunto de premissas que definem e permitem uma plataforma ampla sobre a qual deve basear-se a formulação de propostas sindicais e que constituem, ao mesmo tempo, um patamar rico de pontos de partida para a articulação da acção com outros movimentos sociais.

Carvalho da Silva, 2003:42-43

1. Da Revolução Industrial à Revolução Informacional

O trabalho constitui a base do sistema económico de todas as culturas, assegurando a produção e distribuição de bens e serviços. Ocupa um papel central no funcionamento da sociedade como um todo, bem como na definição do indivíduo.⁶⁹ Manuel Carvalho da Silva⁷⁰, define bem os principais aspectos que definem a importância e centralidade do trabalho como factor de identidade colectiva, quer para a sociedade, quer para o indivíduo, no texto citado no início desta secção, retirado do seu artigo “Os trabalhadores e os movimentos sociais de hoje”.⁷¹

Anteriormente ao século XVIII, o centro físico e social da economia era o lar, vigorando o que o antropólogo Daniel Defert definiu como a economia do *domus*⁷². No campo as famílias produziam a maior parte dos bens que consumiam, sendo auto-suficientes e na cidade a casa também ocupava um lugar central na economia, havendo uma fusão da casa e do centro produtivo, e um alargamento da unidade familiar.⁷³ Adam Smith, economista e filósofo do iluminismo escocês, considerado um dos fundadores da economia moderna, classifica a separação da casa e do trabalho como a mais importante das divisões laborais da modernidade.⁷⁴

Com a Revolução Industrial, iniciada na Europa no século XIX, ocorrem profundas alterações nos paradigmas de produção e do mundo do trabalho. Com o aparecimento das primeiras unidades industriais nos aglomerados urbanos, a força laboral deslocou-se do mundo rural e da produção agrícola para uma nova realidade urbana e industrial. As transformações no processo produtivo conduzem a uma profunda reestruturação da organização social e dão origem ao aparecimento de uma nova classe de trabalhadores, o proletariado, e a novas formas de divisões sociais.

⁶⁹ Guidens, 2009:886

⁷⁰ Manuel Carvalho da Silva era, à data do texto (2003) e continuou a ser até data do Primeiro de Maio de 2009, o Secretário-Geral da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional (CGTP-IN),

⁷¹ texto inserido na colectânea “*Novas formas de mobilização popular*”, coordenada pelo sociólogo José Rebelo, 2003:39-44

⁷² in Sennett, 2007a:53

⁷³ in Sennett, 2007a:52-53

⁷⁴ Sennett, 2007a:56

As teorias da divisão laboral já vinham sendo exploradas desde o século XVIII, nomeadamente por Adam Smith que inicia a sua obra mais famosa, *A Riqueza das Nações*, editada em 1776, com uma descrição pormenorizada das divisões de tarefas de uma fábrica de produção de alfinetes, no intuito de demonstrar a dimensão do seu potencial de aumento da produtividade. Esse aumento é proporcionado pela divisão do processo produtivo numa série de tarefas específicas, executadas por diferentes indivíduos numa cadeia de produção.⁷⁵

Um século mais tarde, Frederick Winslow Taylor, um consultor de administração/gestão dos Estados Unidos da América, desenvolve este conceito de divisão e especialização laboral, que denomina de gestão científica. Posteriormente, Henry Ford⁷⁶, aplica os conceitos do Taylorismo à indústria automóvel, criando fábricas com linhas de montagem. Todo o processo de produção é decomposto numa série de operações simples, exaustivamente calculadas e programadas, de forma a otimizar ao máximo a produtividade industrial.⁷⁷

Michel Foucault, na sua obra *Vigiar e Punir*⁷⁸ revela a forma como se desenvolve uma nova relação do poder com o corpo, na transição para a modernidade. Demonstra como o poder e o conhecimento, de forma articulada e complementar, criaram tecnologias de poder e técnicas disciplinares capazes de fabricar indivíduos utilizáveis.⁷⁹ Esta nova relação do poder com o corpo dá origem ao que Michel Foucault designa de “*anatomia política*”, que insere o corpo numa nova “*mecânica do poder*” e que tem como objectivo tornar os corpos submissos e úteis, “*corpos dóceis*”. O corpo torna-se objecto e alvo do poder e do conhecimento, torna-se analisável e manipulável, é esquadrihado, desarticulado e recomposto.⁸⁰

⁷⁵ Guidens, 2009:892-893

⁷⁶ Henry Ford, industrialista e empreendedor dos Estados Unidos da América no início do século XX, fundou a Ford Motor Company em 1903. Foi esta empresa que aplicou o conceito de montagem em série na indústria automóvel, resultando na produção de automóveis em larga escala e a custo reduzido. Guidens, 2009:893

⁷⁷ Guidens, 2009:892-893

⁷⁸ Embora centrado na evolução do sistema penal, a análise de Michel Foucault aplica-se a outros sectores da sociedade, como demonstra variadas vezes, referindo exemplos de transformações nas práticas das áreas da saúde e da educação, nas estruturas religiosas e militares, e também nas actividades económicas focando-se no período de transição para a Idade Moderna,

⁷⁹ Esta nova relação do poder com o corpo também é explorada na sua obra “*Histoire de la sexualité 1: La volonté de savoir*”. Michel Foucault, no primeiro volume duma série de três, descreve a forma como o poder e o conhecimento se entrelaçam num processo de apropriação do corpo enquanto objecto de estudo e objecto de aplicação do poder. Neste texto Michel Foucault foca-se principalmente no domínio da sexualidade e da reprodução social.

⁸⁰ Foucault, 1975:117

A modalidade dessa dominação sobre o corpo passa a assentar nas “disciplinas”, que derivam de uma multiplicidade de processos dispersos que convergiram e criaram um método geral, apoiados numa racionalização utilitária do detalhe, e vieram responder a exigências variadas da conjuntura social da época, nomeadamente às exigências da inovação industrial. Esta tecnologia disciplinar permite manipular, modelar, treinar o corpo para que obedeça, responda e se torne hábil, multiplicando as suas forças em termos económicos de utilidade, tornando o indivíduo objecto e, em simultâneo, instrumento.⁸¹

À medida que a “máquina de produção” é criada e desenvolvida, o homem constitui-se como parte integrante da máquina, uma das muitas peças necessárias ao funcionamento do todo, um instrumento. Antes era transaccionado o produto final da força de trabalho do homem, sendo maior o envolvimento do indivíduo no processo produtivo e com seu produto final, e maior a autonomia e controlo sobre a gestão do tempo e do seu trabalho. Com a industrialização, o homem passa a vender a sua força de trabalho em troca de um salário, e a integrar uma máquina sobre a qual não tem qualquer tipo de controlo, o que resulta numa alienação do trabalhador relativamente ao seu próprio trabalho e processo produtivo em que está envolvido.⁸²

O indivíduo perde autonomia e torna-se dependente da venda da sua força de trabalho, sujeito às condições que lhe são impostas. Com a deslocação de população do meio rural para as cidades, os indivíduos perdem qualquer tipo de meios de subsistência próprios. O meio rural de origem mantém-se sempre presente através de uma rede de contactos e duma mobilidade constante de indivíduos. Fornece recursos suplementares e serve de base de apoio e de “refúgio” em momentos críticos, em que o indivíduo pode perder a capacidade de sobrevivência no ambiente urbano, implacável na sua dureza e impiedoso para com os mais vulneráveis.⁸³

⁸¹ idem: 119-121

⁸² Guiddens, 2009:892

⁸³ Fonseca, 1990:16-17

Apesar de o trabalho industrial ocupar uma minoria do número total de trabalhadores, em termos quantitativos, durante todo o século XIX e início do século XX⁸⁴, apresentava uma tendência de crescimento. Mas, principalmente, como defendem António Negri e Michael Hardt, ocupou uma posição hegemónica na economia global. Eram os princípios da indústria que guiavam e condicionavam os outros sectores da economia e, também, das instituições sociais da altura.⁸⁵

“A indústria era hegemónica na medida em que arrastava na órbita do seu vórtice as restantes formas: a agricultura, a extracção mineira e a própria sociedade eram forçadas a industrializar-se. Além das práticas mecânicas, também os ritmos de vida do trabalho industrial e da sua jornada laboral transformavam gradualmente todas as outras instituições sociais, como a família, a escola e as forças armadas.”⁸⁶

No início, o desenvolvimento do capitalismo industrial esteve associado a uma forte instabilidade no emprego. A volatilidade das empresas, típica do século XIX, tornava o mercado de trabalho instável e flutuante, sujeito às oscilações provocadas pelo aparecimento e crescimento rápido de certas indústrias e empresas, mas também pelos colapsos súbitos, ou por diminuições drásticas da procura de bens no mercado. Às condições de trabalho extremamente duras aliava-se a ausência de protecção social, quer proporcionada pela entidade empregadora ao trabalhador, quer pelo estado ao cidadão, estivesse ele empregado ou sofresse da falta de emprego.⁸⁷

Devido às adaptações do capitalismo às tendências seguidas noutras áreas da sociedade, bem como às conquistas obtidas pelos movimentos dos trabalhadores, o mundo do trabalho reorganiza-se. A primeira metade do século XX é pautada pela construção de grandes instituições sociais centrais, que sustentam o funcionamento da sociedade e têm como objectivo a estabilidade. A par do estado e da cidadania, a empresa e o trabalho ocupam um lugar central na organização da sociedade e no funcionamento do indivíduo.

⁸⁴ Carlos da Fonseca nota que em 1890, ano da celebração do primeiro Primeiro de Maio, o sector industrial ocupava em Portugal apenas 156 386 trabalhadores, para uma população de 4 660 095 habitantes. Fonseca, 1990:16

⁸⁵ Hardt et Negri:2005:114-115

⁸⁶ Negri et Hardt, 2005:115

⁸⁷ Sennett, 2007b: 23-24

Apercebendo-se dos problemas associados à instabilidade dos mercados, quer de bens quer de trabalho, o capitalismo segue um modelo de organização burocrático e totalitário⁸⁸. A empresa ideal passa assim a ser a empresa estável e sólida, capaz de proporcionar aos seus trabalhadores boas condições de trabalho e uma perspectiva de vida estável e previsível. Em oposição à designação “*capitalismo industrial*” característica da primeira fase do desenvolvimento do sistema capitalista, esta nova forma de capitalismo é classificada por Richard Sennett como *capitalismo social* e é conseguida através da aplicação do modelo militar, baseada numa cadeia de comando piramidal.⁸⁹

*“Frederick Taylor e outros especialistas da eficácia procuraram dirigir o empregado em todos os pormenores, regulando todos os seus movimentos e gestos. Estes esforços de mecanização dos seres humanos foram transpostos para o terreno weberiano, com empresários e sindicatos procurando estabilizar e regularizar esses monstros institucionais, mesmo quando isso significava sacrificar a eficácia.”*⁹⁰

Richard Sennett, nas suas análises sobre o trabalho, baseadas na realidade dos Estados Unidos da América, considera que durante este período do capitalismo social havia uma linearidade temporal na vida e na carreira profissional dos indivíduos. Richard Sennett arrisca mesmo concluir que “*a estrutura que Bismarck concebeu para o capitalismo social e que Max Weber analisou de forma tão brilhante*” deixou como “*a sua maior herança ... o dom do tempo organizado*”⁹¹

A estabilidade institucional, profissional e social permitiam a construção de uma narrativa linear. O indivíduo tinha um sentimento de acumulação material e psíquica, através da sua experiência e percurso, que enquadravam o indivíduo na sociedade e lhe davam uma sensação de respeito por si próprio, independentemente do seu lugar na escala social.⁹²

⁸⁸ a expressão “totalitário” é utilizada no sentido em que o modelo de organização de empresa não limitava o trabalho ao processo produtivo mas atribuí-lhe antes um lugar mais central e integral na vida social e, mesmo, familiar do indivíduo. O trabalho e a empresa constituem-se como factor e espaço fundamental no posicionamento do indivíduo e da sua família na sociedade

⁸⁹ Richard Sennett considera a análise do trabalho de Max Weber sobre a militarização da sociedade civil e a racionalização da vida institucional. A análise de Max Weber teve como fonte de inspiração a Alemanha de Otto Von Bismarck do final do século XIX, que aplica às empresa e instituições da sociedade civil o modelo de organização militar prussiano, com a sua lendária reputação de eficácia. Ver Sennett, 2007b:24-28

⁹⁰ Sennett, 2007b:31

⁹¹ Sennett, 2007b:33

⁹² Sennett, 2007a:25-27

No entanto, como vimos também na primeira parte dedicada aos movimentos sociais, este modelo de organização burocrático, altamente centralizado e hierárquico, forma hegemónica nas grandes instituições sociais e económicas do período Pós-Guerra, foi fortemente contestado e atacado. O capitalismo, mais uma vez demonstrando uma grande capacidade de adaptação às transformações sociais, alterou os seus paradigmas de organização, deslocando o enfoque da estabilidade para a flexibilidade.

Michael Hardt e António Negri consideram que o processo de modernização, caracterizado pela supremacia da produção industrial sobre as outras formas de produção e outros fenómenos sociais, chegou ao fim e que se deu início a um processo de pós-modernização e informatização económicos. Os processos produtivos passaram a ser dominados pela *economia informacional*, caracterizada pelo fornecimento de serviços e manipulação de informação.⁹³

A partir da década de 1970 denota-se uma migração de trabalho orientado para o sector terciário de prestação de serviços, nomeadamente na área da saúde, da educação, dos transportes, das finanças, lazer e publicidade.⁹⁴ Estes empregos caracterizam-se por serem

*“altamente móveis e associados a competências flexíveis, mais ainda, caracterizam-se, de um modo geral, pelo papel neles desempenhado pelo conhecimento, pela informação, pelo afecto e pela comunicação. É neste sentido que muitos chamam à economia pós-industrial uma economia informacional.”*⁹⁵

Richard Sennett refere-se à fase actual do capitalismo como “capitalismo flexível” e identifica três elementos essenciais à nova flexibilidade exigida pelos novos paradigmas do capitalismo: a “*reinvenção descontínua das instituições*”, a “*especialização flexível da produção*” e a “*concentração de poder sem centralização*”.⁹⁶ A exigência do “*capital impaciente*”⁹⁷, focado no retorno rápido do investimento do capital financeiro, faz com que novos paradigmas sejam adoptados no processo da produção, condicionados às flutuações dos

⁹³ Hardt e Negri, 2005:311-317

⁹⁴ Este padrão é observado principalmente nas economias industrializadas mais avançadas, enquanto noutras regiões existem graus de articulação diferentes entre os vários sectores: primário, secundário e terciário Hardt e Negri, 2005:320

⁹⁵ Hardt e Negri, 2005:317

⁹⁶ Sennett, 2007a:75

⁹⁷ Richard Sennett recorre à designação *capital impaciente*, conceito desenvolvido por Bennett Harrison. Ver Sennett,2007b:36

mercados de consumo num novo modelo de comunicação entre o sector da produção sector de análise dos padrões e novas tendências de consumo.

“Hoje a expressão “capitalismo flexível” descreve um sistema que é mais do que uma variação sobre um velho tema. A ênfase é posta na flexibilidade. As formas rígidas de burocracia estão debaixo de fogo, tal como os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que se comportem com esperteza, que estejam abertos à mudança a curto prazo, que assumam continuamente os riscos, que se tornem cada vez menos dependentes de regulamentos e de procedimentos formais”⁹⁸

No seu artigo *“Classes, precariedade e ressentimentos: mudanças no mundo laboral e novas desigualdades sociais”*, Elísio Estanque, sociólogo português, analisa o impacto que as transformações no mundo laboral e a precariedade estão a ter no que diz respeito às desigualdades sociais e à composição das classes sociais. Defende que as transformações globais estão a acentuar as desigualdades sociais e a promover a formação de novos segmentos de classe, que designa como *sobreclasses* e *subclasses*.

Elísio Estanque classifica como extraordinário o aumento de situações atípicas de precariedade e exploração laboral, resultantes em situações de desemprego e subemprego, derivadas da desregulamentação do mercado e dos direitos laborais. Os trabalhadores nestas situações encontram-se fora ou *“abaixo”* da classe trabalhadora tradicional, constituindo o que designa como *subclasses*.⁹⁹

Por outro lado, assiste-se à criação de uma *“nova elite socioprofissional e institucional que monopoliza conhecimentos, competências, informação, redes sociais, movendo-se a uma escala planetária.”¹⁰⁰* Esta nova classe de trabalhadores também se situa de fora da classe de trabalhadores tradicional, situando-se *“acima da estrutura de classes no sentido tradicional, formando, portanto, uma sobreclasse global, visto que se posicionam acima da velha classe dominante de base nacional.”¹⁰¹*

⁹⁸ Parágrafo inicial do prefácio do livro *“A corrosão do carácter”* de Richard Sennett, Sennett, 2007a:7

⁹⁹ Estanque, 2005:3

¹⁰⁰ Estanque, 2005:4

¹⁰¹ Estanque, 2005:4

2. As origens do Primeiro de Maio e o movimento sindicalista

As transformações no campo do funcionamento económico e produtivo, que marcam o início do capitalismo enquanto sistema hegemónico, deram também origem à construção de teorias de análise social baseada na divisão de classes. A obra de Karl Marx tornou-se emblemática e uma referência incontornável na análise do desenvolvimento do sistema capitalista. De acordo com a concepção marxista, que tão influente veio a ser no século XX entre os movimentos dos trabalhadores, é devido à industrialização, que produziu, por um lado, grandes concentrações de riqueza, e, por outro, criou uma enorme massa de trabalhadores assalariados, que se assiste à configuração de duas classes antagónicas, a burguesia e o proletariado, que seriam os principais protagonistas do conflito social.¹⁰²

As várias perspectivas socialistas, marxistas ou não, e os movimentos de inspiração socialista, comunista ou anarquista, por exemplo, procuravam desencadear a mobilização das massas, em particular da nova classe operária. O sindicalismo nasce como movimento de defesa dos direitos dos trabalhadores e, algumas das suas perspectivas mais radicais, como movimento que procura abolir a ordem social existente, tida como fundada na exploração, e substitui-la por uma nova ordem social de onde ela estivesse ausente: o socialismo. Fundam-se, principalmente sob inspiração marxista e anarquista, organizações internacionais, que transcendiam as fronteiras nacionais, assentes na convicção de haver interesses idênticos que uniam os trabalhadores de todo o mundo.

Os movimentos sindicais desenvolveram-se como a forma preferencial para a organização dos trabalhadores na luta contra as condições de trabalho, sobre as quais não detinham qualquer tipo de controlo. Estabeleceram-se, assim como forma de contrabalançar a desigualdade de poder, extremamente marcada no início do capitalismo industrial, entre a classe do proletariado e a classe da burguesia. Se um trabalhador isolado tinha pouco ou

¹⁰² Esta divisão simplificada da sociedade foi criticada nas teses liberais, que demonstram a multiplicidade de classes possíveis na divisão da sociedade, refutando a possibilidade de fusão de todas as classes de trabalhadores numa só classe proletária. Para além da heterogeneidade da classe trabalhadora, as correntes liberais defendem que a divisão de classes sociais não se pode limitar à oposição entre duas classes de dimensão económica e, definidas pelo seu posicionamento relativamente ao capital. A divisão de classes que definem as relações de poder e a opressão pode-se estender a outras dimensões como o género, a raça ou etnia, a sexualidade, ou religião. Ver Hardt et Negri, 2007:11-112

nenhum poder de negociação, a organização colectiva e a acção colectiva o seu poder de reivindicação aumentava exponencialmente.¹⁰³

Em 1889 decorreu o Congresso Socialista Internacional em Paris, também conhecido como a Segunda Internacional, que juntou delegados dos movimentos dos trabalhadores de vários países, incluindo de Portugal¹⁰⁴. Uma das resoluções mais emblemáticas definiu o dia Primeiro de Maio como jornada internacional da luta dos trabalhadores¹⁰⁵, durante a qual o proletariado deveria abandonar os seus postos de trabalho e apresentar as suas reivindicações aos patrões burgueses e ao Estado conivente, nomeadamente a reivindicação da jornada de trabalho de oito horas.

O Primeiro de Maio de 1890 assinalou, assim, a primeira jornada internacional da luta dos trabalhadores, com manifestações um pouco por todo o mundo. Carlos da Fonseca refere que “*Desta vez, a classe operária portuguesa entrava sem atraso num movimento de carácter internacionalista.*”¹⁰⁶ No entanto, e apesar do objectivo ser a unificação do movimento operário a um nível internacional, o Primeiro de Maio em Portugal acabou por revelar as divisões internas entre as hostes socialistas, bem como as suas divergências com as tendências anarquistas, agravadas por rivalidades pessoais entre alguns dos protagonistas.¹⁰⁷

José Nuno de Matos, no seu estudo sobre “*Acção sindical e representatividade: um estudo de caso sobre o Sindicato de Professores da Grande Lisboa*”, separa o movimento sindical em duas correntes principais: a corrente revolucionária e a corrente reformista. A corrente sindicalista revolucionária tinha como objectivo a abolição do sistema capitalista, com base na greve insurreccional e na luta armada, enquanto a corrente sindicalista reformista

¹⁰³ Guidens, 2009:899

¹⁰⁴ Carlos da Fonseca relata a participação dos delegados portugueses ao Congresso Socialista Internacional, ver Fonseca, 1990:19-22

¹⁰⁵ A escolha do dia Primeiro de Maio foi uma homenagem ao levantamento de trabalhadores em Chicago, iniciado a 1 de Maio de 1886, que reclamava as oito horas de trabalho, e que foi brutalmente reprimido pelas forças policiais, resultando na morte de alguns manifestantes. Apesar de, a partir de 1890, a data do Primeiro de Maio se ter afirmado como o Dia Internacional do Trabalhador, foi um processo lento e gradual, tendo rivalizado com o dia 11 de Novembro, data também alusiva ao drama de Chicago de repressão policial sobre movimentos de trabalhadores. O 11 de Novembro era a data preferida pelo movimento anarquista e mesmo por uma minoria de socialistas. Fonseca, 2007:15

¹⁰⁶ Fonseca, 1990:23

¹⁰⁷ Fonseca, 1990:23-26

optava por uma estratégia de negociação e diálogo com os parceiros sociais, ou seja, de participação no sistema de forma a conseguir melhores condições de trabalho e de vida.¹⁰⁸

No entanto, como refere José Nuno de Matos,

“A participação das organizações sindicais em estruturas institucionais de conversação assinala uma mudança de orientação, de um sentido revolucionário para um sentido reformista, que se traduziu na integração no sistema social, junto de antigos inimigos, e no consequente desempenho de serviços essenciais à sua manutenção.”¹⁰⁹, concluindo que “A sua consolidação [do sindicato] enquanto entidade organizativa dos interesses do operariado, levou a que o sindicato acabasse por se centrar mais em tarefas de manutenção, do que nos interesses dos seus membros.”¹¹⁰

Ao longo do século XX houve uma tendência de crescimento e de consolidação dos sindicatos, na sua corrente mais reformista, que adoptaram a mesma forma de organização burocrática, centralizada e hierárquica das instituições empresariais e estatais, seus parceiros sociais de negociação. No entanto, a partir da década de 1980, as estruturas sindicais entraram num período de declínio relativamente ao número de sindicalizados, bem como em termo de influência das próprias estruturas sindicais junto da população e das estruturas de poder, quer político, quer económico. Este declínio é um fenómeno generalizado das sociedades ditas “industrializadas”.¹¹¹

No caso português, também se constata uma diminuição do número de sindicalizados entre o início da década de 1980 até aos finais da década de 1990. Esta diminuição atingiu primordialmente o sector secundário e o processo de terceirização da economia parece não ter conseguido compensar a quebra sofrida, nem contribuir para a reanimação do sindicalismo. Apesar de tudo, analisando os índices de sindicalização do SPGL¹¹² para primeiros três anos do século XXI, constatamos um ligeiro aumento no número de sindicalizados.¹¹³

¹⁰⁸ Matos, 2007:25-29

¹⁰⁹ Matos, 2007:34

¹¹⁰ Matos, 2007:32

¹¹¹ Guidens, 2009:900

¹¹² SPGL – Sindicato dos Professores da Grande Lisboa

¹¹³ Matos, 2007:135-137

3. Novos movimentos de trabalhadores precários – o caso da França

Evelyne Perrin, no seu artigo sobre as novas formas de expressão dos conflitos do trabalho nas lutas dos trabalhadores precários¹¹⁴, descreve a forma como entre os anos 2000 e 2006 surgiram em França várias lutas de reivindicação de direitos laborais levadas a cabo por grupos de trabalhadores precários. Estas mobilizações aconteceram com maior incidência no sector da restauração e do comércio, no sector das limpezas, nos empregos jovens e nos empregos dos profissionais intermitentes da área do espectáculo.

Estas acções foram levadas a cabo por trabalhadores precários não sindicalizados mas em articulação com colectivos de sindicalistas, através da constituição de comités de apoio *ad hoc* com militantes de vários sindicatos e associações com bases inter-profissionais e inter-associativas¹¹⁵. Evelyne Perrin refere, a título de exemplo, várias mobilizações e lutas de trabalhadores precários, nomeadamente na cadeia de restauração da McDonald's e da Pizza Hut, na cadeia FNAC e em empresas de limpeza industrial.

Evelyne Perrin aponta para o aparecimento de uma nova consciência de classe, ou pelo menos de uma tomada de consciência da precariedade laboral, forma com tendências de crescimento sustentado desde a década de 1970 mas que se acentuou de forma muito expressiva durante a década de 1990 e início do novo século. Considera também muito significativa a inovação em termos das formas de luta, na medida em que recorrem à opinião e apoio de comités exteriores e activistas sindicais, e na medida em que actuam em articulação com forças do movimento alterglobalização.

Estes dados revelam, por um lado, uma realidade de articulação e cooperação dos movimentos de trabalhadores precários com os movimentos sindicais e, por outro lado, demonstram a capacidade de inovação, reinvenção por parte das estruturas sindicais.

¹¹⁴ “Nouvelles formes d’expression des conflits du travail ans les luttes de précaires“, artigo publicado em 2007 na Revista *Revue multidisciplinaire sur l’emploi, le syndicalisme et le travail*

¹¹⁵ Perrin, 2007 : 49-50

TERCEIRA PARTE

MAYDAY! MAYDAY! De Milão 2001 a Lisboa 2009

“We are the post-socialist generation, the post-cold war generation, the end of vertical bureaucracies and of information control generation. We are a global and neuropean movement, which brings forward the democratic revolution started in 1968 and the struggle against the neoliberal dystopia at its peak today. We are eco-activists and media-activists, we are the libertarians of the Net and the metroradicals of urban spaces, we are the transgender mutations of global feminism, we are the hackers of the terrible real. We are the agitators of precariat and the insurgents of cognitariat. We are anarcho-unionists and post-socialist. We are all migrants looking for a better life. And we do not recognise ourselves in you, gloomy and tetragon layerings of political classes already defeated in the XX century. We do not recognise ourselves in the Italian Left.”

*Manifesto Bio/Pop del Precariato Metroradicale, in*¹¹⁶

1 - MAYDAY! O nascimento de um movimento e a sua globalização

O movimento MayDay aparece em 2001, em Milão, fruto da organização conjunta de três grupos de activistas: o Deposito Bulk, um centro social; o CUB, um sindicato radical; e a Chainworkers Crew, uma organização de trabalhadores precários. Trazer um pouco do espírito de Seattle para o activismo social e político no contexto do trabalho precário, foi um dos objectivos do movimento, organizando para o efeito uma parada de protesto no Primeiro de Maio. A forma de protesto e de apresentação da “multidão”, como diria António Negri, é inovadora e segue um modelo festivo, semelhante a outras paradas, como por exemplo as Gay Parades e Love Parades que ganharam um impacto global na década de 90. Em muitos locais utilizam carros alegóricos, com música, e recorrem a material de divulgação inovador, onde a criatividade, o humor e a sátira se misturam.

Em 2001 os organizadores estimaram em 5.000 o número de pessoas que aderiram à primeira parada de protesto. O número foi crescendo, atingindo cerca de 50.000 participantes em 2003 e, em 2004, juntou cerca de 100.000 pessoas se contabilizarmos os manifestantes de

¹¹⁶ http://www.journal.fibreculture.org/issue5/vanni_tari_print.html, consultado em Agosto de 2010

Milão e Barcelona. Foi precisamente em 2004 que, com a organização da parada MayDay também em Barcelona, o movimento deu o seu primeiro passo em direcção à internacionalização e posterior globalização. Nos anos seguintes várias cidades europeias aderiram ao manifesto com iniciativas próprias, chegando pela primeira vez a Lisboa em 2007.¹¹⁷

Neste momento o MayDay tem dimensões verdadeiramente globais, como se pode constatar pela lista de cidades enumeradas por João Camargo, na introdução do texto “Mayday, Mayday! Um 1º de Maio contra a Precariedade do Trabalho” postado no blogue do MayDay Lisboa 2009 por João Camargo, no final de Abril de 2009. Este itinerário permite-nos percorrer o mundo inteiro através de cidades cujos nomes se iniciam por praticamente todas as letras do alfabeto¹¹⁸.

A velocidade e a intensidade com que o movimento MayDay se propagou demonstra, de forma exemplar, o potencial que fenómenos e movimentos locais têm para adquirirem uma dimensão global. Figura-se também como um óptimo exemplo representativo da diversidade de formas como os movimentos e fenómenos globais podem ser apropriados e adaptados por diferentes comunidades e grupos, adquirindo contornos específicos e únicos nos diferentes locais que alcançam.

A estrutura algo difusa do movimento Mayday também se reflecte ao nível da sua propagação. As características de auto-organização, de activismo criativo e a tentativa de construir uma identidade colectiva do trabalhador precário foram princípios orientadores comuns aos movimentos que se foram desenvolvendo em várias cidades. Mas, por não haver um modelo definido nem uma estrutura de organização a seguir, os vários movimentos adquiriram formas de organização, estratégias e características próprias, que também se podem alterar e transformar de ano para ano.

¹¹⁷ <http://www.chainworkers.org/node/230>, <http://www.urban75.org/mayday01/index.html> e <http://www.maydaylisboa.net/>, consultados entre Março de 2009 e Agosto de 2010

¹¹⁸ “*Actualmente o movimento Mayday está presente em Lisboa, Porto, Aachen, Berlim, Bremen, Copenhaga, Den Bosch, Genebra, Gent, Gornja Radgona, Hamburgo, Hanau, Helsínquia, Liège, Ljubljana, Madrid, Málaga, Maribor, Milão, Nápoles, Palermo, Terrasssa, Tóquio, Tubingen, Viena e Zurique.*”
excerto do texto “Mayday, Mayday! Um 1º de Maio contra a Precariedade do Trabalho” postado no blog do Mayday Lisboa 2009 por João Camargo, final de Abril de 2009, <http://maydaylisboa2009.blogspot.com/>

Ou seja, numa determinada cidade o MayDay pode ser organizado por uma plataforma de organizações e noutra, como em Lisboa, pode estar assente na participação livre de qualquer indivíduo. Determinados movimentos podem ter tendências mais anarquistas, e outros serem dominados por outras correntes políticas de esquerda. A Parada tanto pode estar incorporada numa outra manifestação maior, como em Lisboa, que se associa à manifestação de uma intersindical, enquanto noutras cidades pode passar por uma ocupação urbana completamente independente, de carácter e formato radicalmente inovadores.

Em termos políticos e sociais o MayDay estabelece plataformas de contacto e cooperação entre várias tendências de esquerda, anarquistas, sindicalistas e outras organizações de luta pelos direitos dos trabalhadores. Concentra-se na defesa dos direitos dos trabalhadores precários, que não se encontram representados pelos sindicatos e que se encontram mais vulneráveis à instabilidade e flexibilidade exigida pelo sistema de organização económica e social capitalista vigente. Tanto os organizadores como os participantes pertencem, na sua maioria, ao que António Negri apelida de “cognitariado”, definindo-os como “assalariados com um nível de instrução média-alta, habituados a trabalhar com novas ferramentas informáticas apesar de não estarem apenas ligados à comunicação mas, por exemplo, aos serviços produtivos”.¹¹⁹

“Since its first year Mayday has not been about its organizers, but about (self)organization. Not only about activism, but about (cre)activism. Mayday is a "social media" and for this represents a way to put and put oneself in relation, cooperate and conspire. It's a communication tool that enables social subjects to represent and participate relations, unwilling to be victim of the reproduction of the goods. Its result goes beyond any definition and constantly exceeds itself. And really it's a network of individualities more than political organisations that has created the parade, each with his own story, with his own load of desires, passions and demands.”¹²⁰

Um dos aspectos mais interessantes do MayDay é a sua tentativa de criar um novo sujeito social colectivo, tanto a nível textual como visual, capaz de representar a realidade composta pelas diferentes realidades dos trabalhadores precários, que experienciam as mais variadas condições de trabalho e de vida. A parada tornou-se um lugar onde novos termos e

¹¹⁹ Negri, 2007:203-204

¹²⁰ <http://www.chainworkers.org/node/230>, Agosto de 2010

ícones visuais sobre a precariedade são criados e postos a circular para um público mais vasto. Desde o início que os activistas apostaram em posters, postais e vídeos, a par com outras criações visuais, consideradas centrais para a divulgação da parada e para a construção da identidade colectiva do trabalhador precário.

A estratégia foi criar uma imagem radical dos trabalhadores precários, subvertendo ícones e tradições de forma satírica e irreverente. A recriação de figuras como super heróis e santos subvertem as tradições populares e reinventam códigos culturais e repertórios existentes. Através de uma estratégia irónica e satírica são inventados novos ícones visuais que recriam as personagens tipo, fazendo lembrar o teatro satírico do Gil Vicente, carregado de uma forte crítica à sociedade da época.

A natureza irónica dos ícones visuais inventados sobrepõe-se aos códigos culturais e repertórios existentes, tais como super-heróis e santos, revelando a subversão das tradições culturais populares. A criação e difusão de ícones de protesto mostra o seu potencial enquanto arma de expressão diferente da textual. O San Precário surgiu em 2004 e apresenta-se como uma crítica radical à precariedade usando, alterando e subvertendo repertórios de iconografia pré-existentes e tradicionais.

O San Precário é uma “criação precária mirabolante”¹²¹ que subverte a iconografia e a linguagem simbólicas católicas de forma cáustica e divertida. Aparece pela primeira vez a 29 de Fevereiro de 2004 numa grande superfície comercial em Milão, sendo que 29 de Fevereiro é o único dia do ano sem nenhum santo. San Precario transformou-se rapidamente num poderoso “ícone Pop” da geração precária, enquanto seu santo protector e funcionando como imagem de auto-representação dos trabalhadores precários.

2 – As origens do MAYDAY LISBOA

“A nossa pátria é o Mundo inteiro, a nossa lei é a liberdade. E uma ideia, o MayDay contra a precariedade”

Mayday é a chamada radiofónica para emergência ou ajuda (deriva do francês m'aidez – ajudem-me), utilizada nas navegações marítimas e

¹²¹ www.sanprecario.com)

*aeronáuticas. Mas ela já não é apenas um pedido de ajuda – ela é um grito de guerra que começou a soar pela Europa em 2001. Primeiro em Milão, hoje pelo mundo fora, MayDay é uma ideia contra a precariedade laboral e na vida. E somos cada vez mais a querer contestar e dar luta a esta forma renovada de exploração. O MayDay é uma manifestação de precários, que se junta ao desfile do dia Internacional do Trabalhador, e que pretende dar visibilidade à precariedade e confiança a quem a vive. Acontece no 1º de Maio e cria um novo espaço de encontro, resposta e organização de precários, complementar aos espaços mais tradicionais. Em Portugal, aconteceu pela primeira vez em 2007, juntando centenas de pessoas num processo aberto e assemblário.*¹²²

Como vimos na primeira parte do trabalho, o movimento da alterglobalização reflectiu-se em Portugal com a organização do Fórum Social Português em 2003. O Fórum constituiu-se como uma tentativa de união e cooperação entre várias instituições não-governamentais, associações e colectivos, movimentos esses com um objectivo comum de luta contra o neoliberalismo global. Esta acção revela pontos em comum e de intercâmbio entre diferentes tendências e sectores, mas também dificuldades e divergências várias, criando obstáculos na acção.

O movimento Mayday não surge em Lisboa num contexto institucional, muito pelo contrário. O movimento apresenta-se tendo como base a convergência de indivíduos, enquanto tais, numa estrutura de organização assemblária. Ricardo M. e Leonor, dois activistas do MayDay que entrevistei em Agosto de 2009, referem que inúmeras pessoas em Portugal sabiam e acompanhavam o que se estava a passar nos movimentos alterglobalização pelo mundo fora, nomeadamente o que se passava em Milão. Identificam um primeiro pequeno movimento no ano de 2005 com o nome STOP Precariedade, que organizou algumas conferências e encontros sobre a precariedade laboral.

Entretanto, dois elementos do STOP Precariedade envolveram-se na organização de uma greve de trabalhadores de um dos Call Centers da EDP, Electricidade De Portugal, contra as condições laborais, resultando em cedências por parte da empresa EDP. Ricardo M. considera que este foi um momento importante, em que se cria uma massa crítica e uma vontade de acção. Na mesma altura, um jovem sindicalista do Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações e Audiovisual (SINTTAV) dava início a uma batalha

¹²² Parágrafo inicial do editorial do jornal MayDay Lisboa 2009, ver Anexo A-5

judicial contra a empresa de telecomunicações Optimus. Esta acção jurídica resultou recentemente na vitória do jovem trabalhador e na sua reintegração na empresa.

Ao mesmo tempo o movimento estudantil atravessava mais um período de contestação, desta vez contra o novo regime jurídico do ensino superior. Apareceram no movimento estudantil pequenos grupos de jovens em várias faculdades que contrariavam o modelo de funcionamento clássico das associações de estudantes e se constituíam como fóruns alternativos de discussão e acção sobre diversos temas. O MOVE, *Movimento por Outra Vida na Escola*, surgiu no Instituto de Agronomia, na Faculdade de Medicina aparece o SALTA, *Saúde, Alternativa e Acção*, enquanto no Instituto Superior Técnico se forma o MISTA, *Movimento IST Alternativo*. O movimento MATA, *Movimento Anti-Tradição Académica*, também é mencionado enquanto ponto de passagem e de encontro de elementos do Mayday.

Foi então em 2007 que um pequeno grupo de pessoas, provenientes destes movimentos e outras pessoas atentas à situação da precariedade laboral, se junta com o objectivo de fazer algo, e adoptaram como modelo e bandeira o movimento MayDay, que se tinha iniciado em Milão em 2001. No início eram muito poucos, cerca de uma dezena de pessoas que começaram por fazer um jornal sobre a precariedade, com o objectivo de vender. Foi esta venda militante e a participação na festa do 25 de Abril, no Largo do Carmo, que começou a puxar amigos e outras pessoas para a organização da primeira parada do MayDay em Lisboa.

O movimento estava definido, já tendo ocorrido as reuniões iniciais de discussão e organização, em que participaram poucas pessoas, inicialmente talvez umas trinta, número esse que depois foi diminuindo. Mas à medida que a data da parada se ia aproximando juntavam-se mais pessoas à última da hora para dar o corpo ao manifesto. Ricardo M. recorda o entusiasmo inicial da seguinte forma:

“o que é curioso é que, como era a primeira experiência, havia muita gente a querer fazer aquilo. Mas de início, porque na altura nada estava definido, tudo era legal”

Na véspera do Primeiro de Maio organizaram uma festa no Espaço Karnart, uma associação sem fins lucrativos de cariz artístico e cultural, que reuniu entre 200 a 300 pessoas

e que serviu de pontapé de saída para a parada do dia seguinte. O ambiente de convívio e festa, associado aos ensaios das músicas e palavras de ordem para a parada, contribuiu para a mobilização de forças e recursos. Ricardo M. e Leonor recordam com carinho e um sorriso na cara a festa, as poucas horas de sono, levantar cedo para cozinhar o almoço e preparar a marcha, apesar da chuva torrencial, considerada quase como um teste à resistência e à capacidade de mobilização, que foi passado com brilhantismo.

O grupo reuniu-se na Alameda D. Afonso Henriques para o piquenique, partindo depois para Alvalade, onde se juntou à manifestação dos trabalhadores organizada pela CGTP e que terminou na Cidade Universitária. De início encontravam-se cerca de cento e cinquenta pessoas na Alameda, número esse que foi engrossando ao longo da marcha, com mais pessoas que se juntaram à medida que o cortejo ia passando pelas estações de metro. Chegavam atrasados mas chegavam, mesmo com a chuva torrencial que se abateu esse dia sobre a manifestação dos trabalhadores.¹²³

A decisão de se juntarem à manifestação dos trabalhadores da CGTP-IN não foi pacífica, tendo se tornado um dos principais pontos de debate e confronto no primeiro MayDay. Para muitos participantes o MayDay tinha a obrigação de fazer uma grande crítica aos sindicatos e, como tal, não faria sentido participarem na manifestação da CGTP-IN. Por outro lado, havia uma corrente que defendia que o Primeiro de Maio não era dos sindicatos mas sim dos trabalhadores, e que não fazia sentido estarem separados dos outros trabalhadores nesta ocasião. Em solidariedade com todos os trabalhadores deviam estar presentes na manifestação e a manifestação da CGTP-IN acabou por ser a reconhecida enquanto legítima representante da expressão dos movimentos de trabalhadores.

No mesmo ano também foi lançado pela Cristina Andrade e o André Soares, dois activistas independentes do Porto, o blogue FERVE, *Fartos d'Estes Recibos Verdes*. Esta iniciativa teve uma projecção e um impacto exponencial e o seu blogue atingiu milhares de visitas por semana, recolhendo centenas de histórias e experiências de pessoas a recibos verdes. Ricardo refere que o grupo do Porto tinha-se reunido várias vezes e já funcionava

¹²³ Anexo G – fotografias Parada MayDay Lisboa 2007

enquanto grupo, tendo-se organizado para descer a Lisboa para se juntarem ao MayDay Lisboa 2007.

“o pessoal do FERVE veio também com umas faixas do Norte, vestiram-se todos com uns sacos de plástico verdes - vieram com música e deu muita força àquilo. Como já tinham a experiência do blogue já estavam a conseguir encontrar-se enquanto grupo no Porto. Eram para aí uns 10, 20 e isso é gigantesco, virem 20 gajos do Porto para organizar uma coisa que não tinha expressão no Porto ainda. Mas eles tinham descoberto a fórmula do FERVE e eles tinham que estar connosco e nós percebemos que tínhamos que estar com eles nisso.”

O grupo FERVE foi dos primeiros grupos a abordar a questão do trabalho precário, focando e denunciando a situação dos Recibos Verdes, realidade conhecida e vivida por tantos trabalhadores em Portugal. O blogue tornou-se um espaço de denúncia de várias realidades precárias e chamou a atenção para o tema do trabalho precário na sua versão mais evidente: a praga dos Recibos Verdes.

O primeiro MayDay conseguiu ter uma cobertura pelos meios de comunicação social bastante satisfatória. Praticamente todos os grandes órgãos de comunicação social assinalaram a chegada a Lisboa do movimento Mayday. A parada foi fotografada e filmada e os seus participantes entrevistados. Esta foi uma grande oportunidade de atrair a atenção para a precariedade laboral e fazer ouvir a voz de alguns trabalhadores precários.

No final do primeiro MayDay Lisboa surge o grupo Precários Inflexíveis, um grupo de pessoas convictas de que a luta contra a precariedade deveria assumir um carácter permanente e não se limitar à organização de uma parada no Primeiro de Maio. Os Precários Inflexíveis acabam por ter no segundo Mayday o papel de convocar a primeira assembleia do MayDay em 2008. Fizeram-no através de uma acção no Colombo em que distribuíram panfletos e lançaram-nos de cima dos vários andares do Colombo. Dessa acção resultou um vídeo que enviaram por e-mail para a mailing list do ano anterior, juntamente com a convocatória da primeira assembleia.¹²⁴

¹²⁴ Anexo H - fotografias da Parada MayDay Lisboa 2008

QUARTA PARTE

MAYDAY LISBOA 2009

A segunda assembleia do Mayday Lisboa 2009 estava marcada para as 21 horas do dia 4 de Março, uma quarta-feira, nas instalações da Associação Solidariedade Imigrante - SOLIM. A associação funciona no segundo andar dum prédio antigo no início da Rua da Madalena e, apesar da modéstia das instalações e do equipamento, disponibiliza vários serviços de apoio à comunidade imigrante. Quando estava a chegar ao segundo andar estavam pessoas à porta, por um lado porque era o sítio onde se podia fumar, mas por outro porque o espaço estava bastante cheio lá dentro.

Entrei para um pequeno espaço com dois sofás que estava em comunicação aberta com a sala maior onde decorria a reunião. A sala estava cheia e os lugares sentados não chegavam para todas as pessoas que ali se encontravam, assim a reunião espraiava-se até ao átrio das escadas. Numa breve contagem estimei terem participado cerca de cinquenta pessoas na assembleia, maioritariamente jovens entre os 20 e os 35 anos, distribuídos de forma equitativa entre homens e mulheres. O ambiente era descontraído, familiar e a maioria das pessoas acabou por intervir pelo menos uma vez na reunião.

No final da assembleia fui ter com o Ricardo M., uma das pessoas que conduziu a assembleia, para me apresentar. Nunca tinha encarado como possibilidade não revelar desde início as minhas intenções e o meu projecto de investigação sobre o MayDay, por isso foi com naturalidade, posso mesmo dizer que por necessidade, que lhe expliquei brevemente o tema que queria explorar. Julgo que manifestei logo o meu entusiasmo por ter finalmente encontrado o tão procurado e desejado objecto de estudo.

Por sua vez o Ricardo M. apresentou-me também por alto o movimento MayDay Lisboa como um movimento assemblário aberto à participação de qualquer indivíduo e sazonal, que começa a reunir em Fevereiro de cada ano com o objectivo de organizar uma parada de trabalhadores precários no Primeiro de Maio. Resumiu um pouco da história e das origens do movimento Mayday no plano internacional, a sua rápida propagação e globalização e a sua chegada a Lisboa em 2007.

Recordo-me da forma como o Ricardo M. realçou o facto do MayDay ser um movimento que pretende estabelecer uma plataforma de entendimento e cooperação entre várias tendências da esquerda, mas com a particularidade de ser composto por indivíduos enquanto tais, e não representantes de organizações. É um movimento aberto à participação de todo e qualquer indivíduo que queira participar e contribuir para o movimento, todos têm direito de participar na discussão e fazer propostas.

2ª Assembleia do Mayday Lisboa 2009, 4 de Março – sede da SOLIM
Início do trabalho de campo

1. O Movimento

1.1 – A orgânica e dinâmica de um movimento assemblário

Assembleias

A apresentação do movimento como um movimento assemblário, aberto à participação livre de qualquer indivíduo e sem estruturas de organização formais, nem hierarquias definidas, desempenha um papel central e dominante no plano do simbólico e da auto-representação. Esta característica é fundamental para a análise da organização e da dinâmica do movimento. A forma da assembleia enquanto forma de organização colectiva não é propriamente novidade, bem pelo contrário. A assembleia é uma das formas de organização mais tradicionais e mais difundidas, quer em termos temporais, espaciais ou dimensionais. A novidade, ou melhor, a relevância deste factor, encontra-se na dimensão simbólica que lhe é atribuída na auto-definição e auto-representação do próprio movimento.

Não tendo o movimento MayDay Lisboa qualquer estrutura orgânica definida, nem fixa, as assembleias são soberanas no sentido em que têm poder de decisão sobre todos os assuntos, podendo dar continuidade a decisões e estratégias anteriormente definidas, iniciar novos projectos e etapas, ou alterar o rumo e planos previamente definidos. No início de cada assembleia é feito um balanço da situação sobre as actividades em curso, discutem-se opções e definem-se as estratégias a seguir, passos a tomar e planeiam-se as actividades até à assembleia seguinte. As decisões vão, assim, sendo tomadas à medida do desenrolar dos acontecimentos, recaindo o poder de decisão exclusivamente nos participantes presentes em cada assembleia.

Era no início de cada assembleia que ficava definido quem ficaria encarregue de conduzir a reunião, geralmente duas pessoas para anotar as inscrições para falar e para conduzir a ordem de trabalhos. Percebia-se facilmente que a maior parte dos presentes estavam familiarizados com este tipo de reuniões e as assembleias decorriam de forma pacífica, em geral, e sem muitos formalismos. Mas, quando era necessário, as pessoas responsáveis também sabiam intervir para evitar a dispersão e confusão. Isto acontecia mais

frequentemente na parte final da reunião, quando as horas iam mais avançadas e as pessoas já estavam mais cansadas. As reuniões eram marcadas para começar às nove da noite e acabavam, invariavelmente, depois da meia-noite, alongando-se por várias horas de discussão e debate.

Uma das características mais peculiares das assembleias era o processo de tomada de decisão sem nunca recorrer a votação. Este processo de tomada de decisão por consenso foi ele próprio questionado em algumas ocasiões e discutido, mas acabou por se manter ao longo de todas as assembleias, revelando-se como um ponto de honra para muitos dos participantes. Para muitos esta forma de decisão simbolizava por um lado o carácter igualitário, inclusivo, de colaboração e convergência de ideias, alguns dos princípios orientadores do movimento, mesmo em termos globais. Por outro lado simbolizava a ausência de hierarquias, de conflitos, de imposições. Sem votações aparentemente não haviam derrotados.

Logo na segunda assembleia do Mayday Lisboa 2009, a primeira a que eu assisti, a questão das votações foi colocada e discutida quando foram apresentadas três propostas para a iconografia do Mayday Lisboa 2009, tal como tinha ficado estipulado na reunião anterior. As três propostas seguiam linhas muito diferentes e, à medida que os desenhos iam circulando pelas mãos de todos, formavam-se opiniões também diferentes. A discussão decorreu normalmente, com elogios a todas as propostas e argumentos a favor de uma ou outra proposta, com algumas referências a anos anteriores.

Uma das estratégias utilizadas neste processo de decisão foi o de aproveitar, ou pelo menos tentar aproveitar, contribuições de todas as propostas para contextos e objectivos diferentes. No entanto, uma das linhas tinha que ser escolhida para a imagem do logótipo e ficar como a imagem de marca do Mayday Lisboa 2009. À medida que decorria a discussão sobre as propostas, começou a desenrolar-se outra discussão paralela sobre como seria tomada a decisão, a saber, se haveria votação ou não.

Via-se que a discussão não era nova e que os argumentos estavam bem estudados. Para alguns participantes a questão da tomada de decisão sem recorrer a votação era um ponto de honra e de orgulho. O facto de não haver necessidade de votação deve reflectir o esforço de convergência e de respeito por todas as opiniões, uma filosofia inclusiva e de flexibilidade,

horizontal e igualitária. É muito simbólica a ausência de imposição autoritária de uma proposta sobre outra.

Para outros participantes o consenso absoluto era inerentemente impossível e a votação parecia inevitável para a tomada de decisão ser mais clara. Não viam qualquer problema neste mecanismo de tomada de decisão e achavam natural que, para certo tipo de decisões, se recorresse a votações, que obviamente teriam um resultado vencedor e outro(s) vencido(s), sem isso ser problema.

Grupos de trabalho e mailing list

Para além das assembleias existiam grupos de trabalho com uma função mais executiva., de forma a dar continuidade às decisões da assembleia. Os grupos de trabalho eram criados em assembleia, podendo qualquer pessoa propor-se para participar no grupo e contribuir com o seu trabalho. Foram criados grupos de trabalho para a área da comunicação, da imagem, organização das acções, organização da festa e organização da parada, bem como pra outras tarefas mais pontuais, como por exemplo acções de distribuição de panfletos ou colagem de cartazes.

Outro espaço muito importante na organização, comunicação e tomadas de decisão do movimento foi a discussão e circulação de informação através da mailing list. A discussão de ideias e das actividades que iam decorrendo prolongava-se de uma assembleia a outra através da Internet, de forma contínua e intensa. E o que se passava na mailing list durante esse período era muitas vezes objecto de discussão na assembleia seguinte, bem como a forma de utilização da mailing list.

A mailing list geral continha os emails de todos os participantes e envolvidos no movimento Mayday. A lista já existente do ano anterior serviu como base, sendo acrescentados os novos contactos à medida que o Mayday ia atraindo mais gente. A par com o número de visualizações na Internet dos vídeos das acções que acompanhavam as convocatórias das assembleias, o crescimento da mailing list era um indicador precioso na avaliação do crescimento do Mayday enquanto movimento.

A mailing list, além de ser o principal veículo de convocação das assembleias, tem variadas funções e propósitos. Através da mailing list partilhavam-se informações sobre trabalho precário e eventos relacionados com o tema. Outra função era a informação sobre o estado de execução de determinada tarefa e permitia, também, partilhar antecipadamente o resultado de uma determinada acção planeada. Muitas vezes algumas trocas de informação geravam debate e discussão intensa, bem como algumas tarefas foram intensamente acompanhadas e influenciadas através da mailing list.

Um dos debates referentes à mailing list foi sobre a sua democraticidade enquanto forma privilegiada de discussão, e mesmo de tomada de decisões. Algumas pessoas alegaram que era difícil conseguirem seguir e acompanhar as discussões, pois estavam limitados em termos de acesso à Internet ou disponibilidade de tempo. Enquanto havia algumas pessoas com presença assídua nos debates por terem essa possibilidade, também haviam pessoas que estavam empenhadas e queriam dar o seu contributo mas não conseguiam por causa de uma ou outra limitação. Desta forma tentava-se evitar que a mailing list se constituísse como principal meio de discussão e tomada de decisões, ultrapassando as assembleias.

Um dos momentos em que surgiu esta discussão foi nas decisões finais sobre o cartaz a anunciar a festa e a parada do Mayday. Enquanto a pessoa responsável apresentava as propostas para o cartaz e se tomavam algumas decisões, alguém sugeriu que a discussão poderia estar “enviesada”, condicionada pela discussão que tinha ocorrido durante a semana na mailing list. Algumas ideias, fruto da discussão cibernética intercalar, teriam sido assumidas como decisões finais, condicionando a proposta apresentada, e influenciando as decisões da assembleia.

1.2 – Estratégias e Recursos

Embora a Parada do MayDay se constitua como o principal propósito da existência do movimento MayDay, representando o seu momento mais alto, as actividades e acções do movimento em Lisboa não se limitam, nem se centram exclusivamente, nesse acontecimento. Todo o processo se constitui com um plano de actividades que segue uma estratégia previamente definida, constituída por vários momentos em crescendo, à medida que vai

acelerando o passo e aumentando de intensidade com a aproximação do seu momento final. O clímax ocorre naturalmente com a realização da Parada no Primeiro de Maio, o objectivo final e máximo do movimento, mas todo o processo envolve e implica inúmeras actividades, acções e etapas.

Estas actividades e acções podem constituir-se como etapas directamente implicadas e necessárias à organização da Parada em si, mas também podem constituir-se como eventos específicos e independentes da Parada. Estas actividades paralelas enquadram-se assim num contexto de acção mais vasto e podem não ser necessárias directamente para a organização do desfile, mas visam despertar a consciência colectiva dos trabalhadores precários e colocar o tema da precariedade na ordem do dia.

Podemos então identificar dois objectivos principais, em termos gerais, do movimento. Primeiramente, a consciencialização e mobilização da “multidão” de trabalhadores precários, tendo em vista a resistência colectiva e a luta pelos seus direitos laborais. Em segundo lugar, o objectivo de colocar o tema da precariedade no centro da agenda da actualidade e a figura do trabalhador precário no discurso político e social, provocando o debate e a procura de soluções alternativas para esta problemática social, tão central quer para a sociedade no seu todo, quer para o indivíduo enquanto valor humano que constitui a base da sociedade.

A estratégia para alcançar o primeiro objectivo, de consciencialização e mobilização do precariado, quer para a Parada do 1º de Maio quer para a luta pelos seus direitos em termos mais gerais, assentou em dois pilares fundamentais que se sobrepunham. Por um lado uma forte aposta na divulgação do movimento e da Parada, de forma a atrair o maior número de pessoas. Por outro lado, esta divulgação maciça era orientada por uma tentativa de construir a identidade do trabalhador precário, ou do precariado, de forma a criar uma consciência colectiva orientada para a acção.

O segundo objectivo geral do movimento, o de colocar a precariedade no centro de debate da sociedade em geral, passava por não se limitar ao precariado em si enquanto único público-alvo. Por um lado, as acções de sensibilização e divulgação incluíam a abordagem do público em geral. Por outro lado, os elementos do MayDay eram muitas vezes

chamados/convidados a participar em iniciativas promovidas por outros grupos. Finalmente havia um objectivo de conseguir o máximo de projecção mediática possível, através dos órgãos de comunicação social.

O plano de actividades do MayDay Lisboa 2009 consistiu numa primeira fase na divulgação do movimento, através de acções que resultaram na produção de vídeos utilizados nas convocatórias das assembleias. Foram postos a circular na Internet, no próprio blogue do MayDay e em blogues simpatizantes, directamente no Youtube e ainda através da divulgação a título individual via e-mail. A análise destas acções será feita no terceiro capítulo desta secção, dedicada ao carácter performativo do MayDay Lisboa.

Simultaneamente, foi sendo criada a iconografia do MayDay e outros instrumentos de divulgação. Podemos considerar duas categorias de instrumentos de divulgação: de carácter predominantemente informativo, como os panfletos¹²⁵ distribuídos em massa em locais considerados estratégicos, os cartazes¹²⁶ a anunciar a Parada, bem como um jornal¹²⁷; e de carácter mais iconográfico, essencial na construção da identidade colectiva do trabalhador precário e na definição da imagem de marca do MayDay, começando pelo logótipo¹²⁸ criado, os crachás¹²⁹ e autocolantes¹³⁰ distribuídos e todo um conjunto de imagens utilizados em vários contextos. Todo este material constitui uma fonte extensa para a análise da produção discursiva e iconográfica do movimento, fundamental para a sua análise.

O jornal Mayday Lisboa 2009 foi um dos meios de divulgação e informação do MayDay, que já tinha sido uma iniciativa no Mayday 2007 e 2008. Quando se levantou esse assunto numa das assembleias, a ideia foi consensualmente aceite e um dos membros ficou com a tarefa de coordenar a criação do jornal. Os jornais foram vendidos na festa do MayDay no Ateneu, na festa e na manifestação do 25 de Abril, na parada do Primeiro de Maio, na festa do Mayday Porto e, esporadicamente, por alguns membros a título particular.

¹²⁵ Anexo A-4

¹²⁶ Anexo A-3

¹²⁷ Anexo A-5

¹²⁸ Anexo A-1

¹²⁹ Anexo A-1

¹³⁰ 8 autocolantes produzidos, Anexo A-2

Um dos assuntos que levantou discussão foi sobre quem deveria escrever os textos para o jornal. Embora fosse claro que deveria ter textos de pessoas do próprio movimento, amigos e conhecidos que estivessem numa situação de trabalho precário, surgiu alguma discussão relativamente à possibilidade de convidar personalidades da vida pública também.

Algumas pessoas chegaram a dar sugestões de personalidades que poderiam ser convidadas mas revelou-se óbvio que seria difícil chegar a acordo relativamente a determinadas pessoas, especialmente em relação ao seu posicionamento a nível político e partidário. Devido à falta de consenso os textos acabaram por ser escritos maioritariamente por membros do MayDay. No entanto, houveram textos vindos do “exterior”, um exterior amigável e solidário, ou seja, indivíduos de organizações que são solidários com a luta do MayDay e por vezes directamente participativos.

Os textos escritos e associados a outros movimentos foram três: o MayDay Porto 2009, a Solim (Solidariedade Imigrante) e os Movimento dos Intermitentes do Espectáculo. O Mayday Porto 2009 poderá mesmo ser considerado uma questão de “parentesco directo”, com as suas particularidades mas com a mesma base genética. O movimento dos Intermitentes do Espectáculo também é natural, visto que é um movimento que tem exactamente o mesmo objectivo de luta contra o trabalho precário, embora tenha uma carácter mais permanente e se concentre num segmento específico do trabalho precário. A associação Solim surge enquanto movimento solidário com o MayDay, colaborando noutras áreas que não a do jornal, tais como a cedência do espaço da sua sede para assembleias e participação de membros nas assembleias. Embora se concentre numa realidade social definida pela imigração, a verdade é que esta população sofre de formas extremas de precariedade laboral.

Outro dos assuntos discutidos foi se o jornal deveria ser gratuito ou se deveria ser vendido, tendo ficado decidido que teria o custo de um euro. Desta forma haveria algum retorno financeiro para cobrir as despesas do jornal, que é constituído por 16 páginas, e, eventualmente, outras despesas mais. Outra das razões alegadas foi que o facto de se ter que pagar pelo jornal o dignificava e evitaria desperdício, assim só ficaria com o jornal quem estivesse realmente interessado em lê-lo. Dado o maior investimento material e financeiro necessário para fazer o jornal o número de cópias feitas foram muito inferiores aos panfletos e a sua distribuição também.

A festa, realizada a 17 de Abril no espaço do Ateneu de Lisboa, constituiu-se como outro acontecimento central do MayDay Lisboa 2009. Embora a pertinência da organização de uma festa tenha sido questionada por alguns elementos, e a certo momento equacionada a sua organização, a festa confirmou-se como um elemento central para a dinâmica do movimento, tendo contribuído para o sucesso e o alcance de objectivos em várias frentes, como será demonstrado mais à frente.

Um dos objectivos da festa, este não tão claramente conseguido, foi a angariação de fundos para financiar despesas decorrentes de outras actividades do MayDay Lisboa, embora este não se constitua como o objectivo principal. Não foi claramente conseguido pois, ao mesmo tempo que teve como objectivo angariar fundos através da cobrança das entradas e através da exploração de um pequeno bar, a festa constituiu-se como um risco. Apresenta-se como um risco na medida em que implica uma despesa inicial bastante avultada, de longe a despesa contabilizada de maior volume, e não tem retorno garantido. Ao mesmo tempo envolve um gasto de energia e dedicação muito intenso de alguns dos responsáveis pela organização.

É já na próxima 6ª feira, no Ateneu Comercial de Lisboa, bem no centro da cidade, ao lado do Coliseu. À entrada, pedimos-te uma pequena contribuição: sim, porque não queremos ter patrocínios para esta montar esta Festa e construir o MayDay Lisboa 2009.

Anúncio da festa MayDay no blog, postado a

Como podemos constatar, o rol de actividades e acções envolvidas na organização do MayDay é vasto e implica a utilização de variados recursos, de forma a conseguir a concretização dos seus objectivos. Como vimos na primeira parte do trabalho, no plano das correntes teóricas sobre movimentos sociais, uma das principais críticas ao paradigma americano foi, precisamente, a sua incapacidade de enquadrar os movimentos que dispunham de poucos recursos e poucas perspectivas de recompensa, mas que, contra todas as expectativas, conseguiam mobilizar “multidões” e conduzir lutas de contestação organizada e com resultados efectivos.¹³¹

¹³¹ Na sua obra “*Sociologie des Movements de Précàires*”, Magali Boumaza e Philippe Hamman analisam a forma como vários movimentos de precários em termos de trabalho, legalização de documentos, de habitação se conseguem organizar sem terem, à partida, muitos recursos. Pode-se recorrer, assim, à definição de movimentos

Neste aspecto, o movimento MayDay Lisboa constitui-se como um movimento capaz de demonstrar que, mesmo sem recursos materiais próprios, reflectido na e derivado, também, da sua “imaterialização” em termos organizacionais e formais. Podemos, *in extremis*, considerar que o movimento MayDay Lisboa não existe em termos “materiais” ou “formais” na medida em que não tem identidade jurídica, não tem estrutura formal nem órgãos definidos, não tem sede ou espaço onde esteja baseado, não possui bens materiais, nem tem capital financeiro próprio.

1.3 Capital militante individual e em rede

Na antropologia não têm havido muitos estudos a utilizarem o capital social como objecto analítico e não se tem desenvolvido muito este conceito. Pierre Bourdieu foi um dos primeiros académicos a utilizar o conceito de capital social na sua análise de classes. No seu estudo sobre classes não reduz a questão a factores puramente económicos e materiais, mas aplica o conceito de capital social ao indivíduo, contextualizando-o em termos da sua *rede social*. Esta análise pode se revelar muito útil relativamente a questões de poder e de influência que fogem a questões de poder económico e material, introduzindo novas variáveis para análise.

“one can give an intuitive idea of it by saying that it is what ordinary language calls ‘connections’... by constructing this concept one acquires the means of analysing the logic whereby this particular kind of capital is accumulated, transmitted and reproduced, the means of understanding how it turns into economic capital and, conversely, what work is required to convert economic capital into social capital, the means of grasping the function of institutions such as clubs or, quite simply, the family, the main site of accumulation and transmission of that kind of capital.”¹³²

Considero que, de certa forma, o capital militante reflecte uma dimensão particular do capital social. Utilizo aqui o conceito de capital militante enquanto “*competências para acção*

como movimentos precários, precariedade relacionada com outras realidades e dimensões de precariedade, que não apenas a realidade da precariedade laboral.

¹³² Bourdieu in Harriss, 1997:921

colectiva”, recorrendo à definição de Magali Bouzamma e Philippe Hamman¹³³, acrescentando a vertente dos recursos para a acção colectiva. Pretendo demonstrar a existência do capital militante no plano individual, bem como no plano colectivo, através da sugestão do conceito de capital militante em rede.

De forma a analisar a dimensão individual do capital militante, procedo a uma breve caracterização dos participantes no movimento MayDay Lisboa 2009. Será na rede constituída por esses indivíduos que assentará o capital militante colectivo, demonstrado pela apresentação de dois momentos importantes para o estabelecimento da rede de contactos, a Festa do MayDay Lisboa e a comemoração do 25 de Abril. Ainda de referir o caso da participação da Margarida Dias Coelho no MayDay Lisboa e a história dos cartazes por ela criados, desenvolvida no terceiro capítulo desta secção, dedicado ao carácter performativo do movimento.

A maioria dos membros do MayDay são jovens na faixa etária entre os vinte e os trinta cinco anos, com formação superior, historial associativo e participação em diversos grupos, movimentos, associações, partidos, ou outro tipo de colectivos. Muitos estão envolvidos desde o primeiro Mayday, no entanto houve o distanciamento de membros antigos e a junção de novos membros no Mayday 2008, bem como agora no MayDay Lisboa 2009. Uma parte conhecia-se e tinham, em muitos casos, relações de convívio que ultrapassavam o contexto do Mayday. Um grande grupo nuclear na organização do Mayday pertence aos Precários Inflexíveis, grupo fundado no seguimento do primeiro Mayday com o objectivo de prosseguir a luta do Mayday durante todo o ano.

António Negri refere-se aos jovens militantes do movimento MayDay, na sua dimensão global, como “*cognitariado*”, ou seja, “*assalariados com um nível de instrução média-alta, habituados a trabalhar com as novas ferramentas informáticas apesar de não estarem ligados à comunicação mas, por exemplo, aos serviços produtivos.*”¹³⁴

O MayDay Lisboa, apesar de basear-se exclusivamente nos seus constituintes enquanto indivíduos e não adoptar uma estrutura formal, é detentor de um capital militante

¹³³ Bouzamma et Hamman, 2007:21

¹³⁴ Hardt et Negri, 2007: 203

colectivo. Os recursos dos seus militantes, ou o que poderemos designar como o capital militante dos participantes no movimento, acabam por formar uma rede difusa e, muitas vezes, sobreposta de contactos, que adquire uma forma de rede multidimensional. O capital militante colectivo resultante desta rede de recursos e de militância, não se limita à soma do capital militante de cada indivíduo, mas antes multiplica-se através das sinergias geradas entre os diferentes indivíduos e, através destes, entre diferentes colectivos.

Os recursos do MayDay encontram-se, assim, imbuídos e assentes em toda uma rede de contactos, de colaboração e de solidariedade estabelecida em todo o processo. A título de exemplo podemos considerar a questão da utilização do espaço da Associação Solidariedade Imigrante (SOLIM) e do Sindicato de Professores da Grande Lisboa (SPGL) para a realização das assembleias, ou a cedência por parte do colectivo cultural Crew Hassan de espaço para a produção e armazenamento de materiais para a Festa e para a Parada. O blogue, através da extensa lista de blogues e sítios solidários e associados com o MayDay, também é um bom exemplo para demonstrar o alcance da rede militante, neste caso na sua dimensão cibernética¹³⁵

A Festa MayDay Lisboa 2009

Ontem à noite, várias centenas de pessoas encontraram-se na Festa MayDay Lisboa 2009, no Ateneu Comercial de Lisboa. A dançar ao som de Pedro e Diana, Tucanas, DJ's Crew Hassan e das músicas que várias pessoas levaram até à mesa de som; a jogar o Twister precário e o bowling contra a precariedade; a construir materiais para a parada do 1º de Maio, entre copos e conversas, todas se juntaram de diversas formas contra a precariedade¹³⁶

A festa MayDay Lisboa 2009 decorreu no Ateneu de Lisboa na noite de sexta-feira, 17 de Abril. Embora, como referi anteriormente, a pertinência da organização de uma festa tenha

¹³⁵ **Movimentos de Precários e Trabalhadores** [CGTP-IN Coimbra Sem Precariedade](#) [EuroMayDay FERVE - Fartos d'Estes Recibos Verdes InterJovem](#) [Mind This Gap Precári@s Inflexíveis](#) **Blogues que falam do MayDay:** [5dias](#), [A Silhueta da Menina Pires](#), [Activismo de Sofá](#), [Agitação](#), [Ai Jesus!](#), [Almareios](#), [Arestas](#), [Argolas](#), [Arroz do Céu](#), [ATTAC Portugal](#), [Baga Baga](#), [Blocomotiva](#), [Blog do IZB](#), [Blogo Social Português](#), [Conspiração dos Iguais](#), [Câmara Lenta](#), [Dar Voz a Pedras Solidárias da Aldeia Global](#), [Esquerda.net](#), [Fúria do Cajado](#), [Irmão Lucia](#), [La Jeune Garde](#), [Largo dos Combatentes](#), [Les Carnards](#), [Libertaíres](#), [Luís Silva \(ilustração\)](#), [MESP](#), [Movimento Escola Pública](#), [Mundo em Guerra](#), [Nas Faldas da Serra](#), [Ninho de Víboras](#), [O Pafúncio](#), [Os Varredores do Deserto](#), [Passa Palavra](#), [Pimenta Negra](#), [Reflexões Banais](#), [Rádio Leonor](#), [Spectrum](#), [Universidade Gourmet](#), [Xadrez Vigoroso](#)

¹³⁶ Post da festa no blog MayDay Lisboa 2009

sido questionada por alguns elementos do MayDay, ela constituiu-se como um elemento fulcral e simbólico, atingindo vários objectivos diferentes através de um momento de convívio em ambiente de festa. A festa não serve apenas para proporcionar um momento de diversão e lazer e atrair participantes para a parada, mas adquire antes uma dimensão que ultrapassa em larga escala a questão dos “copos”.

A festa, que aconteceu dois fins-de-semana antes da parada, serve, sem dúvida alguma, para apelar à mobilização de participantes. Participantes esses que não se envolvem obrigatoriamente no processo de organização do movimento e da Parada, mas que se constituem como elementos fundamentais no momento alto do MayDay. Este ambiente de mobilização é evidente, com o apelo à participação na preparação de material para a parada, com a passagem de vídeos das manifestações dos anos anteriores, entrevistas e reportagens da comunicação social, ou ainda os vídeos resultantes das acções levadas a cabo pelo movimento.¹³⁷

A festa também desempenha um papel muito importante no que diz respeito à rede militante solidária com o movimento. Vários colectivos foram convidados a estarem presentes na festa, o que permite também a essas organizações a divulgação das suas causas, dos seus objectivos e das suas actividades. Estiveram presentes grupos focados especificamente na luta contra a precariedade, mas maioritariamente movimentos com outro tipo de causas, como por exemplo o colectivo GAIA, movimento ecologista, editora Letra Livre, jornais, colectivos anarquistas, plataforma artigo 65, movimento de acção sobre o apoio ao arrendamento jovem em Lisboa, SOLIM,

A festa do 25 de Abril no Largo do Carmo e o cortejo do 25 de Abril

Como vimos na terceira parte do trabalho, no capítulo dedicado ao aparecimento do MayDay em Lisboa, em 2007, a festa que decorre tradicionalmente na noite da véspera do 25 de Abril, no Largo do Carmo, revelou-se como um momento fundamental para a divulgação e projecção do movimento, na sua primeira edição em Lisboa. A venda do jornal MayDay e o convívio proporcionado pela festa, bem como pela manifestação no próprio dia do 25 de

¹³⁷ ver fotografias Anexo E

Abril, permitiram uma maior mobilização para a Parada do Primeiro de Maio. Os militantes iniciais, fundadores do movimento, conseguiram atrair amigos e simpatizantes para a causa da luta contra a precariedade e ampliar o alcance do movimento.

A proximidade do 25 de Abril e do Primeiro de Maio e a sua associação simbólica em termos da história recente portuguesa, no contexto da Revolução do 25 de Abril, faz com que os eventos comemorativos do 25 de Abril sirvam de “catalisador” para a construção dum sentimento de solidariedade entre as várias correntes da esquerda portuguesa. Desempenha também, como no caso do MayDay, um papel catalisador no que diz respeito à mobilização para as manifestações do Primeiro de Maio. Pode-se mesmo considerar que o 25 de Abril é um momento em que as diferenças entre os vários movimentos de esquerda são postas de lado e o sentimento de união é mais forte no campo político da esquerda.

Já no Primeiro de Maio, apesar do valor altamente simbólico do Dia do Trabalhador ser partilhado por toda a esquerda, as divisões são mais evidentes, e a sua politização mais forte e imediata, como é demonstrado pelo simples facto de haver apenas uma grande manifestação no 25 de Abril, enquanto no Primeiro de Maio são organizadas várias manifestações consoante as simpatias político-partidárias das diferentes estruturas sindicais. As duas manifestações mais importantes são a manifestação promovida pela CGTP-IN, na qual se insere o movimento MayDay, e a manifestação organizada pela outra principal plataforma sindical a nível nacional, a UGT (União Geral dos Trabalhadores).¹³⁸

1.4 - Relacionamento com estruturas político-partidárias

Se o movimento em si não possui, sequer, estruturas de representação para o exterior, que permitam a construção de pontes de comunicação oficiais com outras estruturas e movimentos, essas relações acabam por se apresentar diluídas e imbuídas no colectivo, mas numa dimensão pertencente ao domínio do individual. Mesmo que o MayDay Lisboa, enquanto movimento, consiga, assim, escapar a essa definição relativamente ao seu

¹³⁸ É genericamente reconhecida a associação da CGTP-IN ao Partido Comunista Português, onde detém representação no Comité Central do Partido, e a maior proximidade da UGT ao Partido Socialista.

posicionamento nesses campos mais sensíveis, as relações e as diferentes tendências político-partidárias ou ideológicas, não deixam de estar presentes no plano individual.

A questão do relacionamento com outros movimentos sociais, que podem ser considerados, de certa forma “neutros” a esse nível, não se constitui como tão problemática. Defendo, aliás, a visão de “capital militante em rede”, uma rede solidária e cooperante, em que existe um movimento de capital militante, um processo de aprendizagem através da partilha de experiências e uma rede de apoio e solidariedade, representada pela troca de recursos e construção de sinergias. É mais consensual, por exemplo, o relacionamento do movimento com a SOLIM, Associação Solidariedade Imigrante que apoia a comunidade imigrante na luta pelos seus direitos, ou com movimentos ambientalistas, ou grupos dedicados à luta pelos direitos da comunidade LGBT. As causas e lutas promovidas por esses movimentos sociais recolhem, claramente, um apoio consensual entre os participantes do movimento e não se apresentam como uma ameaça à coesão interna do MayDay Lisboa 2009. Bem pelo contrário, espelham a diversidade e a heterogeneidade de causas envolvidas no movimento alterglobalização.

Já o relacionamento com estruturas partidárias, ou o posicionamento do movimento de trabalhadores precários face ao movimento sindical, afigura-se como potencial fonte de tensões e conflito. Pode, assim, constituir-se como factor de divisão interna e de exclusão de determinadas tendências e correntes políticas, em posição minoritária dentro do movimento MayDay Lisboa, e apresentar-se como um risco à coesão interna do movimento. Como o movimento MayDay Lisboa se apresenta com uma estrutura amorfa, ou mesmo pela ausência total de estrutura representativa, e se define como um colectivo de indivíduos, a definição das suas relações com essas estruturas não é fácil, nem clara, e assenta de forma implícita nas redes individuais mais do que em posições oficiais.

Assistiu-se a uma estratégia por parte de alguns elementos que pretendiam evitar o confronto directo e a discussão aberta sobre estes assuntos, estratégia defendida e seguida pelo grupo que se constituía como maioritário dentro do movimento, e constituído maioritariamente por indivíduos identificados como militantes e simpatizantes do Bloco de Esquerda. Mas esta discussão era trazida para o debate, com alguma regularidade, e estava muitas vezes presente em discussões paralelas, sendo levantada por indivíduos que, de certa

forma, representavam posições, facções e tendências com uma expressão minoritária dentro do movimento.

Recorrendo a uma imagem e expressão utilizada por um dos participantes numa assembleia, durante a discussão sobre esta temática, por vezes parecia existir um “elefante” na sala, que estava sempre presente mas que, de certa forma, era invisível. Alguns elementos do MayDay preferiam ignorá-lo, apresentando uma certa relutância em considerar, sequer, a relevância ou pertinência da discussão sobre estas questões. Outros, davam visibilidade ao “elefante” promovendo “acções de guerrilha”, recorrendo, uma vez mais, a expressões utilizadas por um dos participantes nesta discussão.

Determinadas facções minoritárias, de quando em quando, desciam dos seus redutos na montanha, das margens a que estavam inevitavelmente limitados, e provocavam, quase que forçavam, o reconhecimento dessa realidade, a discussão sobre a mesma e o assumir do posicionamento de cada um sobre estas questões. Essas “acções de guerrilha” eram enfrentadas com reacções e atitudes defensivas, numa tentativa de desvalorização, ou mesmo negação, do tal “elefante”, invisível mas sempre presente.¹³⁹

A questão do posicionamento do movimento dos trabalhadores precários em relação ao movimento sindical, também parecia não ser completamente consensual e era caracterizada por uma certa ambiguidade. Contudo, julgo que o confronto de posições deve ter estado mais presente e deve ter sido mais determinante no momento inicial da formação do MayDay Lisboa, em 2007. Foi na primeira edição que ficou definida a estratégia de convivência *pacífica* com os sindicatos, uma opção altamente simbólica para a definição do movimento MayDay Lisboa, reflectida na decisão de incorporar a Parada MayDay de trabalhadores precários na manifestação promovida e organizada pela estrutura intersindical da CGTP-IN. Esta escolha terá tido, seguramente, as suas implicações e consequências no envolvimento de alguns indivíduos, defensores de outras correntes ou tendências ideológicas e estratégias de acção.¹⁴⁰

¹³⁹ Alguns elementos do MayDay Lisboa 2009, pelo menos três elementos identificados, chegaram a anunciar a sua retirada do movimento até à organização da Parada, em desacordo com algumas decisões ou estratégias seguidas pelo movimento, referindo-se à existência de censura dentro do movimento.

¹⁴⁰ Esta questão foi relatada no segundo capítulo da terceira secção do trabalho, dedicado às origens do MayDay Lisboa 2007.

Apesar desta definição inicial, necessária no momento de constituição e definição do movimento, ter sido esclarecida e assumida, o relacionamento do movimento MayDay Lisboa com as estruturas sindicais não deixa de se revestir de uma certa ambiguidade. As duas partes parecem encarar-se, ainda, com alguma desconfiança, mas parecem ter optado por uma estratégia de reconhecimento mútuo e de cooperação, note-se que pouco intensa até ao ano de 2009, e numa tentativa de união de esforços face à identificação de um inimigo e um objectivo de luta comum,

2. Precariado: a construção duma nova identidade

“Somos muito(s) mais...

Somos jornalistas, artistas, operadores de call-center, caixas de supermercado, enfermeiros, médicos, trabalhadores das obras, administrativos, funcionários públicos, operários, camionistas e tantos outros que se vêem a trabalhar a recibos verdes, com contrato a termo certo, sem contrato ou a (falsos) recibos verdes, como eternos bolseiros de investigação, estagiando repetidamente, trabalhando para Empresas de Trabalho Temporário, ou simplesmente em condições ilegais. Hoje a precariedade atinge todos: jovens e idosos, licenciados e analfabetos, imigrantes ou não, muitos homens e ainda mais mulheres. A precariedade é a nova lei das relações laborais; o dia-a-dia de cada vez mais pessoas é feito na instabilidade. Mas somos muito mais do que querem que sejamos: recusamos viver na chantagem da crise e do desemprego e sabemos que é possível mudar a vida. Temos pressa em mudar a vida!”

Início do editorial do jornal do MayDay Lisboa 2009¹⁴¹

A criação de uma nova identidade colectiva do trabalhador precário, ou classe do precariado, constitui-se como o principal objectivo do movimento em termos da sua origem. Reflecte-se aqui a importância da identidade colectiva em termos de definição estratégica para o alcance dos seus objectivos. Mas esta nova identidade colectiva envolve a recuperação, de certa forma, da identidade colectiva do trabalhador no plano central das lutas por direitos sociais.

¹⁴¹ Anexo A-5

Uma das principais preocupações manifestadas nas assembleias desde o início foi precisamente a discussão sobre como definir o público-alvo das acções de sensibilização, de forma a serem o mais abrangentes possível. A falta de coesão e consciência enquanto classe trabalhadora por parte da multidão de trabalhadores em situação precária é vista como uma das maiores dificuldades, obstáculos, ou mesmo o maior, que comprometem a mobilização para a acção e pressão sobre o poder político e económico.

Esta preocupação reflectiu-se na produção discursiva, iconográfica e na definição de estratégias e público-alvo. A produção discursiva resultou da elaboração de um jornal do Mayday com contributos variados, dos panfletos distribuídos em massa em diferentes locais e dirigidos a diferentes públicos, nos textos do blogue, na linguagem dos cartazes e outros materiais de divulgação, nas letras das músicas produzidas pela dupla Pedro e Diana, nas palavras de ordem preparadas para a parada e, ainda, na participação por parte de elementos do Mayday em iniciativas de debate sobre a precariedade laboral, promovidas por diversas entidades da sociedade civil e da comunicação social.

A diversidade versus a unidade da identidade do trabalhador precário esteve presente e foi muito discutida quando da discussão sobre o formato dos panfletos a serem feitos e distribuídos em massa. Foram identificados alguns grupos de trabalhadores precários eleitos como alvos principais devido à sua dimensão em termos quantitativos: os trabalhadores a recibos verdes, os trabalhadores vinculados a Empresas de Trabalho Temporário, com grande expressão em Call Centers, e os trabalhadores das grandes superfícies comerciais.

A preocupação surgiu sobre qual a forma mais eficaz de conseguir chegar aos vários sectores alimentados pelo trabalho precário e, simultaneamente, defender e manter uma coerência em termos de discurso, focando-se no comum das várias realidades. Por um lado, um discurso que abordasse as especificidades dos vários sectores parecia mais eficaz para a identificação e reconhecimento por parte dos próprios trabalhadores da sua realidade precária específica, apelando para a mobilização desses grupos. Por outro lado, um discurso unificador das várias realidades e dos vários sectores era necessário para a união de todos os trabalhadores precários, um discurso focado nos problemas e dificuldades comuns estabelecendo pontes e apelando para a solidariedade e unidade para uma mobilização geral.

As realidades tão diversas e a dificuldade de identificação e consciencialização enquanto classe dos trabalhadores precários, levaram alguns elementos a defenderem a elaboração de vários panfletos direccionados a diferentes grupos de trabalhadores. Mas por outro lado, o objectivo de criação de uma identidade única que abrangesse as várias dimensões do trabalho precária parecia contrário ou incongruente com panfletos diferenciados, levando outros elementos a argumentarem pela opção de um panfleto único capaz de levar à identificação dos vários grupos de trabalhadores precários entre si.

Outra questão interessante, desta vez mais consensual, foi a intenção de incluir o desemprego no conceito do trabalho precário. Se o trabalho precário está associado ao constante movimentação entre empregos, inevitavelmente pressupõe/implica também a intermitência, ou alternância, de períodos de emprego temporário com períodos de desemprego. A precarização do mundo laboral e o desemprego fazem parte da mesma realidade e andam de mãos dadas, e esse conceito era considerado estrategicamente fundamental para a consciencialização por parte da população em geral desta associação, estabelecendo mais uma ponte entre duas situações vistas como a outra face da mesma moeda.¹⁴²

A ideia de que ter um trabalho, mesmo que precário, é melhor do que o desemprego, está largamente presente, quer de forma bastante clara no discurso de determinados sectores políticos e económicos, quer no discurso da população em geral e nas conversas correntes. Esta ideia parece ter como objectivo a resignação e aceitação da realidade, focando-se na realidade pior do fantasma do desemprego e relativizando a realidade menos má do trabalho precário, sob a máscara descarada de um “eufemismo” redutor e limitado.

Outro público considerado vital para a luta e consciencialização da realidade precária que afecta maioritariamente os jovens, puxando para a discussão e mobilização de um grupo não de trabalhadores, mas de futuros trabalhadores, potencialmente precários. As dificuldades sentidas e vividas pela maioria dos jovens licenciados são amplamente reconhecidas e debatidas. Foi considerado vital a consciencialização por parte dos jovens estudantes do

¹⁴² Ver autocolantes 1 e 4

futuro precário que os esperam e a sua inclusão na massa crítica e activista contra o trabalho precário.

A angústia ligada à incerteza do futuro profissional tornou-se como que inerente à condição do jovem finalista do ensino superior ou recém-licenciado. A problemática evolui da dificuldade em exercer uma actividade na sua área de formação para a dificuldade de inserção no mercado laboral em geral. Assim os jovens recém licenciados engrossam as fileiras de trabalhadores precários, desempenhando funções para as quais são claramente sobre-qualificados. Constituem assim um sub-grupo bastante expressivo de trabalhadores precários sobre-qualificados em funções que podem ser consideradas indiferenciadas.

O jornal produzido pelo MayDay Lisboa é representativo desta tentativa de incluir o maior número possível de realidades e identidades de trabalhadores precários. Incluiu textos sobre: Imigração, Saúde, Educação Superior, Código do Trabalho, Jornalismo, Discriminação de Género, Precariedade nas Artes e Espectáculo, Mayday Porto, Neoliberalismo e Capitalismo.

O movimento Mayday não reflecte através dos seus elementos a realidade que pretende representar, os seus elementos pertencem maioritariamente a uma certa “elite” dentro do mundo/classe/condição de precários: jovens adultos, provenientes da classe média, média-alta, com qualificações literárias ao nível do ensino superior, muitos dos quais pós-graduado, com antecedentes de militância noutros movimentos e envolvimentos noutras causas, quer associativismo estudantil, juventudes partidárias, participação em associações comunitárias, grupos de acção, etc.

3. Cria(c)tividade e o carácter performativo

O movimento MayDay Lisboa, à semelhança do movimento MayDay em termos globais, aposta fortemente na divulgação através de meios audiovisuais, com a produção de vídeos postos a circular na Internet, meios gráficos, com toda a iconografia produzida para o

logótipo¹⁴³, autocolantes¹⁴⁴, cartazes¹⁴⁵. Para além desta dimensão iconográfica existe uma dimensão de carácter performativo, representado pelas coreografias e cantorias preparadas para a Parada.

O CD produzido pela dupla Pedro e Diana, dois militantes do MayDay muito activos e interventivos, constitui-se como outro exemplo do carácter performativo, característico deste movimento. Pedro e Diana apresentam um historial de militância em que utilizam a música como forma de intervenção, tendo participado em vários eventos ligados à temática da precariedade, um pouco por todo o país. Também actuaram na Festa do MayDay Lisboa e do MayDay Porto 2009. O caso da participação da Margarida Dias Coelho será explorado mais à frente como um exemplo do que defini como *praxis* artística interventiva.

Estes vários exemplos reflectem o espírito de irreverência, através da utilização do humor satírico, que uma imagem que o movimento pretende projectar.

As acções e os vídeos

A primeira acção, realizada entre a primeira e a segunda assembleia foi apelidada de “A precariedade congela-nos a vida” e resultou num primeiro vídeo, utilizado na divulgação da segunda assembleia. Consistiu numa acção de rua em que vários elementos do MayDay Lisboa 2009 desceram o Chiado até à Baixa, tentando equilibrar uma pilha de caixotes, presos a uma vara flexível que vergava com o peso, e que simbolizavam as várias despesas a que um jovem dos dias de hoje tem que fazer frente: comida, renda, contas da água e da luz, mas também propinas, despesas de saúde, preservativos, cinema e saídas à noite.

Outra das acções organizadas foi a acção do Centro de Emprego, que consistiu na invasão surpresa de um Centro de Emprego denunciando o crescimento imparável do número de desempregados. Esta acção foi considerada no balanço final por muitos elementos do Mayday a acção mais conseguida, de carácter mais irreverente e radical, e eventualmente com mais impacto interno e externo.

¹⁴³ Anexo A-1

¹⁴⁴ Anexo A-2

¹⁴⁵ Anexos A-3 e A-4

Foram produzidos mais dois vídeos, um da acção das Empresas de Trabalho Temporário e outro da acção da *stencilada*. Na primeira acção referida organizaram-se cinco equipas que, durante a noite, colaram em várias agências de Empresas de Trabalho Temporário em Lisboa cartazes a denunciarem a exploração levada a cabo por estas empresas. Esta acção foi levada a cabo com um espírito irreverente e sentimento de transgressão, e foi vivida com muita adrenalina pela maior parte dos participantes, tendo transparecido esse sentimento para o vídeo produzido, através da música utilizada e pelo registo acelerado da sucessão de imagens. A acção da *stencilada* foi uma acção que teve como objectivo espalhar a marca do MayDay em vários locais de passagem por toda a cidade de Lisboa, com a divulgação do sítio electrónico www.maydaylisboa.org.

A Parada

A Parada do Primeiro de Maio teve como ponto de encontro o Largo Luís de Camões, com um piquenique marcado para o meio-dia. A escolha da praça que faz a transição entre o Chiado e o Bairro Alto, em pleno centro cosmopolita de Lisboa e um dos principais pontos de encontro da juventude lisboeta, parece reflectir a origem global do movimento MayDay e o perfil jovem da maioria dos seus participantes. Por volta das duas e meia da tarde o grupo de manifestantes reunidos desceu o Chiado até à Baixa Pombalina, para depois se juntarem ao desfile dos trabalhadores organizado pela CCTP-IN. Do Martim Moniz seguiram pela Rua da Palma e pela Avenida Almirante Reis até se concentrarem na Alameda Afonso D. Henriques.

O grupo inicial de participantes, que aproveitaram o pique-nique como aquecimento para a marcha, teria algumas dezenas de pessoas, mas o grupo que iniciou a marcha já agrupava participantes na ordem das centenas. Durante a marcha e no Martim Moniz, onde houve um período de espera que foi aproveitado para organização do desfile e ensaios das coreografias que faltavam, o grupo atingiu, segundo algumas estimativas de elementos do MayDay, perto de mil participantes no total.

No Largo Luís de Camões, para além da refeição económica, constituída por um sanduíche, uma peça de fruta e uma bebida, havia música ao vivo e jogos centrados na temática da precariedade, replicando o ambiente da festa que tinha ocorrido duas semanas

antes. Os cartazes, as pancartas, as faixas e outros materiais produzidos na festa e durante os preparativos da Parada decoravam o largo, criando um ambiente apelativo e mobilizador para a manifestação.

Após a concentração no Largo Camões a marcha iniciou e os manifestantes desceram pelo Chiado, considerado pelo MayDay uma das “catedrais da precariedade”, representante do sector do grande comércio, assente numa massa de trabalhadores precários, com contratos a prazo ou sem contrato, baixos salários e, em geral, pouco respeito pelos direitos dos trabalhadores. O Chiado e a sua envolvente mantém a grande maioria do comércio a funcionar no Dia do Trabalhador e, de forma a assinalar esta realidade, foi desenrolada e afixada uma faixa no Elevador de Santa Justa com a frase “Hoje, Primeiro de Maio, há trabalhadores precários a trabalhar”.

Os manifestantes iam cantando e gritando palavras de ordem como “Precários nos querem, Rebeldes nos terão”, “País Precário sai do armário”, “Os bolsos estão vazios, não temos um tostão, estamos pelos cabelos e o lucro é do patrão” ou, ainda, “Somos precários, somos precárias, as explorações são muitas por isso as lutas também são várias”. Para além das palavras de ordem várias cantorias foram preparadas, muitas vezes acompanhadas por coreografias, que remetem para o imaginário desta geração jovem, adaptando músicas da infância e de desenhos animados, ou de filmes e grandes sucessos musicais dos anos 80 e 90.¹⁴⁶ Estas cantorias, juntamente com as músicas criadas pela dupla Pedro e Diana, compiladas no CD “Ora dá cá um”¹⁴⁷ são um exemplo da subversão de ícones, figuras e repertório musical tradicional, utilizando o humor e a sátira na crítica das condições de vida que a juventude de hoje enfrenta.

A primeira fase do desfile terminou no Martim Moniz, ponto de encontro com a marcha dos trabalhadores organizada pela CGTP-IN. O Martim Moniz e a zona envolvente são caracterizados por um ambiente multicultural e multi-étnico de diversidade, representando um dos rostos da globalização, mas numa dimensão que contrasta com o cosmopolitismo do Chiado. Foi também no Martim Moniz que a manifestação dinamizada pela SOLIM teve

¹⁴⁶ Ver Anexo A-7

¹⁴⁷ Ver Anexo A-6

início. A Parada do MayDay Lisboa e a manifestação dos trabalhadores imigrantes encerravam, assim, a marcha dos trabalhadores promovida pela CGTP-IN.¹⁴⁸

Enquanto aguardavam o início desta segunda fase da Parada, foi executada uma acção em coordenação com o MayDay Porto em que, por volta das quatro da tarde os manifestantes bateram o pé em simultâneo sob o mote “Se todos os precários baterem o pé o mundo treme”. Na Avenida Almirante Reis, em frente ao Banco de Portugal, foi executada outra coreografia, ao mesmo tempo que rebentavam dezenas de balões e colocavam mais uma faixa, desta vez com a frase “A crise estala, o precariado não se cala”.

Por último, ao chegarem à Alameda D. Afonso Henriques, local da concentração final de todos os trabalhadores e manifestantes, os elementos do MayDay colocaram no relvado da alameda placas a formarem a frase “Precariado contra a exploração”. A definição da frase a constar nesta última acção da Parada foi alvo de discussão acesa numa das últimas assembleias preparatórias. A discussão gerou-se à volta da utilização explícita do termo capitalismo. Enquanto alguns elementos defendiam que o movimento MayDay Lisboa devia assumir uma posição frontal e explicitamente anti-capitalista, outros argumentavam que, por razões essencialmente estratégicas, não se deveria recorrer a expressões muito radicais.

À semelhança do que se passou no Fórum Social Português esta questão trouxe à superfície divergências entre várias correntes, quer em termos ideológicos, quer em termos estratégicos. Acabou por prevalecer a posição da ala mais moderada, que argumentava que a utilização de uma expressão assumidamente anti-capitalista carregava o risco de estigmatização do movimento e uma conotação como movimento radical, pondo em risco o poder de alcance e possível impacto das suas acções.

Após a chegada da Parada dos trabalhadores precários e da manifestação dos trabalhadores imigrantes, Manuel Carvalho da Silva, secretário-geral da CGTP-IN, referiu no seu discurso que todos os trabalhadores estão contra a precariedade laboral e apoiam a luta dos jovens, que representam o futuro da luta dos trabalhadores. Manuel Carvalho da Silva

¹⁴⁸ Este momento também foi aproveitado por vários participantes na manifestação para distribuírem panfletos sobre as mais variadas causas, recolhi panfletos da Plataforma abstencionista, Rubra – Campanha internacional para abrir a fronteira de Rafah, 2009 MGM - marcha global da marijuana LISBOA, Plataforma Objecção ao Biotério, SOLIM – 3º Festival Imigrante, Manifestação Nacional “Mar Livre”, ATTAC

reconheceu também a realidade dos trabalhadores imigrantes, defendendo que a população deve beneficiar dos mesmos direitos de todos os trabalhadores.

Participação da Margarida Dias Coelho

“O ciclo de vida militante dos cartazes precários da Margarida Dias Coelho: um caso de circulação de capital militante”

A história da participação e contribuição da Margarida Dias Coelho, artista plástica autora de cartazes dedicados ao trabalho precário, revela-se um caso de análise muito interessante e com um enorme potencial demonstrativo da fusão entre criatividade e actividade, bem como da “rede de capital militante” e da circulação do mesmo, neste caso sob a forma material de cartazes. Esta participação peculiar e “acidental” é também representativa, de certa forma, do espírito de Seattle e dos novos movimentos alterglobalização.

A participação da Margarida consistiu na cedência de cinquenta cartazes da sua autoria, criados para outro propósito, que representam cinquenta trabalhadores rotulados, marcados, como precários. Criou ainda três postais, estes criados especificamente para o MayDay, assumindo os custos da sua reprodução para serem distribuídos durante a Parada. Foi, precisamente, um desses postais que escolhi para a imagem da capa do trabalho.

Mas passemos à narrativa da história dos cartazes dos trabalhadores precários. A Margarida é uma artista plástica, habituada às inconstâncias do trabalho neste sector de actividades, desde há muito reconhecido e considerado inerente à vida de artista. Nascida a 25 de Abril, desde os quinze anos de idade que comemora o seu aniversário ao mesmo tempo que todo o país celebra a Revolução de Abril. Adepta de um conceito e de uma *praxis* artística interventiva, resolveu em 2009 comemorar de forma original o seu aniversário, fundindo-o com o desfile da manifestação do 25 de Abril que, todos os anos, desce a Avenida da Liberdade. Resolveu, para tal, criar cinquenta cartazes sobre a temática da precariedade e

convidar cinquenta amigos para fazer uma manifestação no 25 de Abril, ao mesmo tempo que celebravam o seu aniversário pessoal.¹⁴⁹

O processo criativo foi um processo individual¹⁵⁰ mas, como a própria realça, o seu objectivo era que os cartazes “ganhassem vida própria” e, de certa forma, uma dimensão colectiva, no momento em que fossem distribuídos e empunhados pelos cinquenta amigos. Esse momento pode ser definido como uma passagem de testemunho que assinala o encerrar e o culminar do processo criativo individual e se constitui, simultaneamente, como o ponto de partida para um percurso que já estaria fora do seu controlo da criadora. Aliás, como vamos constatar, esse percurso revelou-se como uma longa viagem, que não estava de todo prevista, mas que cumpriu os propósitos e intenções deste seu projecto.

O ponto de encontro marcado para a reunião dos “manifestantes convidados” foi no Marquês de Pombal¹⁵¹, ponto de partida da tradicional manifestação do 25 de Abril. No entanto, reunidos os “manifestantes convidados”, a comitiva da aniversariante deparou-se com um sério obstáculo formal. Margarida não sabia que era necessário inscrever o grupo para poderem desfilar no cortejo oficial e, por esse facto, foi-lhes barrada a entrada “oficial” na marcha. Recorrendo às palavras da própria Margarida, ao relatar o episódio em tom de anedota, “*era preciso ter senha*”, e eles não tinham senha.¹⁵²

¹⁴⁹ ver Anexo F – Fotografias Participação Margarida Dias Coelho, que inclui fotografias do processo de criação dos cartazes, fotografias da manifestação do 25 de Abril e da Parada do MayDay Lisboa 2009, e ainda fotografia do mural final que encerrou o ciclo.

¹⁵⁰ Para elaborar os cartazes decidiu fotografar os rostos de vários manifestantes, cerca de trezentos retratos inicialmente, no contexto de uma manifestação real. A manifestação escolhida foi a manifestação nacional promovida pela CGTP-IN a 13 de Março de 2009, que contou com a participação, segundo algumas estimativas, de duzentas mil pessoas. De notar que a sociedade portuguesa atravessava um momento de tensão social bastante intensa, nomeadamente entre a classe dos professores, e decorreram várias manifestações de grandes dimensões nesta altura.

Com base nas fotografias recolhidas seleccionou cinquenta rostos, que serviram de modelo para a criação dos retratos dos trabalhadores precários. Através de uma técnica de contraste negativo/positivo criou os retratos finais, compondo o quadro com a aplicação de uma marca, ou rótulo, com as palavras “precário/precária” ou “despedido/despedida”, através da técnica de *stencil*. A técnica utilizada e o resultado final remetem, claramente, para o estilo utilizado na criação do retrato do Che Guevara, figura lendária da Revolução Cubana e de toda a América Latina que foi largamente difundida por todo o globo enquanto símbolo da esquerda e dos movimentos de luta contra o capitalismo. Fotografias 1, 2 e 4 do Anexo F

¹⁵¹ Fotografia 5 do Anexo F

¹⁵² A construção desta narrativa tem como base duas conversas informais com a Margarida Dias Coelho e o visionamento de vídeos e fotografias cedidas por ela

Após terem aguardado em ambiente de festa e ao som do colectivo jovem “Tocá Rufar”, a comitiva tentava uma retirada de cena o mais discreta possível, entre um registo de surpresa, riso e diversão. Entusiasmada e motivada, a “multidão” de cerca de cinquenta pessoas não se resignou e rapidamente se recompôs do desaire inicial, procurando uma solução para contornar este primeiro obstáculo. Tranquilamente, começaram a descer a Avenida da Liberdade pelo corredor lateral, de livre acesso, ao mesmo tempo que iam espreitando para o cortejo principal à procura de uma oportunidade para se poderem juntar ao manifesto.

Só ao fim da segunda ou terceira tentativa o colectivo conseguiu criar e ocupar o seu próprio espaço no centro da Avenida, desfilando orgulhosamente e festivamente com os seus cartazes, representantes dos trabalhadores precários.¹⁵³ Se já seria de esperar um tom de festa e bom humor, afinal de contas festejavam o aniversário de uma amiga e celebravam a Revolução da Liberdade, este episódio caricato veio dar um mote de diversão ainda maior, acrescentando um tom de rebeldia e transgressão, para aumentar a adrenalina e a boa disposição.

Para além das tradicionais palavras de ordem “Fascismo nunca mais, 25 de Abril Sempre”, “O Povo está na rua, a Luta continua”, “O Povo unido jamais será vencido”, outras haviam em tom de denúncia, tais como, “Palavras para quê, É a desgraça que se vê” ou simplesmente “Trabalho sim, Desemprego não”.¹⁵⁴ Mas a imaginação não ficou por aqui e foram surgindo palavras de ordem relativamente à sua própria manifestação, relatando o seu próprio sucesso, no meio de tanta peripécia “Conseguimos, conseguimos, Com os cartazes que temos na mão, Conseguimos, conseguimos, Entrar nesta manifestação” e “Então, então, Viva a nossa manifestação”. O espírito do bom humor imperava e coroava esta iniciativa com sucesso.¹⁵⁵

A história poderia acabar aqui, mas o ciclo de vida dos cartazes superou as expectativas da criadora. Militantes do MayDay, ao avistarem a manifestação com cartazes

¹⁵³ Fotografia 5 do Anexo F

¹⁵⁴ A presença dos mais jovens também se fez notar, com expressões jocosas e um outro tipo de linguagem, desde a adaptação “25 de Abril é fixe, o Fascismo que se lixe” e “Não há nada mais baril, que o 25 de Abril”, cantavam também “Olé, olé, o país cheira a cholé” seguido de um “Olé, Olé, Nós estamos de pé”.

¹⁵⁵ Fotografia 6 do Anexo F mostra o grupo no final da manifestação quando chegaram ao Rossio

que retratavam trabalhadores precários, ficaram de imediato entusiasmados com a possibilidade de os mesmos virem a desfilarem na Parada do Primeiro de Maio, na semana seguinte. De facto, os cartazes pareciam ter sido feitos a pensar no MayDay e havia que aproveitar esta agradável coincidência. A Margarida, com naturalidade, ficou satisfeita com a perspectiva de continuação da utilidade dos cartazes e decidiu criar três postais, estes sim, criados e pensados especificamente para a Parada do Primeiro de Maio do MayDay.¹⁵⁶

Depois de ganharem vida na mão de outras pessoas, com a passagem de testemunho entre a criadora e os seus amigos convidados para a manifestação, o processo criativo e o percurso dos cartazes ganhavam uma nova dimensão. Na Parada do Primeiro de Maio Margarida distribuiu novamente os cartazes mas, desta vez, confiando-os, também, a desconhecidos. Embora essa situação não estivesse prevista no seu projecto, acrescentava uma maior excitação a esta iniciativa. Assim, os cartazes, nas mãos de conhecidos e desconhecidos, dispersaram-se no meio da multidão e participavam numa nova manifestação, para no final voltarem a ser recolhidos e retornarem às mãos da criadora.¹⁵⁷

Mas o interesse despertado pelos cartazes não se esgotou por aqui e, após esta participação na Parada do MayDay, os cartazes ainda foram recrutados para outra manifestação colectiva, a Festa do Avante!¹⁵⁸. Os cartazes foram exibidos no pavilhão do PCP Algarve como rosto representativo dos trabalhadores e chamar a atenção para a problemática do desemprego e do trabalho precário sentida pela população desta região¹⁵⁹. Para finalizar este ciclo de “arte efémera”, Margarida aproveitou o conjunto dos cartazes para criar dois murais urbanos, um em Campolide¹⁶⁰ e outro em Xabregas. Os murais foram criados no início de Novembro de 2009, uns dias antes das eleições legislativas e autárquicas, mais uma vez num contexto de forte carga política.

¹⁵⁶ Anexo A-8

¹⁵⁷ Fotografia 8 do Anexo F. Ver também Anexo D – Fotografias da Parada MayDay Lisboa 2009

¹⁵⁸ A Festa do Avante! é uma festa organizada todos os anos, no primeiro fim de semana de Setembro, pelo Partido Comunista Português. Tem uma dimensão cultural e festiva e, simultaneamente, de intervenção e contestação política muito forte, assinalando a *rentrée* da nova temporada política.

¹⁵⁹ O Algarve é uma das regiões do país mais fortemente afectada pelo trabalho precário, pelas suas características próprias de regiões turísticas, que estão, inevitavelmente dependentes da sazonalidade.

¹⁶⁰ Fotografia 10 do Anexo 10

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geração Precária, Geração em Movimento. Que Futuro?

O movimento da “alterglobalização” reivindica ser uma alternativa possível e real à hegemonia da globalização neoliberal. O movimento reconhece, representa e afirma-se, precisamente, através da sua diversidade e da promoção da diferença. A diversidade é valorizada, quer na dimensão da relação entre diferentes colectivos, pois o movimento é representado por grupos e colectivos diversos, que se concentram em causas variadas e, por vezes, muito distintas; quer num plano mais individual, nas relações no interior dos colectivos entre os seus membros, promovendo o reconhecimento da diferença individual e o respeito por diferentes pontos de vista.

É neste contexto que aparece o movimento MayDay, a nível global e a nível local, num movimento *boomerang* em que, através de um processo de globalização, o fenómeno é difundido por vários locais, diferentes da origem e diferentes entre si. A difusão do movimento termina com um processo ao qual podemos chamar de “localização”, em que o movimento, de dimensões globais, reveste-se de características locais e se transforma, ao ser apropriado pela nova comunidade de acolhimento.

O movimento MayDay propõe, quer a nível global, quer a nível local, recuperar a identidade do trabalhador enquanto factor de união na luta por uma outra sociedade, criando uma nova identidade colectiva, capaz de abarcar e conter a diversidade e heterogeneidade da classe dos trabalhadores, sob a figura altamente flexível do trabalhador precário. Este projecto e tentativa de construção desta nova identidade colectiva pode ser sintomático e um indicador de que estamos a atravessar um momento de reinvenção e transformação do movimento dos trabalhadores, num plano e contexto globais.¹⁶¹

¹⁶¹ Quando falo em reinvenção e transformação do movimento dos trabalhadores, não o faço com a intenção de vaticinar, ou sequer equacionar, o declínio vertiginoso e irreversível do movimento sindical, em favor do aparecimento de novas formas de organização na luta dos trabalhadores. Pretendo, pelo contrário, incluir o movimento sindical neste momento de reinvenção e transformação. Apesar de sair fora do âmbito desta investigação, acredito que existem sinais que esta tendência se estende às estruturas sindicais, envolvendo-as num processo de reflexão e reavaliação interna das estratégias de luta, de forma a adaptarem-se às novas realidades do mundo laboral. Este ambiente também pode ser favorável ao aparecimento de estruturas e

As identidades colectivas construídas ao longo da segunda metade do século XX, como estratégia de luta contra a opressão de determinados grupos, com determinadas características específicas em comum, tão variadas como o género, a cor de pele e outras características fisionómicas, ou o campo das opções individuais no que diz respeito à sexualidade, podendo incluir, ainda, opções por determinados estilos de vida e formas de estar, ameaçavam a união de esforços em torno de causas comuns, transversais e universais.

Uma das primeiras identidades colectivas, ou talvez mesmo a primeira, a ser construída com um forte apelo à universalidade da luta, como consequência da universalidade da opressão, foi, justamente, a identidade do trabalhador, inicialmente sob a figura do proletariado. Na tendência actual para uma multiplicidade de identidades colectivas e dispersão de lutas, a identidade colectiva do trabalhador parecia perder expressão e terreno em termos de representação, numa tendência de declínio que parecia difícil de contrariar.

A erosão das grandes instituições e estruturas burocráticas, centralizadas e rígidas, mas também estáveis e com uma imagem inabalável, foi, e é ainda, visível no ataque continuado das últimas décadas à figura do estado. Essa erosão é acompanhada por uma concentração do poder e do capital em grandes corporações económicas e financeiras multinacionais, de rosto anónimo, e em instituições supranacionais hiper-institucionais, de rosto inalcançável. As estruturas sindicais não escaparam a esse desgaste, construídas à imagem e semelhança das, e em oposição às, estruturas que enquadravam à época a sociedade e o contexto da luta dos trabalhadores, instituições essas agora em decadência evidente.

Mas, retomando caminho, passo agora o enfoque para o objecto de estudo específico do meu trabalho: o movimento MayDay Lisboa 2009. Os princípios orientadores do movimento alterglobalização, na sua dimensão global, estão presentes no movimento MayDay Lisboa, quer no plano da consciência colectiva, quer no plano da consciência individual dos seus participantes, uns mais politizados, outros menos. Não deixa, no entanto,

organizações completamente novas, que não renunciam à classificação como sindicalismo, mas antes reinventam-no e rejuvenescem o próprio conceito de movimento sindical.

de apresentar características específicas ao contexto social português e, em particular, de Lisboa.

O movimento MayDay Lisboa define-se como um movimento assemblário, aberto à participação de qualquer indivíduo. Este princípio reflecte um dos objectivos comuns aos vários movimentos alterglobalização: a procura de um caminho para uma democracia *mais livre e participativa*, mais próxima dos cidadãos enquanto indivíduos, uma forma de democracia considerada e definida como *mais democrática*. Esta característica reveste-se de grande valor simbólico na auto-representação do movimento MayDay. No entanto, a adopção desta forma de estar no plano dos princípios, não esbate diferenças internas nem elimina tensões ou pontos de divergência.

Este valor simbólico estende-se, aliás, a outra característica exibida de forma orgulhosa e que consiste no facto do processo de votação ser evitado ao máximo, seja para que assunto for, de forma a reflectir convergência de ideias e o espírito inclusivo do movimento. Não sendo este método completamente consensual dentro do movimento, nem o sendo seu valor altamente simbólico artilhado por todos os participantes, como referido no primeiro capítulo da secção dedicada ao MayDay Lisboa 2009, esta intenção revelou-se cem por cento conseguida, não se tendo verificado nenhuma “contagem de espingardas” durante a organização do MayDay Lisboa 2009.

Por muito inclusivo que o movimento pretenda ser, idealizando a possibilidade de construção de consensos, estes nunca conseguirão ser *consensos unânimes*, mesmo evitando o confronto directo e visível patente no processo da votação. A inclusão da diferença, característica da “natureza” do próprio movimento em Lisboa, e também em termos globais, não permite anular por completo o conflito e confronto entre posições por vezes inconciliáveis e que forcem escolhas entre diferentes caminhos, estratégias e posicionamentos ideológicos.

Se queremos considerar que é possível atingir consensos, retirando o conceito do plano da utopia, temos que reconhecer que o processo envolve negociações e cedências de forma a conseguir definir o mínimo denominador comum. Esse denominador comum pode ser muito significativo, reflectindo um alto grau de partilha e de coesão entre as diferentes partes

envolvidas. Ou pode ser pouco significativo, derivando em limitações no seu poder de alcance e reflectindo um baixo grau de partilha e sentimento do comum, com um fraco grau de coesão interna.

O conceito de unanimidade, ou o que proponho designar de *consenso unânime*, dificilmente é capaz de conter este conceito de processo de negociação e cedências mútuas. A rejeição do processo de votação não reveste o movimento, nem o resultado final das suas acções, de *unanimidade*, conseguida num processo contínuo de “vitórias” para todos, nem se traduz na fusão das várias vozes em apenas uma única voz. Ao implicar negociações e, forçosamente, cedências e concessões da parte de todos os envolvidos, são inevitáveis, e mesmo necessárias, pequenas “derrotas” que permitam a todo o processo avançar na procura do tal denominador comum através da aceitação dos termos gerais comuns. É um processo de adição, mas também de subtracção, em que alguém, em algum momento, tem que prescindir, ou abdicar de se identificar por completo com uma parte do todo, ao mesmo tempo que reconhece e aceita o todo final, representado pelo mínimo denominador comum.

É curioso que a preocupação em evitar o processo de votação seja principalmente defendida por um grupo de pessoas cuja representação é mais expressiva, tanto pelo seu envolvimento como pelo seu número, podendo ser definido como um núcleo de indivíduos que estão mais presentes e sempre dispostos a dar o “corpo ao manifesto”. Esta preocupação pode surgir mais no grupo nuclear pelo receio de fazer expressar a sua posição maioritária de forma mais evidente, correndo o risco de alienar as “margens” ou “franjas” do movimento, que consideram essencial incluir no todo.

Por outro lado, quem coloca em questão esta exclusão da votação dos processos de decisão é, precisamente, quem se situa nas “margens” do movimento, de um grupo de indivíduos que se caracteriza por, frequentemente, defender pontos de vista alternativos, ou ser adepto de estratégias de acção diferentes. O facto de equacionarem recorrer ao processo de votação é sustentado pela defesa de uma maior clareza no que diz respeito às decisões e opções finais. Expõem dessa forma o risco de indefinição que por vezes envolve alguns processos de decisão, especialmente as decisões relativas a questões mais fracturantes em que o consenso não se constrói com tanta facilidade.

O movimento MayDay, embora seja um movimento contra-hegemónico, que actua na periferia do poder global, não deixa por tal de apresentar um possível centro hegemónico interno e as suas próprias margens, que poderíamos denominar de “*as margens da margem*”. No caso do MayDay Lisboa 2009, sentiu-se uma necessidade do movimento de incluir as margens do movimento de forma a legitimar-se enquanto movimento heterogéneo e contentor da diferença.

“...contrariamente aos lugares-comuns sociológicos a que nos temos habituado, a marginalidade constitui o próprio fundamento da vida social e cultural, enquanto a centralidade é um artefacto do funcionamento das hegemónias.” Pina-Cabral, 2000:884

A adaptação por parte do MayDay Lisboa de um modelo de organização sem estrutura definida e assente na participação individual permite, justamente, colocar as questões mais fracturantes, que se colocam como potenciais fontes de divergência e tensão entre os participantes o movimento, não num plano institucional e informal, como no caso do Fórum Social Português, mas antes num plano individual e informal. Esta ausência de estruturas formais e definidas, o funcionamento assemblário do movimento e a estratégia de exclusão da votação nos processos de decisão permitem uma flexibilidade capaz de conter a heterogeneidade em termos de opiniões ideológicas e posicionamentos políticos, que o movimento pretende ter.

Mas a questão das divisões entre várias tendências e correntes ideológicas do campo político da esquerda portuguesa e nos movimentos dos trabalhadores não é exclusividade do movimento MayDay Lisboa, nem novidade dos dias de hoje. Basta olharmos para a organização do Fórum Social Português para descobrirmos as mesmas divergências, reveladoras das dificuldades de coordenação de acções conjuntas. A discussão recorrente em torno da utilização explícita do termo “anti-capitalismo” e a relutância e resistência em assumir um posicionamento mais radical e ousado são reveladoras. Parece impossível, pelo menos em plataformas mais alargadas, atingir um consenso capaz de satisfazer todas as sensibilidades relativamente a este tema.

Outra questão visível nos dois casos, MayDay Lisboa e Fórum Social Português, é a ambiguidade e tensão no que diz respeito ao relacionamento com as estruturas político-

partidárias. Uma diferença entre os dois casos foi o facto de, no caso do FSP, o partido protagonista da polémica ser o P.C.P. e, no caso do MayDay, o partido que, de quando em quando, via a atenção das luzes da ribalta alinharem-se na sua direcção ser o Bloco de Esquerda.

No primeiro caso, o P.C.P. tentou ocupar uma posição de destaque e foi acusado de se tentar apropriar de um espaço que se pretendia ser representativo dos movimentos da “sociedade civil”, e não dos partidos políticos. No segundo caso, não era a facção que era identificada com o B.E. que se manifestava e que queria ganhar visibilidade. Os elementos presentes no movimento e identificados como bloquistas, simpatizantes ou militantes, negavam a possibilidade de existir qualquer ligação directa à estrutura partidária do Bloco de Esquerda, ou tentativa de dominação do movimento, realçando a sua participação enquanto indivíduos.

Como referi anteriormente, estas manifestações de divisões internas no campo político da esquerda também não são novidade, tendo origens bem distantes. Ao recuar um século, até à viragem do século XIX para o século XX, as divisões ideológicas e as diferenças nas opções de estratégias de acção estavam bem patentes na realidade política portuguesa, desde a chegada do Primeiro de Maio a Portugal até aos primeiros tempos da República.¹⁶²

Se podemos considerar, eventualmente, que esta fragmentação é uma das características aparentemente inerente ao campo ideológico da esquerda, e se podemos identificar essas divisões no interior do MayDay Lisboa em 2009, um dos objectivos principais do movimento é, precisamente, contrariar essa tendência de divergência, ao estabelecer-se como uma plataforma de contacto entre indivíduos com diferentes posicionamentos, como uma tentativa de convergência, capaz de conter essas diferenças.

Se por vezes a acção política exige organizações bem definidas e estruturadas, estes espaços intersticiais podem ter uma função importante de estabelecer pontes de contacto num

¹⁶² Como é possível constatar na análise histórica de Carlos da Fonseca sobre a presença do Primeiro de Maio em Portugal, desde 1890 a 1990, as tensões entre as várias correntes socialistas, as correntes comunistas e os movimentos anarquistas manifestaram-se desde o início. As diferenças ideológicas também se reflectiram nas estratégias de acção defendidas pelos vários movimentos e na forma como assinalavam o Primeiro de Maio.

ambiente mais informal e num plano mais individual, permitindo o convívio e o debate entre diferentes pontos de vista e diferentes estratégias de acção.

O facto do MayDay não ter estruturas definidas e o facto de se basear na participação individual permite, de certa forma, afastar o cenário de conflito aberto e de exclusão de determinadas facções. Assim, julgo que uma das principais características do movimento é o facto de se constituir enquanto espaço de circulação livre de capital militante, favorecendo a troca de experiências militantes, informação, estratégias, enfim, construindo o que decidi designar de “capital militante em rede”.

O conceito de “capital militante” poderá revelar-se muito útil na análise teórica dos movimentos sociais e da acção colectiva, aproveitando a definição proposta por Magali Bouzama e Philippe Hamman de capital militante enquanto “competências para a acção colectiva”¹⁶³. Também podemos ter em consideração os recursos, que poderão ser de variada ordem, passando por recursos físicos e materiais, a recursos humanos e técnicos.

Podemos considerar várias dimensões de capital militante, no plano individual, no plano colectivo e no plano relacional, quer entre indivíduos do mesmo movimento, quer entre diferentes movimentos e colectivos. O capital colectivo encontra-se, no caso do MayDay, profundamente imbuído na rede de indivíduos, mas adquire também uma identidade e um capital colectivo do movimento enquanto tal.

Para analisar a questão do poder de alcance do movimento MayDay Lisboa e do seu potencial de transformação social teremos que rever as suas intenções e ambições. Temos que ter desde início algumas considerações sobre o movimento MayDay Lisboa. Primeiramente, não apresenta estruturas de organização definidas nem permanentes, sendo um movimento assemblário e sazonal. Segundo, não ambiciona constituir-se como estrutura de representação dos trabalhadores precários, nem tem propósitos de negociação com o poder político e económico, por outras palavras, não pretende substituir-se, de forma alguma, às estruturas sindicais.

¹⁶³ Bouzama e Hamman, 2007:21

No entanto, pela sua dimensão global e potencial projecção mediática, quer a nível internacional, quer a nível nacional e local, o movimento pode ter um poder de influência transformativo sobre a sociedade. Esse potencial pode ser demonstrado pela entrada nos últimos anos do léxico ligado à precariedade laboral no discurso político, económica e dos meios de comunicação social. Naturalmente, este acontecimento deve-se a uma variedade de factores em que o movimento MayDay desempenha apenas o que pode ser definido como um papel catalisador.

O sucesso da consolidação da nova identidade colectiva do trabalhador precário, e da classe do precariado, possivelmente só poderá ser avaliado com alguma distância temporal, e também não será, seguramente, da responsabilidade exclusiva do movimento MayDay. De qualquer forma este movimento de trabalhadores precários tem um contributo importante para este objectivo de afirmação desta nova identidade colectiva orientada para a luta por direitos laborais e sociais.

O poder transformativo do movimento MayDay também se reflecte na própria cultura da acção colectiva de protesto, confirmando a tendência para formas de protesto de carácter festivo e jovem, com forte aposta na produção iconográfica e nos meios audiovisuais. O movimento MayDay Lisboa apresenta também nas suas formas de protesto uma dimensão performativa, de carácter irreverente e com utilização do humor como forma de tornar mais atraente a transmissão das críticas sociais e o apelo à mobilização dos jovens trabalhadores.

Por último, destaco o potencial do movimento MayDay para estabelecer pontes de contacto entre vários movimentos e tendências políticas, criando, ou melhor, fortalecendo uma rede militante solidária e cooperante. O conceito de capital militante em rede pode revelar-se muito útil para melhor perceber as transferências de conhecimentos e técnicas de acção colectiva e intervenção política, o movimento de indivíduos entre diferentes universos militantes, nomeadamente dos movimentos sociais, do campo político, das estruturas sindicais, e mesmo do meio cultural e artístico com componentes de intervenção e crítica social.

À semelhança de Terence Turner, defendo uma noção de cultura orientada para a praxis, como a concretização do potencial humano colectivo para a auto-criação e

transformação. Grupos sociais específicos, agindo em determinados contextos históricos e materiais constroem-se a si próprios, concretizando o que se pode chamar de “capacidade para a cultura”. A cultura aparece, então, como um poder colectivo emergente na interacção humana, historicamente produzida e produto da acção colectiva que, na sua maleabilidade, contém múltiplas possibilidades quase infinitas, de tipos de grupos sociais, redes e relações capazes de gerar uma identidade cultural.

O movimento MayDay Lisboa e os jovens que o constroem propõem uma cultura diferente e representam um sector de uma nova cultura jovem emergente, em sintonia com a visão e as propostas dos movimentos alterglobalização. Esta poderá ser a “*multidão*” que Mivhael Hardt e António Negri apresentam como “*a alternativa viva que cresce dentro do Império*” e sob a forma de “*uma rede aberta e expansiva em que todas as diferenças se podem exprimir livre e igualmente, uma rede que proporciona os meios de encontro que nos permitem trabalhar e viver em comum*”.¹⁶⁴

¹⁶⁴ Hardt et Negri 2005:9

Bibliografia

Bastos, Cristiana 2002 *Ciência, poder, acção: as respostas à SIDA*. Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais.

Boumaza, Magali et Hamman, Philippe (2007) *Sociologie des mouvements de précaires: Espaces mobilisés et répertoires d'action*. Paris: L'Harmattan.

Baumann, Gerd 1999 *Multiculturalism Riddle: rethinking national, ethnic and religious identities*,

Carvalho da Silva, Manuel 2003 “Os trabalhadores e os movimentos sociais de hoje”
in Rebelo, José (coord.) 2003 *Novas formas de mobilização popular* Campo das Letras - Editores, S.A.

Devereux, Georges 1980 (1ª ed. 1967) *De l'angoisse a la méthode dans les sciences du comportement* Flammarion

Edelman, Marc “Social Movements: Changing Paradigms and Forms of Politics”*Annual Review of Anthropology*, Vol. 30 (2001), pp. 285-317.

Escobar, A., 1995, “The problematization of poverty: the tale of three worlds and development”, *Encountering development: the making and unmaking of the third world*, New Jersey, Princeton University Press

Estanque, Elísio 2009 *Sociologia e engajamento em Portugal: reflexões a partir do trabalho e do sindicalismo*.

Estanque, Elísio 2009 *Classes, precariado e ressentimento; Mudanças no mundo laboral e novas desigualdades sociais*.

Fonseca, Carlos 1990 *O 1º de Maio em Portugal 1890-1990 crónica de um século*.

Foucault, Michel 1975 *Vigiar e Punir*. Editora Vozes.

Foucault, Michel 2001 (1ª edição 1976) *Histoire de la sexualité : 1 La volonté de savoir* Mayenne : Éditions Gallimard

Guidens, Anthony 2009 (6ª edição) *Sociology* Polity Press - Cambridge

Hardt, Michael e Negri, António 2004 (1ª edição) *Império*. Lisboa: Livros do Brasil.

Hardt, Michael e Negri, António 2005 *Multidão, Guerra e democracia na Era do Império*. Porto: Campo das Letras.

Harriss, J. et al, 1997, “‘The missing link’ or analytically missing? The concept of social capital”, *Journal of international development*, vol. 9, No 7, pp919-937

Matos, José Nuno (2007) *Acção Sindical e Representatividade: Um Estudo de Caso sobre o Sindicato de Professores da Grande Lisboa*.

Nash, June (1992) "Interpreting Social Movements: Bolivian Resistance to Economic Conditions Imposed by the International Monetary Fund" *American Ethnologist*, Vol. 19, No. 2 (May, 1992), pp. 275-293 Blackwell Publishing on behalf of the American Anthropological Association.

Negri, Antonio (2006) *Adeus Sr Socialismo: Que futuro para a Esquerda?* AMBAR – Ideias no Papel, S.A. - Porto

Perrin, Evelyne (2007) "Nouvelles formes d'expression des conflits du travail dans les luttes de précaires" *Revue multidisciplinaire sur l'emploi, le syndicalisme et le travail*, vol.2, N2

Pina-Cabral, João (2005) "The future of social anthropology" *Social Anthropology*, vol.13, 2:119-128

Pina-Cabral, João (2000) "A difusão do limiar: margens, hegemónias e contradições na antropologia contemporânea" *Análise Social* 153, vol.XXXIV, pp.865-892

Pires de Lima, Marinús et Nunes, Cristina 2006 *O estado da altergolbalização em Portugal*.

Pires Caldeira, Teresa 1988, "A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia" *Revista Novos Estudos* N21, Edição CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planeamento

Sangren, Steve "'Fraught with implications", or Turner's back-burner" *Critique of anthropology* vol.26 n1 pp121-130.

Scott, James C. 1990 *Domination and the arts of resistance* .New Haven: Yale University Press.

Scott, James C. 1998 *Seeing like a State: How Certain Schemes to improve Human Condition have Failed*. New Haven / London, Yale University Press.

Sennett, Richard (2007) *A corrosão do carácter* Lisboa: Terramar.

Sennett, Richard 2007 *A cultura do novo capitalismo*

Turner, Terence 1993 "Anthropology and Multiculturalism: What Is Anthropology That Multiculturalists Should Be Mindful of It?" *Cultural Anthropology*, Vol. 8, No. 4. pp. 411-429.

Thompson, E. P. 2008 *A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII*. Antígona.

Wieworka, Michel 2003 *Os movimentos "anti-mundialização"* in Rebelo, José (coord.) 2003 *Novas formas de mobilização popular* Campo das Letras - Editores, S.A

Zizek, Slavoj 1997 “Multiculturalism or the cultural logic of multinational capitalism”, *New Left Review* I vol225:28-51

Zizek, Slavoj 2005 “Against Human Rights”, *New Left Review* I vol 225:28-51

Zizek, Slavoj 2006 *Elogio da intolerância*, Relógio d’Água Editores, Lisboa

Zulaika, Joseba 1995 “The anthropologist as terrorist” *Fieldwork under fire – contemporary studies of violence and survival*, pp206-221 Nordstrom and Robben, Edição University of California Press

Sítios electrónicos consultados

<http://www.euromayday.org/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.euromayday.org/blog/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.chainworkers.org/node/230> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.urban75.org/mayday01/index.html> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.sanprecario.info/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

http://www.journal.fibreiculture.org/issue5/vanni_tari_print.html consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://fartosdestesrecibosverdes.blogspot.com/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://plateia-apac.blogspot.com/2007/04/plataforma-dos-intermitentes.html> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.precariosinflexiveis.org/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.cgtp.pt/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.abic-online.org/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.maydaylisboa.net/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://2007mayday.wordpress.com/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://maydaylisboa.blogspot.com/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://maydaylisboa2009.blogspot.com/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

<http://www.maydayporto.blogspot.com/> consultado entre Março de 2009 e Agosto de 2010

ANEXO A-1 : Logótipo do MayDay Lisboa 2009



Figura 1 Sticker de apoio ao MayDay Lisboa 2009



Figura 2 Cabeçalho do blog MayDay Lisboa 2009



Figura 3 Conjunto de 6 crachás produzidos pelo MayDay Lisboa 2009

ANEXO A-2 – Autocolantes MayDay Lisboa 2009



Autocolante 1

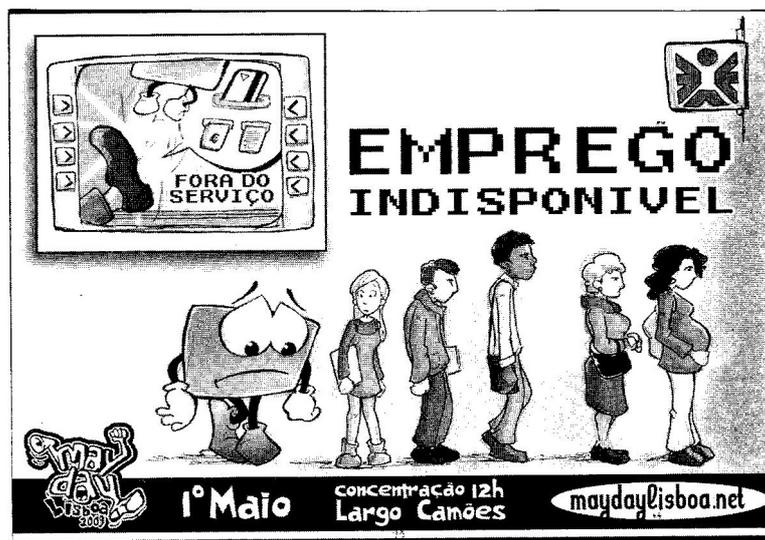


Autocolante 2

ANEXO A-2 – Autocolantes MayDay Lisboa 2009



Autocolante 3



Autocolante 4

ANEXO A-2 – Autocolantes MayDay Lisboa 2009



Autocolante 5



Autocolante 6

ANEXO A-2 – Autocolantes MayDay Lisboa 2009



Autocolante 7



Autocolante 8

Anexo A-3 – Cartazes MayDay Lisboa 2009



Figura 1 : Cartaz Parada MayDay Lisboa 2009

Anexo A-3 – Cartazes MayDay Lisboa 2009



**SOMOS MUITOS +
FESTA MAYDAY**

EM CONJUNTO
CONCERTOS
EM LUTA
FILMES MAYDAY
AOS PULOS €
DJ's
A INVENTAR
JOGOS E MATERIAIS
PARA A PARADA
MUSIC BATTLE [TRAZ O TEU MP3]
BANCAS DE ASSOCIAÇÕES
...

17 Abril . 22h
SEXTA Entrada: 2€
ATENEU de LISBOA
r. portas sto antão 110
metro: restauradores

MAYDAY
LISBOA 2009

MAYDAYLISBOA.NET
PARADA DE PRECÁRIOS
1 MAIO 12H LARGO CAMÕES

Figura 2 : Cartaz Festa MayDay Lisboa 2009

Anexo A-4 – Panfletos MayDay Lisboa 2009

O PRECARIADO DÁ LUTA!

1 de Maio Lisboa 2009

Largo Camões metro Baixa Chiado

parada partida às 14h30 em direcção ao Martim Moniz
desfile com a manifestação da CGTP

pic-nic às 12h

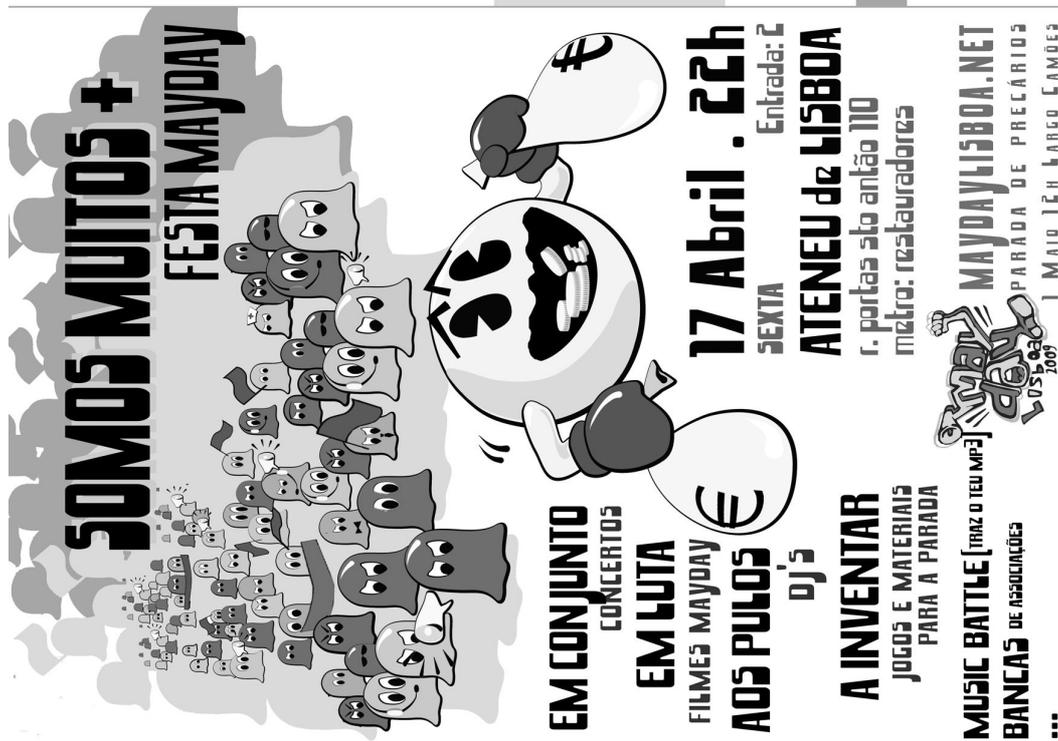
www.maydaylisboa.net

Participamos no **MayDay**, uma parada de precários que vem marcando o 1º de Maio em várias cidades por esse mundo fora desde a estreia em 2001, em Milão. Chegou há dois anos a Lisboa e este ano acontece também no Porto, organizando o contra-ataque com criatividade e imaginação. Junta “recibos-verdes” e trabalhadores das empresas de trabalho temporário, estagiários e pensionistas, imigrantes e endividados perante o banco, estudantes- (já/ainda/quase)-trabalhadores e operadores de call-center, bolsseiros e intermitentes do espectáculo, contratados a prazo e desempregados.

Conscientes de que a mudança das nossas vidas exige muito mais, recusamos a espera e a resignação. **O MayDay** é uma força comum que, cansada de carregar o peso de todo um sistema económico que lhe usurpa a vida, quer criar autonomamente e decidir livremente. **O futuro é agora.**

Figura 1 : Panfleto Parada MayDay Lisboa 2009

Anexo A-4 – Panfletos MayDay Lisboa 2009



SOMOS MUITOS +
FESTA MAYDAY

EM CONJUNTO
CONCERTOS

EM LUTA
FILMES MAYDAY

ADÓS PULOS
DJs

A INVENTAR
JOGOS E MATERIAIS
PARA A PARADA

MUSIC BATTLE [TRAZ O TEU MP3]
DE ASSOCIAÇÕES

BANCAS
...

17 Abril . 22h
SEXTA
Entrada: 2€

ATENEU de LISBOA
r. portas do antão 110
metro: restauradores

MAYDAY LISBOA . NET
PARADA DE PRECÁRIOS
2009 | MAIO 12H LARGO CAMÕES

A exploração está na moda entre patrões e governos, somos cada vez mais aqueles e aquelas que vivem vidas permanentemente precárias. Somos muitos mais do que dizem as estatísticas. Somos mais do que números, somos pessoas. E lutamos para que as nossas vidas não sejam assim para sempre.

Estamos a meio de um percurso que junta diversidade na recusa, com a força e energia de cada um de nós. Queremos ser muitos e muitas mais, para fazer uma grande parada no 1º de Maio!

Vom festejar conosco a recusa da precariedade e de uma vida partida aos bocados.

17 de Abril, 6ª feira
no Ateneu Comercial de Lisboa
a partir das 22h
Contamos contigo!

CONCERTOS :: DJS :: JOGOS :: Music battle* :: WORKSHOPS :: BANCAS :: VIDEOS

O Precariado dá luta!

* traz o teu leitor de música portátil com as tuas músicas para também fazeres a festa! Na "Music battle" cada pessoa que queira pode escolher uma música com a ajuda do DJ e levar a festa ao rubro!

Figura 2 : Panfleto Festa MayDay Lisboa 2009

Anexo A-4 – Panfletos MayDay Lisboa 2009

**Querem nos precários, descartáveis e fáceis de despedir.
Querem nos torcidos, sujeitos às leis da flexibilidade.**

Hoje estamos no centro da cidade a mostrar como é difícil
equilibrar e suportar todas as coisas que fazem parte da vida.

Somos precários e precárias, mas não o queremos ser para sempre.

Por isso fazemos o MayDay!!

O MayDay é um protesto que sai à rua no 1º de Maio,
mas é também um caminho de debate, contestação e festa.

Da chantagem da precariedade faremos a insubmissão dos precários.

Próxima Assembleia dia 4 de Março, às 21h
na Solidariedade Imigrante - Rua da Madalena, 8 - 2º Andar

Toda a gente está convocada! **MayDay!! MayDay!!**
MayDay Lisboa 2009 :: maydaylisboa.net :: maydaylisboa@gmail.com

Figura 3 : Panfleto Convocatória 2ª assembleia

Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



MAY DAY 2009

EDITORIAL

Somos muito(s) mais...

Somos jornalistas, artistas, operadores de call-center, caixas de supermercado, enfermeiros, médicos, trabalhadores das obras, administrativos, funcionários públicos, operários, camionistas e tantos outros que se vêem a trabalhar a recibos verdes, com contrato a termo certo, sem contrato ou a (falsos) recibos verdes, como eternos bolseiros de investigação, estagiando repetidamente, trabalhando para Empresas de Trabalho Temporário, ou simplesmente em condições ilegais. Hoje a precariedade atinge todos: jovens e idosos, licenciados e analfabetos, imigrantes ou não, muitos homens e ainda mais mulheres. A precariedade é a nova lei das relações laborais; o dia-a-dia de cada vez mais pessoas é feito na instabilidade. Mas somos muito mais do que querem que sejamos: recusamos viver na chantagem da crise e do desemprego e sabemos que é possível mudar a vida. Temos pressa em mudar a vida!

“A nossa pátria é o Mundo inteiro, a nossa lei é a liberdade. E uma ideia, o MayDay contra a precariedade”

Mayday é a chamada radiofónica para emergência ou ajuda (deriva do francês m'aidez – ajudem-me), utilizada nas navegações marítimas e aeronáuticas. Mas ela já não é apenas um pedido de ajuda – ela é um grito de guerra que começou a soar pela Europa em 2001. Primeiro em

Milão, hoje pelo mundo fora, MayDay é uma ideia contra a precariedade laboral e na vida. E somos cada vez mais a querer contestar e dar luta a esta forma renovada de exploração. O MayDay é uma manifestação de precários, que se junta ao desfile do dia Internacional do Trabalhador, e que pretende dar visibilidade à precariedade e confiança a quem a vive. Acontece no 1º de Maio e cria um novo espaço de encontro, resposta e organização de precários, complementar aos espaços mais tradicionais. Em Portugal, aconteceu pela primeira vez em 2007, juntando centenas de pessoas num processo aberto e assembleário. Em 2008, foram mais de mil. Este ano volta a acontecer em Lisboa e acontece pela primeira vez no Porto, denunciando a precariedade como proposta global que desequilibra a vida. E o MayDay é um processo que se faz em conjunto, com todas e todos aqueles que dele quiserem fazer parte.

É aqui que nos encontramos...

Também este jornal é assim: nasce de contributos diversos de pessoas diferentes: desde a saúde ao jornalismo, desde a escola às artes, na denúncia de um sistema económico que oprime ou do novo Código do Trabalho, da xenofobia das leis laborais e da discriminação de género no trabalho – porque é aqui que nos encontramos e que fazemos em conjunto. E é nesta denúncia e nesta resposta que construímos novos espaços, com diferentes experiências e diferentes sensibilidades.

O precariado dá luta!

Soamos o alarme! Vem daí!

MayDay!! MayDay!!

Porque é que o trabalho temporário é uma merda?	3
Jornalista precário: Mercenário da palavra escrita	4
Precários planetários	5
Imigração e Precariedade	6
A precariedade no neoliberalismo e a precariedade do neoliberalismo	7
Passa (o pouco) Tempo (que tens)	8
Saúde Precária	10
O novo Código do Trabalho: o “acordo” para impor a precariedade	11
Trabalho e discriminação de género	12
O MayDay está a chegar ao Porto!	13
Escola e Precariedade	14
Os Intermitentes à espera de Godot	15



Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



Porque é que o trabalho temporário é uma merda?

ZN

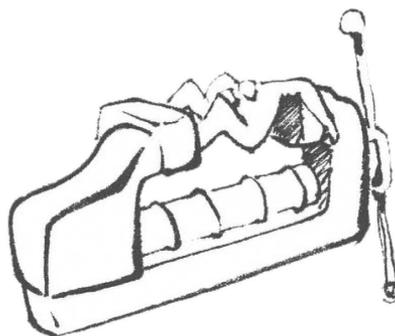
Trabalho temporário (*def.*): Tipo de contrato assinado entre uma Empresa de Trabalho Temporário (ETT) e um trabalhador, através do qual este se vê obrigado a prestar uma actividade remunerada de forma temporária a uma empresa utilizadora.

1. O trabalho temporário é um duplo roubo: O trabalho assalariado já por si só é um roubo, na medida em que o rendimento pago ao trabalhador constitui uma pequena parcela do rendimento que produziu. A relação tripartida entre ETT, empresa utilizadora e trabalhador faz com que este, na prática, tenha dois patrões, sendo o rendimento obtido dividido por três. Ou seja, parte do salário que normalmente receberia pelo seu trabalho vai ser expropriado pela ETT, cuja função é apenas fornecer mão-de-obra às empresas utilizadoras.

2. O trabalho temporário é mal pago: Em média, os trabalhadores de ETT têm um salário 12% inferior a trabalhadores com idênticas funções em empresas utilizadoras[1].

3. O trabalho temporário não tem direitos: O trabalho temporário implica o acesso limitado a seguros de saúde e de protecção na doença, planos de pensões e formação (Observatório do Emprego e da Formação Profissional)[2].

4. O trabalho temporário é precário: A maioria dos trabalhadores temporários aceitam esta forma de emprego apenas porque não conseguem arranjar um melhor. Num estudo sobre trabalho temporário em Setúbal, 75% dos entrevistados afirmaram ter receio de vir a perder o emprego[3]. A impossibilidade de se prever o dia de amanhã – a adicionar aos factores acima analisados – levam a que o trabalho temporário seja associado a um mau trabalho, precário e sem quaisquer perspectivas de evolução.



5. O trabalho temporário eterniza-se: No mesmo estudo, comprovou-se que 75% dos entrevistados apresentam uma antiguidade na ETT entre 6 meses e 2 anos, o que demonstra uma promiscuidade na utilização do trabalho temporário e a prática de dumping social. Em 2006, por proposta do Partido Socialista, foi aprovado um aumento da duração do contrato de trabalho temporário até dois anos. Tal paradoxo visa, por um lado, o desenvolvimento das ETT como fornecedoras de mão-de-obra por excelência e, por outro lado, a redução de custos na empresa utilizadora (ao invés de contratar pessoal, vai contratando trabalhadores temporários para efectuar funções permanentes).

6. O trabalho temporário é chantagem: O trabalho temporário depende da existência de desemprego. É com base na ausência de rendimento, que se aceita o péssimo rendimento, as péssimas funções, as péssimas condições de trabalho. A sua lógica assenta na apropriação da riqueza produzida pelas pessoas através da indução do medo, da descrença de um futuro promissor, da noção de que o trabalho temporário é mau, mas é o que há.

Por estas razões tem de ser combatido. Por estas razões pode ser vencido.



[1] Boheim, René, Cardoso, Ana Rute, «Temporary agency work in Portugal, 1995-2000», May, 2007.
http://www.nber.org/books_in_progress/lab_mktinter/LMIs07/boheim.pdf.

[2] OEFP, *Formas de Trabalho: Trabalho Temporário, Suncontratação*, Colecção "Estudos e Análises", Observatório do Emprego e da Formação Profissional, 2000.

[3] Jesus, Élia, «Formas flexíveis de emprego – o trabalho temporário na região de Setúbal», *Revista Sociedade e Trabalho*, Nº22, Lisboa, Direcção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento, 2004.

Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009

MAY DAY 2009

Jornalista precário: Mercenário da palavra escrita

Myriam Zaluar e Manuel do Jornalismo

O jornalista precário faz as peças que ninguém quer fazer e se corre perigo é por conta própria. Ninguém o segura, a não ser que ele mesmo subscreva um seguro privado. Ninguém responde por ele nas redacções nem nas direcções das empresas para as quais trabalha. Quando brilha, é bom que não se esqueça que foi ali, naquele órgão de comunicação que lhe fizeram o favor de lhe dar espaço para se exprimir. Quando falha, é bom que já tenha meia dúzia de outros patrões em vista. Upps. Eu disse “patrões”? Ora, que palavra mais antiquada! O jornalista precário não tem patrões, pelo menos oficialmente. Aliás, para todos os efeitos, é considerado “fornecedor de uma empresa”, sua cliente. O jornalista precário é um mercenário da palavra escrita, que vende a peso (barato, baratinho!), e bem medida. Pois qualquer vocábulo mal colocado poderá custar-lhe anos



de jogo de cintura. É o preço do pomposo free-lancing de papel. Não é tido nem achado nos processos da empresa, mas faz parte do universo das tricas. Existe, mas não existe. Passa de bestial a besta no espaço de segundos. É o seu presente serviço, nunca o que fez no passado. Se nega um serviço, mas que merda de colaborador. Se leva com um direito de resposta, mas este

caralho não sabe fazer notícias? Se faz exigências, é ameaçado com o trajecto para a porta de saída. Se faz umas coisitas giras e polémicas, mas com quem é que essa cabra se deitou?

O jornalista precário está privado de uma das prerrogativas mais importantes do exercício do jornalismo: o direito de dizer não. E um jornalista que não pode dizer não é um jornalista cerceado. Um jornalista amordaçado.

O jornalista precário é o que mais interessa às direcções e sobretudo às administrações que, toda a gente o sabe, não são compostas por jornalistas e que vendem jornais como poderiam vender tapetes ou salsichas.

O jornalista precário sabe e n c h e r chouriços sem bufar e já vem equipado com lápis azul de série. Os colegas, outrora camaradas, até lhe agradecem, pois também eles hoje em dia não gostam de mexer na merda. E não movem uma palha para que ele passe aos quadros pois acham que isso os iria de alguma forma prejudicar. Esquecendo que, num passado não tão longínquo, camaradas que até já deixaram de ser colegas se bateram para que eles pudessem estar sentados nos lugares onde estão e escrever aquilo que já não escrevem.

O jornalista precário passa uma boa parte do seu tempo a magicar temas de trabalhos para impingir aos editores que, por sua vez, se forem bons rapazes, as impingem aos directores. Se não forem bons rapazes dizem “isso agora não interessa nada” e passados dias o jornalista precário dá de caras com a sua ideia escarrapachada nas páginas do mesmo jornal, mas escrita por um estagiário ainda mais precário e descartável do que ele. E se o jornalista precário não for assim muito burro, não levanta ondas. Aliás, o editor faz questão de, volta e meia, lhe recordar que não passa de



um colaborador, como quem diz: és um jornalista de segunda.

E se houver peça a saltar para fora da edição, essa peça é a do colaborador. Se houver peça que de repente é preciso reduzir a metade, essa peça é a do colaborador. E quem vai cortar a peça, à última da hora, mesmo que esteja do outro lado da cidade já a trabalhar para outro “cliente” (ou até poderá ser o mesmo)? Ora, pois claro!

É o colaborador. E quem vai no fim, receber metade do preço pelo trabalho, pois só publicou metade das páginas? Se respondeu outra vez “o colaborador” acertou!

O jornalista precário é o que mais interessa às direcções e administrações que não são compostas por jornalistas e que vendem jornais como poderiam vender tapetes ou salsichas.

E quando trabalha fora de horas, até às tantas, quantas e quantas vezes ainda tem de pagar o regresso a casa do seu próprio bolso, para não falar das despesas de reportagem, telefonemas, almoços e jantares, de trabalhos que não raro demoram meses a ver a luz do dia, e que chegam mesmo a nunca sair. E quando assim é, quem é que fica a arder com o dinheiro durante meses a fio? O colaborador. O tal, o “jornalista independente”, o dito “free-lancer”, que é tão livre, tão livre, que até se pode dar ao luxo de trabalhar para aquecer!



Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



Precários planetários

João Romão

Em tempos de crise e desemprego, ganha força a ideia de que os imigrantes ocupam os postos de trabalho dos trabalhadores nacionais. Não é verdade: o que elimina postos de trabalho e precariza as condições laborais e a vida das pessoas é a livre circulação do capital.

A globalização das economias e das sociedades - que acelerou a uma velocidade sem precedentes a partir dos anos 80 - transmite uma falsa ideia de liberdade de circulação de pessoas, mas assenta numa efectiva liberdade de circulação de capitais: não emigra quem quer mas quem pode, sujeito a regras e condicionantes legais muitas vezes discriminatórias, enfrentando dificuldades de convivência com novas formas de organização social, novas línguas, novos processos de integração em ambientes estranhos, na maior parte das vezes em sofríveis condições de sobrevivência.

Não é assim com o capital: as novas tecnologias facilitaram a rápida circulação do dinheiro e a desregulação desses movimentos permite que ele se desloque instantaneamente entre mercados financeiros de todo o mundo. As pessoas têm pátria, mesmo quando emigram. O capital é que não.

Esta globalização facilitou a especulação gananciosa: os activos financeiros passaram de 12 triliões de dólares (1980) para 167 triliões (2006) e multiplicaram-se por 14 enquanto a produção de bens e serviços apenas se multiplicou por 5. Nos países desenvolvidos, esses activos representavam 50% da riqueza gerada em 1970 e perto de

350% em 2005. O comércio mundial diário passou de 20 biliões de dólares (1973) para 1,5 triliões (2003).

A destruição do Estado Social que se tinha vindo a construir ao longo do século XX - pelo menos em algumas partes do planeta - foi um elemento decisivo para facilitar a especulação: a privatização dos fundos de pensões e a sua livre comercialização em mercados financeiros especulativos e globais alimentaram a “bolha” que viria a rebaratar na cara de todos nós: a crise que vivemos foi provocada pela ganância dos poderosos mas tem consequências drásticas sobre a vida de todos.

A facilidade com que se abrem e fecham empresas em qualquer ponto do planeta é proporcional ao aumento da exploração do trabalho: o livre comércio e a livre circulação do capital permitem que o dinheiro procure os lugares onde a exploração é máxima e os direitos mínimos.

Foi assim que nos últimos 30 anos se estruturou um processo de feroz concorrência entre os trabalhadores de todo o mundo. Não são os que emigram, são os que produzem para um mercado global, altamente concorrencial e desregrado. Neste período, milhões de trabalhadores da China, Índia e Europa de Leste - com direitos sociais mínimos - passaram a competir através dos produtos que colocam nos mercados internacionais com os trabalhadores da Europa Ocidental, América, Japão ou Oceânia. A globalização podia ter sido outra, assente na melhoria dos

direitos sociais e laborais dos trabalhadores mais desprotegidos, com um comércio regulado, limites à mobilidade do capital e defesas contra a especulação. Mas não foi: o número de trabalhadores a participar no livre comércio mundial multiplicou-se por quatro em vinte anos e impôs a degradação das condições de trabalho: a precarização generalizada e a exploração desenfreada são as marcas de um processo de globalização desenvolvido à medida dos interesses do capital especulativo.

Resta-nos encontrar um caminho para a globalização da resistência e a afirmação de uma alternativa para outro mundo, de todos e para todos.

A facilidade com que se abrem e fecham empresas em qualquer ponto do planeta é proporcional ao aumento da exploração do trabalho: o livre comércio e a livre circulação do capital permitem que o dinheiro procure os lugares onde a exploração é máxima e os direitos mínimos

Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009

MAY DAY 2009

Imigração e Precariedade

Luzia Teixeira (Solidariedade Imigrante)

Na Europa do século XXI, grandes conquistas sociais e laborais são postas em causa pelo mesmo sistema voraz que – à escala mundial – privilegia o lucro desmesurado de uma minoria e condena à pobreza a imensa maioria da população. As injustiças da globalização neo-liberal estão também no cerne da direcção e da magnitude dos actuais movimentos migratórios. No contexto de retrocesso civilizacional em que vivemos, e ao qual não nos resignamos, os migrantes são criminalizados e o desrespeito pelos direitos humanos é institucionalizado nas políticas anti-imigração – vide a *Directiva da Vergonha* ou o *Pacto Sarkozy*.

Tradicionalmente, o capitalismo tem reservado aos imigrantes trabalhos ainda mais duros e com condições mais precárias do que aos nacionais, provocando, por vezes, falsos confrontos entre a mesma classe trabalhadora. Actualmente, em Portugal encontramos as maiores percentagens de trabalhadores estrangeiros em sectores como a construção civil, a hotelaria, a restauração, o serviço doméstico, o cuidado das pessoas dependentes, a agricultura... Trabalhos que, pese à sua relevância social, costumam ser pouco reconhecidos, mal remunerados, com difíceis condições psíquicas e físicas (alguns com altas taxas de sinistralidade) e frequentes situações de exploração. A contratação através de ETT, o recurso aos falsos *Recibos Verdes* ou mesmo a recusa de qualquer formalização do vínculo laboral – com os problemas resultantes para a obtenção e renovação das Autorizações de Residência –



são alguns dos cenários mais comuns.

Os imigrantes, e entre destes os não regularizados, são os trabalhadores que mais sofrem com a precariedade laboral e as condições de vida. A problemática da regularização documental no país e as questões relacionadas com abusos laborais

são duas das principais preocupações dos imigrantes que procuram o apoio de associações como a nossa. A actual Lei de Imigração – em vigor desde Julho de 2007 – não tem resolvido a situação da maior parte dos imigrantes que já vivem, trabalham e pagam impostos em Portugal. Perto de 60 mil imigrantes solicitaram a sua regularização, estando aproximadamente uns 40 mil ainda à espera. Sem regularização, a existência destes imigrantes é relegada a um limbo jurídico que só favorece a exploração laboral e a exclusão social. O próprio Estado age de maneira inaceitável com estes imigrantes, pois – para citar um exemplo sintomático – aceita as suas contribuições para a Segurança Social mas nega-lhes

o direito ao subsídio de desemprego, às licenças de maternidade ou por doença...

Assim como a qualquer outro tipo de prestações sociais. Os testemunhos de muitos dos nossos sócios são reveladores: frágeis condições de segurança e saúde no trabalho – sendo frequentes os acidentes laborais –, incumprimento do direito a férias e folgas, horas extra obrigatórias e não remuneradas, entidades patronais que não pagam ao Estado as contribuições que retêm dos salários dos trabalhadores... Os vínculos contratuais precários e instáveis são os mais usuais, por vezes formalmente inexistentes. E aquando da sua rescisão, é quase uma situação excepcional os trabalhadores receberem os pagamentos a que têm direito. Também não é invulgar os patrões declararem salários inferiores aos reais, o que impede o acesso ao legítimo direito do reagrupamento familiar a numerosos imigrantes, pois não atingem (formalmente, embora possam fazê-lo na realidade) os rendimentos que o Serviços de Estrangeiros e Fronteiras exige para tal. Infelizmente, a nossa experiência mostra-nos que a denúncia deste tipo de situações aos órgãos competentes – como a Autoridade para as Condições do Trabalho ou a Segurança Social – pouco ou nenhum resultado tem produzido. Face ao descrito, regularização para todos e trabalho com direitos são duas das nossas

reivindicações centrais. No mundo capitalista em que (sobre)vivemos, as tendências economicistas pautam também as políticas de imigração, nas quais as pessoas são tratadas antes como mercadorias do que como seres humanos. As actuais directrizes da União Europeia agravam a perspectiva utilitarista acerca dos migrantes, mão-de-obra barata, descartável, desprovida de direitos e usada segundo as conveniências de um mercado ao serviço de uns poucos. Sabemos que muitos destes problemas não são exclusivos dos imigrantes; a exploração no trabalho e a precariedade laboral e social afecta também os portugueses, mas atinge graus de intensidade ainda maior entre os estrangeiros. Em tempos de crise, os imigrantes são habitualmente utilizados como bodes expiatórios, perante o qual devemos responder aprofundando o nosso conhecimento mútuo e estreitando os necessários laços de solidariedade entre todos os trabalhadores, independentemente da origem. Temos que lutar juntos para manter os direitos já conquistados e conseguir muitos outros que ainda não são reconhecidos, fazendo com que estas sejam conquistas de todos e para todos. Assim, sob o lema *Sem direitos iguais todos perdemos*, milhares de pessoas saíram às ruas de Lisboa no passado dia 15 de Março, em prol da igualdade entre nacionais e estrangeiros, necessária para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Sem plenos direitos civis, sociais, políticos... a *integração* continuará sendo uma palavra bem-soante, mas vazia de conteúdo. E a exploração dos trabalhadoras mais desprotegidos continuará a beneficiar a minoria de sempre, prejudicando-nos a todos.



reivindicações centrais.

No mundo capitalista em que (sobre)vivemos, as tendências economicistas pautam também as políticas de imigração, nas quais as pessoas são tratadas antes como mercadorias do que como seres humanos. As actuais directrizes da União Europeia agravam a perspectiva utilitarista acerca dos migrantes, mão-de-obra barata, descartável, desprovida de direitos e usada segundo as conveniências de um mercado ao serviço de uns poucos. Sabemos que

muitos destes problemas não são exclusivos dos imigrantes; a exploração no trabalho e a precariedade laboral e social afecta também os portugueses, mas atinge graus de intensidade ainda maior entre os estrangeiros. Em tempos de crise, os imigrantes são habitualmente utilizados como bodes expiatórios, perante o qual devemos responder aprofundando o nosso conhecimento mútuo e estreitando os necessários laços de solidariedade entre todos os trabalhadores, independentemente da origem. Temos que lutar juntos para manter os direitos já conquistados e conseguir muitos outros que ainda não são reconhecidos, fazendo com que estas sejam conquistas de todos e para todos. Assim, sob o lema *Sem direitos iguais todos perdemos*, milhares de pessoas saíram às ruas de Lisboa no passado dia 15 de Março, em prol da igualdade entre nacionais e estrangeiros, necessária para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Sem plenos direitos civis, sociais, políticos... a *integração* continuará sendo uma palavra bem-soante, mas vazia de conteúdo. E a exploração dos trabalhadoras mais desprotegidos continuará a beneficiar a minoria de sempre, prejudicando-nos a todos.



Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



A precariedade no neoliberalismo e a precariedade do neoliberalismo

João Camargo

Desde a sua concepção, a ideologia dominante do sistema capitalista actual – o neoliberalismo – teve como objectivo máximo a destruição do Estado enquanto actor social e representante máximo do povo que o elege, convertendo-o num simples colector de impostos sobre os praticantes de qualquer actividade produtiva para a manutenção de uma neo-nobreza parasita, emanação estéril dos seus ancestrais industriais e latifundiários.



O modo de atingir esse objectivo foi e é muito simples: afirmando que os sistemas sociais estão falidos, retirar-lhe as verbas, levando-os consequentemente à falência. Esta técnica é aplicada à Segurança Social, à saúde, à educação e a outras áreas essenciais. Tal técnica tem funcionado de modo soberbo, tendo já levado à destruição de sistemas sociais um pouco por todo o Mundo. Como agentes de execução desta prática e capangas do neoliberalismo, são de destacar o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio e o Fundo Monetário Internacional. Estes implementam nos países mais pobres a regra do salve-se quem puder, relegando o Homem à necessidade de ter de agir quase exclusivamente

com o objectivo de sobreviver. Após destruírem as escassas estruturas sociais desses países, impõe o pagamento a pronto com exorbitantes juros das dívidas que – pela exploração – os obrigaram a contrair.

Os capitalistas neoliberais apregoam a moderna competitividade, apesar de jamais a praticarem, vivendo exclusivamente da cooperação com sistemas corruptos. Criaram para tal – dentro dos estados – uma

promíscua mistura de negociatas e política de oportunidade, onde impuseram – em substituição de “servir” – o lema “sirvam-se”.

Sob a égide da moderna competitividade, estes novos estados começaram a atacar direitos básicos de equidade social conquistados nas barricadas e nas revoluções pelos povos do Mundo nos últimos 200 anos. Frente à resistência e certamente prevendo dificuldades, inventaram a maravilhosa globalização, com virtudes tão dúbias quanto certas são as suas atrocidades. Desta surgiu um neocolonialismo dos povos ditos subdesenvolvidos, colocando simultaneamente pressão sobre os povos dos países

mais influentes numa clara tentativa de volta a estratificar as sociedades. Impõe-se nova teocracia: a do Deus Dinheiro, com os chefes pastores a guardarem os seus rebanhos, que vão devorando.

Faltava quebrar a união do povo, e para tal promoveram-se vários conflitos internos: público versus privado; empregado versus desempregado; nacional versus imigrante; estável versus precário.

A precarização do trabalho foi uma das ferramentas básicas da retirada do poder às populações e é um dos principais objectivos do neoliberalismo, passando os trabalhadores (actualmente relegados à posição de “colaboradores”) a recompor o armário das ferramentas de trabalho que tão disponíveis estiveram durante os largos períodos históricos do escravagismo.

No entanto, com o desaparecimento da verdade, convenientemente comprada, a informação que discorre em papéis ajornalizados e propagandas da manhã, tarde e noite ocupou o consciente colectivo. Mas pelas suas próprias contradições cairá este canibalismo, empurrado borda fora por qualquer sociedade minimamente consciente. Todo o léxico criado à volta da problemática jamais conseguiu disfarçar a realidade, sendo por isso da nossa responsabilidade filtrar o ainda existente ruído de fundo e espalhar a boa-nova – Não, não nos conformamos! A História somos nós!

Afirmando que os sistemas sociais estão falidos, retiram-lhes as verbas, levando-os consequentemente à falência.

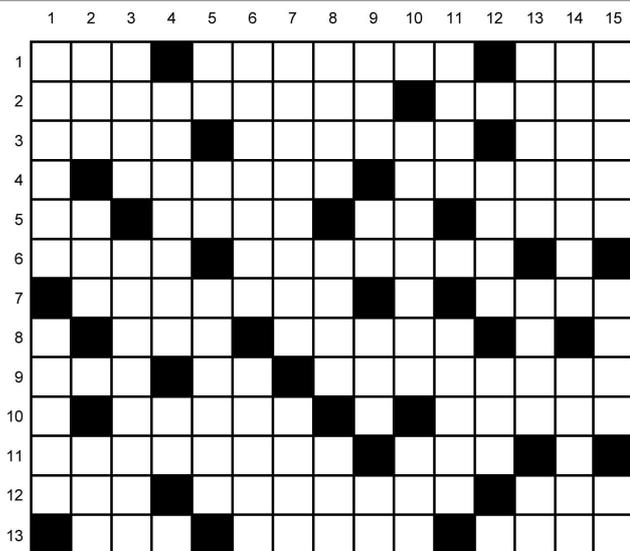


Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009

MAY DAY 2009

Passa (o pouco) tempo (que tens)

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1 - Quando o patrão já não precisa de ti para a ...; arranja-me um ...; o fim do capital. 2 - Sem ele, é possível que a empresa funcione, sem trabalhadores é que não (sem P); o que comanda a vida. 3 - Matou Abel; dias de repouso a que os precários não têm direito; Todas as Letras Unidas (sigla). 4 - Aperta com os braços; marido da bolsa (pl.). 5 - O que se diz quando se prega um susto; sessão com professores e alunos; atmosfera; grita. 6 - Sala do broche; patrão que vampiriza. 7 - Inundais; todos os dias faço uma ... ao São Precário. 8 - Raiva; não diz. 9 - No meio da berma, no meio da unha; gostaria muito. 10 - O fim dos conselhos; duende. 11 - Abanamos o capacete; o contrário de sim. 12 - Empresas que contratam precários, vendem-nos a outras empresas e ficam-lhes com parte do salário (sigla); praticante de mecenato; voltar. 13 - Deusa antiga da aurora; do Sul; para melhor está bem está bem, para ... já basta assim.

Verticais: 1 - Muitos precários passam destes (sing., 2 pal.). 2 - Menos uma que duas; fruto da videira; preposição. 3 - Cantiga de ópera; comida. 4 - Pôr um invólucro; alça sem principio nem fim. 5 - Estás; ruténio (s. q.); no meio desta crise há uns quantos que ... 6 - Nome de uma personagem contestatária de banda desenhada; ser humano adulto masculino. 7 - Trabalhador sem vínculo e com poucos direitos; fácil de despedir; murro. 8 - Dera gargalhadas; falta de ar; conheço. 9 - Três vogais diferentes; Antes de Cristo (sigla); passado; consoantes de rena (invert.). 10 - Repentino; quando nos querem explorar, dizemos ... 11 - Debaixo da carne; levantes. 12 - Luz da lua; normalmente tem 365 dias. 13 - Restante sem vogais (invert.); objecto de metal europeu que por cá todos querem encontrar na carteira; observei. 14 - Sem um olho (invert.); sem piedade. 15 - Serra portuguesa; pessoa pequena; erro sem principio nem fim.

SOPA DE LETRAS

A	R	I	W	A	N	I	E	M	A	A	C	H	E	N	M	S	S	E	I	N	W	Y	B	H	I
Y	B	H	U	T	Z	Y	A	I	F	O	N	O	Y	O	G	A	N	A	N	V	K	R	A	O	Y
H	C	E	N	I	O	A	R	H	A	I	T	A	N	R	L	R	H	P	O	A	E	H	M	N	W
M	W	O	H	E	X	T	I	R	X	E	Z	W	P	I	X	R	A	I	B	M	S	Z	A	Q	H
A	N	D	P	G	A	I	A	U	H	B	K	A	H	O	N	Q	N	U	E	P	H	E	L	U	N
N	I	L	R	E	B	N	U	Q	E	L	H	N	G	H	I	U	A	N	A	H	Y	N	A	I	F
E	N	A	N	O	N	I	Y	A	G	I	C	O	E	E	O	H	O	Y	F	C	I	P	G	K	O
A	I	X	R	T	A	H	E	H	O	E	N	Z	A	G	W	N	I	N	E	A	X	E	A	O	E
Y	S	X	W	R	E	O	A	N	I	W	N	A	Y	E	N	T	R	R	A	P	A	N	S	R	N
C	L	I	N	A	A	L	J	G	O	I	F	S	S	P	A	I	A	M	L	S	W	B	R	Y	D
B	F	O	A	Y	E	Q	U	A	E	E	J	H	A	A	R	O	B	I	R	A	M	O	S	A	H
D	I	R	D	A	M	A	S	E	H	N	A	T	S	S	Y	R	O	U	O	I	H	A	I	M	U
O	K	A	W	H	E	P	A	R	A	L	W	Y	E	A	P	E	W	A	T	G	Y	E	H	W	N
N	I	H	S	A	N	I	O	W	H	E	H	I	A	N	O	H	E	O	H	I	K	U	A	Y	K
Z	A	I	O	E	H	A	L	A	N	H	I	N	I	L	O	P	A	N	P	Q	A	N	I	X	R
M	H	N	I	U	A	V	A	N	E	N	R	A	K	E	H	U	R	A	T	Z	O	H	A	D	C
A	W	I	P	A	W	A	I	R	E	W	A	S	W	N	A	R	E	C	O	R	B	S	S	I	J
S	S	O	E	G	N	E	H	N	Y	M	L	I	A	H	R	R	W	O	A	K	S	A	Y	N	E
S	A	A	K	D	O	T	R	O	P	E	Q	H	E	J	E	N	D	L	S	W	I	N	V	E	U
A	L	H	E	A	N	O	Y	N	H	A	H	Y	K	T	R	O	L	E	A	S	L	A	R	R	A
R	S	A	H	U	B	A	N	A	F	V	Z	X	E	N	M	U	B	R	T	Y	N	Y	P	E	C
R	I	M	R	C	H	I	P	L	X	I	H	A	H	R	N	C	E	E	E	A	O	E	N	P	E
E	S	B	Y	O	L	T	S	I	O	Z	O	H	E	I	O	P	I	K	N	I	S	L	E	H	X
T	H	U	N	V	N	I	H	M	A	A	H	L	G	A	N	N	O	Y	W	K	G	H	O	Z	A
C	Y	R	A	W	H	S	Y	A	G	M	A	A	W	P	Y	H	P	A	Z	H	J	A	Y	T	W
F	W	G	O	G	N	N	Q	D	R	P	N	S	I	I	T	O	A	M	F	N	O	Y	K	O	T

Encontra as cidades que já fizeram ou vão fazer o Mayday. Estão escritas em todos os sentidos.

- Aachen
- Berlin
- Bremen
- Copenhagen
- Hamburg
- Hanau
- Helsinki
- Lisboa
- Madrid
- Malaga
- Maribor
- Milano
- Napoli
- Palermo
- Porto
- Terrassa
- Tokyo
- Tubingen
- Wien

Soluções das Palavras Cruzadas

HORÓSCOPO MAYDESCO – PRECARIOMANCIA

Esta é uma arte muito antiga de adivinhar o futuro nos aspectos mais gerais da vida, tendo por base o estado profissional. É das artes de adivinhação que atravessa mais religiões e culturas devido à sua intensa assertividade. Concentre-se por 5 minutos e decida qual das seguintes categorias se aplica mais a si (caso haja mais do que uma, pense qual delas lhe ocupa mais horas da semana). Agora leia a sua categoria e deixe-se encantar pela verdade que o ano 2009 lhe reserva.

Estagiário “profissional”



Não se esforce demasiado para que o queiram efectivo porque o mais provável é no fim do estágio substituírem-no por outro nas mesmas condições. Cuidado que apesar de ter estado a trabalhar nos muitos últimos meses e sem dúvida se ter esforçado, não é reconhecido pela Santa Segurança Social como um trabalhador, por isso não terá direito ao miraculoso subsídio de desemprego. Aproveite o primeiro feriado de Maio para se juntar a outros nas mesmas condições.

Trabalhador independente (Recibos-verdes)



A ACT andará a dormir, por isso para aqueles que deveriam legalmente ter um contrato as coisas manter-se-ão muito semelhantes. Prevê-se um aumento das dívidas destes para com a Segurança Social, pelas dificuldades óbvias de pagar uma quantia tão elevada não dependente do seu ordenado. Tenha cuidado para não ter de trabalhar no dia do trabalhador e poder gritar bem alto.

Contratado sem termo (efectivo)



Os trabalhadores neste estado, ainda o mais forte da esfera da precariomançia, correrão um grande risco de perder o seu equilíbrio em 2009. Os empregadores preferirão substituí-los por um qualquer dos outros estados. Tenha cuidado com o sistema nervoso. O início de Maio pode ser promissor se se juntar a muitas pessoas.

Trabalhador-Estudante



Este foi o último estado profissional a ser considerado na precariomançia (há 2 décadas) porque devido às suas especificidades não deverá ser confundido com nenhum dos anteriores. A pouca legislação que o protegia tende a desaparecer e por isso cuidado com o seu aproveitamento escolar. Junte-se no primeiro de Maio para os últimos direitos que tem não se evaporem.

Contratado a termo certo



Promessas etéreas e incumpridas de renovação são a previsão para os pertencentes a este nível da esfera da precariomançia. Este ano é promissor quanto a conhecer novas pessoas que poderão estar no início da mudança da sua vida. O dia mais unificador é o dia do trabalhador.

Contratado através de ETT (Empresa de Trabalho Temporário)



A precariomançia prevê que será muito difícil sair deste estado sendo que tem uma legislação só para si, permitindo a renovação quase eterna do seu contrato. Consulte os astros e informe-se da parte do seu ordenado que a ETT está a roubar. Direcione as emoções resultantes para construir algo maior no dia 1 de Maio.

Desempregado com subsídio de desemprego



Horas e horas de pesquisa na solidão, interrompidas por fantásticas e divertidas viagens às Juntas de Freguesia e ao Centro de (des)Emprego marcarão este período. Vai sentir-se por vezes incompreendido quando é invejado ou por receber ou por não trabalhar. Não se deixe ficar só, o dia da entrada de Maio pode ser uma ótima oportunidade.

Contratado a termo incerto



A palavra do ano para estes contratados é a incerteza. Não planeie a sua vida porque tudo lhe pode sair de pernas para o ar. Os seus patrões não estão dispostos a assumir que precisam de si e por isso o valor que lhe dão é sempre inferior. Não se deixe acostumar e acredite que é possível tudo ser melhor, junte-se nas ruas no dia 1 de Maio.

Bolseiro



Cientistas místicos, estes alquimistas não são considerados trabalhadores. Horas e horas de trabalho e o não reconhecimento poderão conduzir a um desgaste na sua saúde. Proponha-se a mudar e junte-se a todos os outros que lutam pelos mesmos direitos quando Maio bate à porta.

Estagiário “curricular”



Acautele-se que o estagiário curricular é um ser mutante normalmente destinado a um estágio profissional. Nos próximos anos será difícil ganhar a sua independência económica, terá de contar com a caridade dos seus progenitores para a alimentação. Não se deixe deprimir e para isso o conselho da precariomançia é unir-se com outros iguais para tentar mudar o rumo das coisas no começo de Maio.

Desempregado com subsídio social de desemprego



Em 2009, os trabalhadores neste estado serão alvo de muitas propostas perigosas, tenha cuidado para não escorregar em nenhuma delas. Tenha também cuidado com a alimentação, não terá condições monetárias para escolher o mais saudável. A arte da precariomançia adivinha o dia 1 de Maio como um dia muito importante para fazer-se ouvir, saia de casa!

Desempregado sem subsídio



Este ano que entra é um ano negro para estes trabalhadores. Todos se vão tentar aproveitar do seu tempo disponível, oferecendo-lhe experiência em troca de uns poucos tostões ou nenhuns. Terá de melhorar a sua ginástica financeira para sobreviver com o pouco que conseguiu juntar até agora. Para não pôr a sola de molho, experimente sair à rua logo que inicie o mês de Maio e faça-se ouvir.

Trabalhador Ilegal (sem contrato)



Chantagem, abuso, exploração e escravidão são as acções às quais estarão sujeitos os trabalhadores deste nível, talvez o mais afectado da esfera da precariomançia. Não há muitos conselhos que esta ciência lhe possa dar, a não ser que se junte a outros em condições semelhantes, no dia 1 de Maio!

ou muda!

Anexo A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



Saúde Precária

Flávia Polido

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) geral, universal e gratuito, foi uma das grandes conquistas do 25 de Abril. Após a sua inclusão na Constituição da República em 1976, (artigo 64º) foi criada, em Setembro de 1979, a Lei de Bases do SNS que o organizava.

Desde a sua criação, muitos ataques têm sido feitos. No governo de Cavaco Silva foi alterado o artigo 64º, transformando o “gratuito” em “tendencialmente gratuito”. Na prática, essa alteração permitiu a implementação das “taxas moderadas”, o que demonstra o verdadeiro intuito da mudança – tornar o SNS tendencialmente pago.

O Governo Sócrates fez duros ataques ao SNS

Em Março de 2006 foi anunciado o fecho de nove maternidades, com o argumento de não se pod garantir a qualidade do serviço em maternidades com menos de 1500 partos/ano. É curioso que, no Diário de Notícias de 12 Maio do mesmo ano, se tenha anunciado que apenas duas maternidades privadas tinham 1500 partos/ano – o controlo de qualidade só é importante no público? Ou existem interesses económicos subjacentes?

Em Março de 2007 os internamentos hospitalares e as cirurgias de ambulatório passaram a ser taxados. Quem acredita que faz sentido “moderar” (sob a forma de pagamento) a ida à urgência de alguém que acaba internado por decisão clínica? E

ainda fazê-lo pagar o internamento...

A destruição do SNS faz-se por diversas vias. Para além do fecho de maternidades e urgências em Centros de Saúde, a diminuição dos direitos laborais também atinge directamente a qualidade e viabilidade do SNS.

A empresarialização dos hospitais públicos, entregando a sua gestão a grupos privados ou alterando o seu estatuto jurídico, implica uma precarização dos vínculos laborais através do fim dos contratos colectivos de trabalho e pela subcontratação de trabalhadores através de empresas de trabalho temporário (enfermeiros, auxiliares e até médicos). Assim, a existência de salários diferentes para as mesmas tarefas e o facto de os trabalhadores do mesmo hospital poderem ter como patrão ETTs diferentes (em vez de serem contratados pelo Estado) gera a divisão dos trabalhadores e facilita a exploração.

Os trabalhadores contratados por ETTs têm que se sujeitar às vontades dessa ETT, podendo ser obrigados a prestar cuidados em hospitais diferentes, em dias diferentes, o que prejudica o trabalhador e o utente do SNS (pelo desconhecimento do serviço e dos doentes a cuidar).

Por outro lado ocorre a parasitação do público pelo privado. Os exemplos mais gritantes são a realização de exames complementares de



diagnóstico em instituições privadas, com pagamento pelo SNS, em vez da criação desses serviços nos hospitais públicos o que seria um investimento a longo prazo mais útil e menos dispendioso.

Por fim, é inadmissível que o governo dê dinheiro aos banqueiros e se negue a contratar médicos especialistas em áreas específicas (dentistas) e enfermeiros (apesar de um grande número de desempregados) quando temos 5,1 enfermeiros por 1000 habitantes, longe do recomendado pela UE (7,5).

Saúde para todos

A saúde não é um negócio. Todas as pessoas têm direito a um SNS de qualidade e gratuito, com acesso a todos os cuidados e especialidades médicas, independentemente de serem deste ou daquele país ou de terem ou não “papéis”.



ANEXO A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009

MAY DAY 2009

O novo Código do Trabalho: o “acordo” para impor a precariedade

Tiago Gillot

O novo Código do Trabalho está em vigor desde Fevereiro. A revisão das leis laborais foi uma das promessas que garantiu a maioria absoluta, mas é talvez a mais gritante mentira deste mandato: a “revogação dos aspectos mais gravosos” do Código-Bagão transformou-se no seu brutal agravamento.



E o que têm os precários e as precárias a ver com isto? Muita gente dirá que a precariedade substitui as leis e que, portanto, na prática, pouco ou nada muda com este novo Código. Talvez. Mas este texto defende outra visão: por um lado, o processo que levou ao “acordo” baralhou o destaque da precariedade na agenda política, a favor de Governo e patrões; e, talvez mais importante, este Código varre um conjunto de direitos antigos, preparando a banalização da

precariedade, ao sabor da onda *flexi* da ideologia dominante.

O “acordo”. “Tripartido”: Governo, patrões e a UGT. Era o mais fácil de conseguir e a única novidade foi o destaque que Sócrates e Vieira da Silva inteligentemente lhe quiseram dar. O Governo estaria apenas a mediar os interesses do capital e do trabalho, dos patrões e dos sindicatos – atenuar as contradições, impor falsos consensos. Era o resultado “equilibrado”, vendido (e muito reproduzido) como inatacável. A quem não está de acordo – a CGTP e todos os sectores que não aceitam o massacre do aumento da exploração – está reservado o cantinho dos radicais. Centenas de milhar de pessoas na rua, mas também a oposição “interna” de Manuel Alegre e outros dirigentes socialistas não impressionam a máquina de propaganda de Sócrates: este Governo é dos patrões e é para eles que governa.

Acabar com direitos antigos e legalizar a precariedade. O conteúdo do texto final impressiona pela dimensão do ataque: é uma perda de direitos generalizada, em nome dum “novo fôlego à economia”, concretizando a liberalização (quase total) dos

despedimentos, a flexibilidade obrigatória (nos horários e não só), o enfraquecimento da posição dos trabalhadores e trabalhadoras por via da individualização das relações laborais e dos ataques à contratação colectiva. Parece (e é) contraditório falar em “combate à precariedade” num contexto em que se está a precarizar todo o mundo do trabalho. Mas este foi um *slogan* forte - escolhido pelo Governo - para virar tudo de pernas para o ar e, diga-se, responder à crescente visibilidade da precariedade, garantindo a domesticação da larga maioria das opiniões mediáticas e distraíndo sobre o essencial. Foi este o sentido das propostas directamente dirigidas aos precários e precárias: um novo limite de três anos para os contratos a prazo e a obrigação dos empregadores de recibos verdes contribuírem com 5% dos seus descontos para a Segurança Social.

O conteúdo do texto final do novo Código impressiona pela dimensão do ataque: é uma perda de direitos generalizada, em nome dum “novo fôlego à economia”

Migalhas que, além de objectivamente legalizarem a precariedade, porque a aceitam, estabeleceram

uma ofensiva comunicacional eficaz. Os patrões concordam, porque sabiam que tudo ficaria na mesma e já tinham o que queriam. Aliás, os patrões, já com o Código em vigor, exigiram o congelamento destas medidas, em nome da crise. E, ao que parece, assim vai ser. Na prática, não muda nada. Mas esclarece tudo.



É por tudo isto que nós, precários e precárias, temos tudo a ver com este Código do Trabalho. Porque somos trabalhadores e trabalhadoras, a quem não pode ser indiferente eliminar direitos, enfraquecer a capacidade de organização e legalizar e generalizar a precariedade. Estas regras só podem interessar mesmo aos patrões e aos sucessivos Governos que os vão representando. Para nós e para toda a gente que, melhor ou pior, vive ou sobrevive à custa do trabalho (quando o tem), a única solução é mesmo destruir este Código. Pode não ser uma coisa para os próximos dias, mas lá chegaremos.

ANEXO A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



Trabalho e discriminação de género

Sofia Roque, Mafalda Costa, Diana Neves e Ana Feijão

30% mais de remuneração para os homens em relação à remuneração para as mulheres, em média, para a mesma actividade económica. Pensar que estes números são fruto da diferenciação de actividades, e uma valorização geral das actividades desempenhadas pelos homens é falso. Mesmo que assim fosse, este valor já traduziria a discriminação entre géneros, numa sociedade que recebe com apatia estes números.

53% das pessoas contratadas sem termo são homens. Ao mesmo tempo que a percentagem de trabalhadores a recibos verdes é semelhante para mulheres e homens, o que mostra que as mulheres estão sujeitas a uma maior condição de precariedade.

+fácil oferecer condições de precariedade às mulheres, bem como remunerações **mais baixas**, o que poderia tornar a mulher uma trabalhadora mais "apetecível" ao mercado, o que na realidade não se verifica, uma vez que o número de homens activos é superior ao de mulheres activas.

56% dos desempregados são mulheres. Estes são números que têm vindo a agravar-se com a "crise" e que escondem uma realidade de discriminação no trabalho e na sociedade.

Se em Portugal as mulheres desempregadas são duas vezes mais do que os homens ao mesmo tempo que recebem em média cerca de menos 250€ no salário, no mundo as mulheres são responsáveis por 2/3 das horas trabalhadas, embora ganhando 1/10 do rendimento mundial.

O modelo de globalização económica em que vivemos acentua a feminização massiva e crescente da pobreza e perpetua e provoca múltiplas formas de violência contra as mulheres. Porque se constrói sobre a desigualdade, a mundialização atrai numerosas mulheres para a marginalidade originando maior exclusão, especialmente daquelas submetidas a opressões múltiplas. Esta globalização não é apenas capitalista e neoliberal, é também sexista. Estes sistemas e uma moral patriarcal dominante nutrem-se e reforçam-se entre si, mantendo a maioria das mulheres numa

inferioridade cultural, desvalorização social, marginalidade económica e numa invisibilidade da sua existência na vida activa, seja na participação na vida social e política como no trabalho.

Em Portugal, a desigualdade entre mulheres e homens reflecte-se na diferenciação salarial, por exemplo, ao mesmo tempo que duramente se impõe nas relações sociais e afectivas. No nosso país, as mulheres são em média mais qualificadas do que os homens e este facto coexiste com o número brutal da média que demonstra que morre uma mulher por semana vítima de homicídio conjugal.

As duas realidades coexistem e sobrepõem-se porque domina ainda o modelo que diferencia e estabelece papéis e valores sociais diferentes, discriminando tendo por base o género e o modelo da exploração, da

precarização do trabalho e da vida. Mas já não se suportam as ideias de que a maternidade e a vida profissional têm de ser escolhidas como alternativas, que só existe um modo de nos relacionarmos e um tipo de família, que o trabalho doméstico é naturalmente para elas, que acumulam assim uma dupla jornada de trabalho, que existem profissões para mulheres e outras para homens. Já não se suporta que um patrão possa impunemente despedir uma mulher porque está grávida, que a opressão e a violência sejam a regra dos relacionamentos, que as mulheres não estejam em igual número no parlamento e nos sindicatos, que a sua participação política seja condicionada, que a vida tenha apenas a chantagem da precariedade e do desemprego acumulando a marca da desigualdade e da opressão.

Também nós fazemos a luta. Para que não seja o patrão a ditar que escolhas podemos ou não fazer na nossa vida. Estamos fartas que nos digam que os papéis já foram estabelecidos há muito, que não devemos reagir ou que nada mais podemos esperar da vida. Fartas de sermos pressionadas, excluídas e discriminadas por querermos viver a nossa vida com a liberdade da igualdade. De decidir, de agir e de participar!

Queremos tempo! Tempo útil para nós, para o desporto, para namorar, para passear, para questionar! Para que deixemos de ser robôs e faça sentido termos um trabalho!

Vem sair para a rua. Gritar. Explodir. Viver, por fim! Vem proclamar os teus direitos e perceber que contigo gritam muit@s mais. Vem dizer não à exploração, à chantagem, ao medo do patrão! À vida dupla, tripla e ao contorcionismo a que os múltiplos trabalhos nos obrigam! Por uma sociedade em que o teu valor vai para além do teu salário, das tuas habilitações ou da tua conta bancária. Sai à rua comigo, com ela, connosco! Traz uma amiga, a filha, a irmã ou a prima. Sai por ti, por mim, pela tua amiga desempregada, por todas nós precárias!

ANEXO A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009

MAY DAY 2009

O MayDay está a chegar ao Porto!

Mayday Porto

Num contexto em que palavras como precariedade e desemprego conquistam uma proximidade crescente junto de milhares de pessoas, é premente fazermo-nos ouvir nas ruas, demonstrando a nossa insatisfação perante a inércia governativa em fazer face à desregulação laboral que nos atinge.

Somos cerca de dois milhões de trabalhadoras/es em condições precárias, desconhecendo se iremos ter emprego daqui a um mês, um ano ou três anos. Somos quase um milhão que vivenciamos a ilegalidade inerente aos 'falsos' recibos verdes. Somos milhares com contratos a prazo, trabalho não declarado, bolseiras/os, intermitentes do espectáculo ou contratadas/os através de Empresas de Trabalho Temporário (ETT's). Somos 500 mil desempregadas/os, conhecedoras/es da vigilância férrea dos Centros de Emprego, que aboliram a função que lhes dá nome para encetarem uma política controladora de apresentações quinzenais e encaminhamentos para formações ou para trabalho gratuito, através dos Planos Ocupacionais de Emprego.

Acreditamos e sabemos que não tem de ser assim. Acreditamos e sabemos que é possível haver trabalho com direitos para todas/os. Imbuído destas convicções, em Fevereiro, o FERVE lançou um apelo para a realização de uma primeira assembleia do MayDay Porto.

'MayDay: 1 milhão de recibos verdes' foi o lema que espalhámos em stencils' pela cidade, naquela que foi a primeira iniciativa do MayDay Porto. Alguns dias depois, fomos para a rua e fizemos ouvir a força da nossa voz. Literalmente. Com a colaboração de Paulo e Simão Praça (Turbojunkie, Grace e Plaza) saímos à rua cantando 'À Força da Nossa Voz', um tema de Paulo Praça com letra de valter hugo mãe. Cantámos e congelámos, porque é precisamente essa a consequência da precariedade nas nossas vidas: congela-nos,

paralisa-nos, interdita-nos.

No dia 21 de Março, celebrámos o equinócio com uma fogueira onde queimámos um dos símbolos maiores da precariedade: os recibos verdes. A nossa noite teve a mesma duração do nosso dia e ambos têm a exacta duração da nossa indignação perante a ilicitude e desprotecção social a que estão votadas 900 mil pessoas.

flexisegurança e apelando a "uma agenda laboral alternativa").

Iremos ainda efectuar mais uma acção de rua, prosseguiremos as distribuições de panfletos que temos vindo a implementar e congregaremos energias numa festa a decorrer no Maus Hábitos, no Porto, no dia 25 de Abril.



Promovemos um debate em Vila do Conde, um outro em Braga e também um no Porto, tendo como convidados Ana Maria Duarte (socióloga da Universidade do Minho), João Pacheco (jornalista, membro dos Precários-Inflexíveis e do MayDay Lisboa), Sofia Cruz (socióloga da Universidade do Porto) e António Casimiro Ferreira (professor da Universidade de Coimbra, membro da Comissão do Livro Branco para as Relações Laborais, tendo-se demitido, criticando a imposição da

Em Lisboa e no Porto, no dia 1 de Maio, Dia do/a Trabalhador/a, sairemos à rua e faremos ouvir a força da nossa voz! E seremos ouvidos. Porque somos muitos e não temos vocação para o silêncio!

**maydayporto.
blogspot.com**

ANEXO A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009



Escola e Precariedade

Ricardo Vicente

Escola. É fácil conotar a vida deste espaço com as ideias de aprendizagem, construção (individual e colectiva), transformação, diversidade, discussão... É aqui que vivemos um dos mais importantes capítulos das nossas vidas, é aqui que vamos alimentando uma ambição que é comum a todos e a todas, atravessando toda a diversidade que há entre nós, a ambição de ser independente, de conseguir viver do nosso próprio trabalho pelo seu valor e sair da alçada dos nossos pais. Enquanto actores da Escola, queremos vivê-la com toda a sua diversidade e intensidade, aproveitando as oportunidades que esta nos oferece, construindo uma bagagem, a mesma bagagem que nos alimenta as ambições. Queremos viver uma Escola que é viva, porque é feita por pessoas que a transformam, uma

inevitabilidade, pois esta “é melhor do que o desemprego” dizem alguns interessados na exploração. As pessoas são hoje meros objectos, descartáveis pelos padrões a qualquer momento. É fácil perceber isto pela quantidade de pessoas que trabalham a falsos recibos verdes (sendo o Estado o principal empregador dos mesmos), pela proliferação das empresas de trabalho temporário (a que o Estado também já aderiu) e pelo número crescente de desempregados. Por outro lado, as grandes fortunas são cada vez maiores.

Mas a condição precária começa muitas vezes (cada vez mais) ainda antes de acabar o Ensino Superior... Todas as reformas que

Assistimos à privatização do ensino e à sua exclusão das classes mais baixas da sociedade

este tem sofrido – começando com o aparecimento e crescimento das propinas, passando pelo processo de Bolonha e acabando no novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) – tinham e têm um rumo bem traçado: a desresponsabilização do Estado pelo financiamento do ensino. A transferência deste encargo passa para as famílias, transformando-se o ensino numa mercadoria de luxo ao alcance de quem a puder comprar. Assistimos assim à privatização do ensino e à exclusão das classes mais baixas da sociedade. São cada vez mais aqueles que ambicionam entrar na faculdade e têm de conciliar o estudo com um qualquer trabalho temporário, ou que têm de recorrer a empréstimos, para que tal seja possível. Vive-se assim permanentemente numa condição precária, ainda antes de acabar o curso. Além disto, a grande mudança – e talvez a mais importante que Bolonha trouxe – foi a completa reconfiguração dos



cursos para uma formação do ensino que leva à criação de licenciados precários no seu conhecimento. O conhecimento deixa de ser global e passa a ser condicionado pelo que interessa ao mercado.

Este percurso atropela também a vida de muitos investigadores e professores universitários.

Assim, vamos vendo as nossas vidas a ser atropeladas por quem nos explora e nos quer manter numa condição social de instabilidade. E sabemos que estamos perante um Governo que responde todos os dias a estas questões e faz uma escolha clara, situando-se do lado da exploração. Contra a exploração, e para dar voz aos precários, fazemos o MayDay.



Escola que é sempre diferente no espaço e no tempo. O Ensino Superior é para muitos o culminar da vida estudantil. É certo que este não é o único caminho, mas é sem dúvida o caminho mais rico de todo o percurso escolar, sendo geralmente interpretado como uma possibilidade para alcançar uma vida melhor. É também neste momento que nos dão as voltas à vida. Hoje, acabar o Ensino Superior não é garantia de nada, estamos todos entregues a um mercado de trabalho selvagem, que nos vende a precariedade como uma



ANEXO A-5 – Jornal MayDay Lisboa 2009

MAY DAY 2009

Os Intermitentes à espera de Godot

Bruno Cabral (Plataforma Intermitentes)

Existe muito a ideia de que trabalhar no meio artístico é relaxado e permite ter uma vida folgada, mas viver das artes do espectáculo e do audiovisual em Portugal é sinónimo de precariedade. Não é a actividade artística em si que é precária, mas os vínculos laborais: nunca há contratos de trabalho, tudo funciona a recibos verdes.

No entanto, na maioria dos casos, não são trabalhos independentes: há horários de trabalho, por vezes muito extensos (ensaios de dia, espectáculos de noite, 60 horas de trabalho por semana em cinema), forte interdependência dentro dos grupos, uma entidade que enquadra o trabalho. Por vezes, algumas destas entidades empregadoras fazem contratos de prestação de serviços, com cláusulas ilegais, que só deveriam existir em contratos de trabalho: definem horários para a actividade e outras regras a respeitar.

Os recibos verdes estão a tal ponto generalizados que se tornaram normais, ninguém faz contratos porque ninguém os faz! E porque a actividade é por natureza

intermitente: as pessoas são sempre necessárias apenas pela duração da produção. Não existe preocupação com as condições de trabalho, com o acesso aos direitos básicos, como o acesso ao subsídio de desemprego, e não há responsabilidade do produtor no que diz respeito aos seguros de trabalho.

É hoje em dia muito difícil provar legalmente que deveria haver contratos, sendo que quem começa a exigir dificilmente reencontra

trabalho. Para conferir estes direitos aos intermitentes do espectáculo, é necessária uma lei laboral específica, para que se façam sempre contratos de trabalho, mesmo que as produções sejam de curta duração. Esta lei deveria adaptar os direitos da Segurança Social à intermitência do trabalho, porque a filosofia actual da Segurança Social é na perspectiva dos contratos sem termo: o subsídio

do espectáculo, que entrou em vigor em Fevereiro de 2008. Revelou-se uma deturpação completa das nossas propostas. Criaram um conceito de intermitência que só se aplica quando o trabalhador depende de uma só entidade empregadora, e na prática retira direitos a quem já tinha contratos de trabalho. As pessoas com contrato numa companhia passaram a poder ser postas de lado dos espectáculos, ficando na prateleira à espera de outro espectáculo, mediante uma retribuição de apenas 30% do seu salário!

O PS aprovou sozinho esta lei que não cria mais direitos aos verdadeiros intermitentes (aqueles que trabalham sucessivamente em grupos diferentes), retira direitos a contratados, e divide os intérpretes e directores artísticos dos técnicos, como se não trabalhassem juntos nas mesmas condições de intermitência. Prometeram

ainda por cima fazer posteriormente um decreto sobre Segurança Social, que nunca foi proposto. E mesmo que venha a ser feito, como poderá ter repercussões positivas para os intermitentes, se a lei não os abrange?

Para investir a sério numa política cultural, é preciso investir nas condições de trabalho dos intermitentes. E isto nunca aconteceu.



Os recibos verdes estão a tal ponto generalizados que se tornaram normais, ninguém faz contratos porque ninguém os faz!

de desemprego, por exemplo, só é concedido após 450 dias de trabalho em dois anos, o que nunca acontece para um intermitente. Tem períodos de trabalho intenso ao longo de vários meses, mas pode a qualquer altura ficar meses consecutivos sem emprego.

Após um ano de reivindicações, o Governo fez uma lei de trabalho para os trabalhadores das artes

ANEXO A-6 – Jornal MayDay Lisboa 2009

A distância média da Terra ao Sol é 150 milhões de km (33 000 anos-luz).

Há quase 2 milhões de precários e 500 mil desempregados em Portugal.

A luz move-se à velocidade de 300 000 km por segundo.

Há cerca de 4 milhões de precários em Espanha (um terço da mão-de-obra).

As mulheres são as mais atingidas pelo aumento do desemprego em toda a Europa (cerca de 7,4% das mulheres em todo o mundo estão desempregadas - 81,6 milhões em 2007).

Resistência é uma cidade argentina, capital da província do Chaco.

Na Grécia 23% dos desempregados são jovens.

A força, em física clássica, é aquilo que pode alterar o estado de repouso ou de movimento de um corpo.

Em França, os filhos de imigrantes têm duas vezes mais possibilidades de estar desempregados do que a média da população (activa).

Alavanca é um objecto rígido que é usado com um ponto fixo apropriado (fulcro) para multiplicar a força mecânica que pode ser aplicada a um outro objecto (resistência).

Mais de 256 mil pessoas em idade activa perderam o emprego, nos 16 países que têm a moeda única em circulação, apenas nos primeiros 30 dias de 2009. Só em Janeiro, inscreveram-se em Portugal mais 70 mil desempregados nos centros de emprego.

Mayday é a chamada radiotelefónica de emergência ou socorro, versão anglicizada do francês *m'aidez* (ajudem-me). Utilizada principalmente nas navegações marítimas e aeronáuticas, faz parte do Código internacional de sinais e do Código Fonético Internacional.

A taxa de desemprego em Portugal subiu para os 8,1%.

A posição inicial da luta livre é em pé.

Os números oficiais mentem: o trabalho precário em Portugal, entre falsos recibos verdes, contratos a prazo, estagiários e trabalho ilegal, atinge um terço da população activa.

A velocidade do som (no ar) é de 343 metros por segundo. Será aproximadamente a essa velocidade que os gritos de protesto do MayDay se moverão no dia 1 de Maio.

Pedro Rodrigues



www.maydaylisboa.net
maydaylisboa@gmail.com

ANEXO A-6 – CD “Ora Dá Cá Um” produzido pela dupla Pedro e Diana



Figura 1: Capa do CD

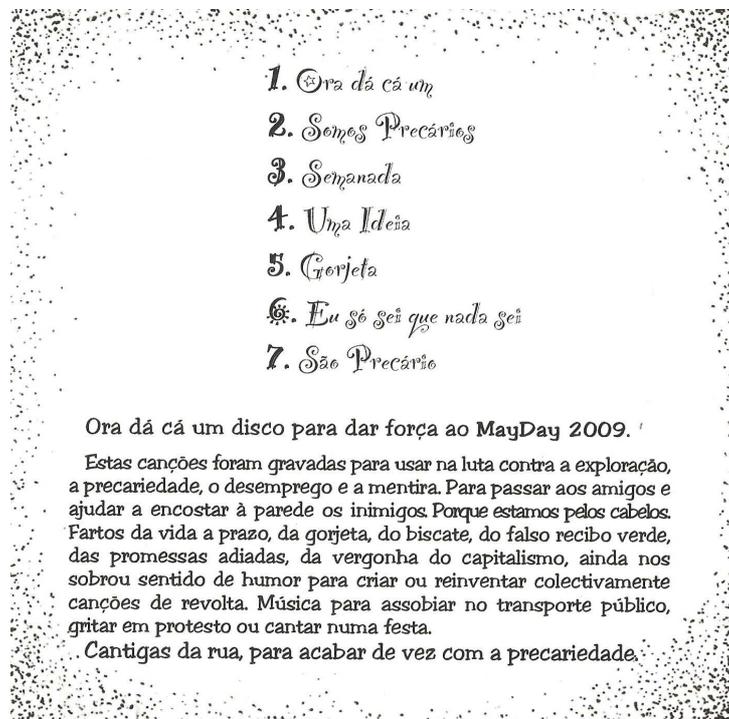


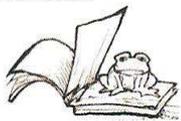
Figura.2: Contracapa do CD

ANEXO A-6 – CD “Ora Dá Cá Um” produzido pela dupla Pedro e Diana

★ Ora dá cá um

Ora dá cá um
e depois dá outro
Dá cá três patrões
que só dois é pouco
Ai, eu gosto tanto
de fazer biscates
Pôr o meu corpinho
nos escaparates

Ora dá cá um
e depois dá outro
Passa três recibos
que só dois é pouco
Ai, eu gosto tanto
de trabalhar
e de não ter tempo
para descansar



Somos Precários

Somos precários
somos precárias
E nos dentes do poder
somos cáries dentárias

Não chega o guto para a renda.
E as reformas à venda.

Não chega o guto para a renda.
A saúde está à venda.

É só ladrões
é só ladrões
As verdades do governo
são as mentiras dos patrões

Não chega o guto para a renda.
Nem a guta para a merenda.

Está quase tudo à venda.
Mas ainda há quem não se renda.

Nesta cidade
nesta cidade
Já cá vive o desemprego
e mora a precariedade

Somos precários
somos precárias
As explorações são muitas
por isso as lutas são várias



ℓ Letra: Diana e Pedro ★ Música: Carlos Paião ℓ

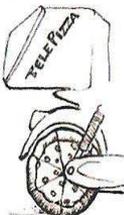
ℓ Letra: Pedro e Diana ★ Música: Pedro e Diana ℓ

Gorjeta

Dormia na cidade
a contar com a gorjeta
fugi da telepizza
numa motoreta

Logo ao virar da esquina
o jipe do pai do Zé
raspou-me na roda traseira
traseira

Morri de morte macaca
ninguém reparou, é claro
porque foi imediata
imediata



Eu só sei que nada sei

O governo pediu ajuda
ao patrão e ao presidente
O Cavaco recebeu-o
com um sorriso de contente

Com um sorriso de contente
lavado com pepsodente
E com o seu traje de gala
Sócrates entrou na sala

Sócrates entrou na sala:
“O Cavaco diz-me lá:
Q’è q’hei-de fazer ao povo
Q’anda aí a protestar?”

Q’anda aí a protestar
enquanto aperta o cinto
E num gesto cordial
respondeu-lhe o Cavaquinho

Respondeu-lhe o Cavaquinho
que faz do silêncio lei
“Sócrates, meu caro amigo:
eu só sei que nada sei”



ℓ Letra: Pedro e Diana ★ Música: Pedro e Diana ℓ

ℓ Letra: Pedro e Diana ★ Música: inspirada em Zeca Afonso ℓ

Figura 3: Letras CD

ANEXO A-6 – CD “Ora Dá Cá Um” produzido pela dupla Pedro e Diana

Semanada

Combina-se um cinema
e eu não posso ir
o preço do bilhete
está sempre a subir
pois é estou sem dinheiro
esgotei o mealheiro
e a minha semanada
até dá pra rir
ô mãe vá lá
sobe a semanada
ela está ultrapassada
olha a inflação



hamburger e batata
que tentação
gelado de morango
é uma perdição
mas com esta mãezinha
do género Tio Patinhas
chegada à quarta-feira
já estou sem tostão
ô mãe vá lá
sobe a semanada
ela está ultrapassada
olha a inflação

Uma Ideia

O proveito de andar
à aventura sem licença
é ser dono de mim
e desta pá dura
A nossa pátria é a terra inteira
a nossa lei é a liberdade
e uma ideia
e o Mayday
A nossa pátria é a terra inteira
a nossa lei é a liberdade
e uma ideia...
contra a precariedade!
Mas há quem tenha mando
até sobre quem não pára
e não quer ter um patrão
aqui a dar-me a mão
Refrão
São donos das fronteiras
pedem-nos canseiras
e um dia eu pensei
vou cuspir nesta lei
Refrão
Querias-me isolado
do outro companheiro
mas eu cá já percebi
é assim no mundo inteiro
Refrão
São donos das fronteiras
pedem-nos canseiras
e se um dia são mil dias
queremos viver agora

Letra: Onda Choc ☆ Música: The Ronettes Letra: Diana e Pedro ☆ Música: canção de luta italiana

São Precário

São Precário
São Precário deu à costa
Ai deu à costa
no mar do recibo verde
Toda a gente
toda a gente se assustou
Ai se assustou
só o empresário não
São Precário
São Precário deu à costa
Ai deu à costa
na Europa bem vendida
Toda a gente
toda a gente se lixou
Ai se lixou
e só o banqueiro não

São Precário
São Precário deu à costa
Ai deu à costa
todo o mundo faz biscates
Toda a gente
toda a gente ripostou
Ai ripostou
só o resignado não
São Precário
São Precário foi ao fundo
Ai foi ao fundo
no meio dos nossos gritos
Toda a gente
toda a gente se salvou
Ai se salvou
só o São Precário não



Ficha Técnica

Gravação e Mistura:
Nuno
Ilustração e Grafismo:
Rá e Jo
também ajudaram:
Diana P., Youri e Amarante
Guitarra, piano, órgão, tambor,
xilofone e reco-reco:
Pedro
Guitarra eléctrica:
André e Nuno

Este cd apoia o
Mayday Lisboa 2009
maydaylisboa.net

Letra: Pedro e Diana ☆ Música: popular açoreana

Figura 4: Letras CD

ANEXO A-7 – Cantorias da Parada MayDay Lisboa 2009

Rapa o tacho

E rapa o tacho
E rapa o tacho
E rapa o tacho

Desemprego em cima
Salário em baixo

Não queremos ser
Escravos do dever!

Macarena

Não quero ser precário,
Não quero ser explorado

Eu quero um salário,
Não quero ser lixado

Não quero ser precário,
Então eu luto contra a
Preeecariedade!
Aaai!

Eu tenho dois amores

Eu tenho dois patrões
Em nada são iguais
Mas não tenho a certeza
De qual me explora mais

Mas não tenho a certeza...
De qual me explora mais...
Eu tenho dois patrões
São multinacionais

Dartacão

O patrão, o patrão
correndo grandes perigos

O patrão, o patrão
protege os amigos

Exploração, exploração
E todos os precários a
Lutar...

Tom Sawyer

Tu andas sempre a roubar
Belmiro
Tu andas sempre a gamar
Ludgero
Tu andas sempre a roubar
Aqui e além

Mas nós respondemos
Com a raiva que temos

Milho verde

Recibo verde, recibo verde
Ai recibo verde, recibo falso
Ai recibo verde mentiroso

À sombra do recibo verde
Ai, à sombra do recibo verde

ANEXO A-7 – Cantorias da Parada MayDay Lisboa 2009

Bella Ciao

Foi de manhã
Fui trabalhar
E ouvi tchau
Ouvi tchau
Ouvi tchau, tchau, tchau

E o empresário
Caganda otário
Estava a deslocalizar

Então ficámos
Desempregados
Salário tchau
Salário tchau
Salário tchau, tchau, tchau

Mas isto ainda
Não é o fim
Isto não vai ficar assim

Porque os precários
Estão na rua
Belmiro tchau
Sócrates tchau
Precariedade, tchau, tchau

Porque os precários
Estão na rua
Esta luta é nossa e tua

Eu tenho um pião

Eu tenho um patrão
Um patrão que gira
Eu tenho um patrão
Que não me dá não

Gira que gira
O meu patrão
Mas eu não fico
Nem com um tostão

Eu tenho um patrão
Um patrão que ganha
Eu tenho um patrão
Que não me dá pão

Ganha que ganha
O meu patrão
Mas eu não ganho
Nem um tostão

Coisinha sexy

Por isso eu quero
Trabalhar contigo
Não tens nenhuns direitos laborais

Precário flexi
Precário flexi
És demais

ANEXO A-7 – Cantorias da Parada MayDay Lisboa 2009

Nestum

É das 9 às 20
Num dia agitado
Vai ser sempre a abrir
Com o patrão sempre a
Teu lado

Vida de precário
Com tanto pra fazer
Trabalho, aulas, horas
Extra
E sem tempo para comer

Das 9 às 20

La cucaracha

Tanta mentira,
Tanta chantagem
Quem é que fica a ganhar?

Temos a força
E a coragem
Eles...
Nnã nos vão calar!

Nós pimba!

E se nós queremos mais direitos sociais
Eles népia
Eles népia

E se nós queremos aumentos salariais
Eles népia
Eles népia

E se nós queremos um contrato à maneira
Eles népia
Eles népia

Nem que trabalhe de domingo a sexta-feira
Eles népia
Eles népia

ANEXO A-8 – Postais MayDay Lisboa 2009 da autoria da Margarida Dias Coelho

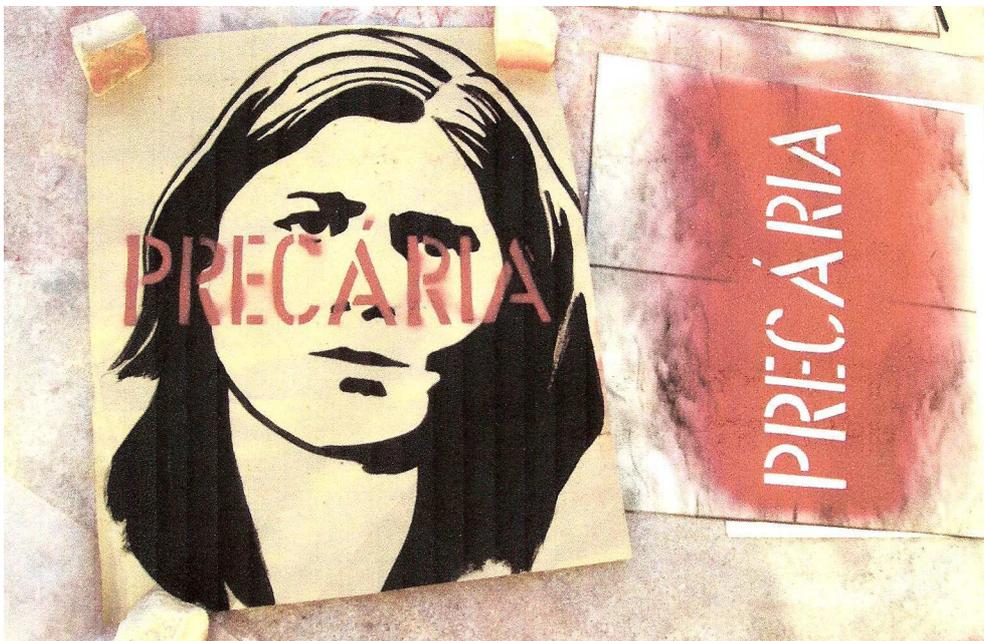


Figura 1: Frente do Postal 1



Figura 2: Frente do Postal 2

ANEXO A-8 – Postais MayDay Lisboa 2009 da autoria da Margarida Dias Coelho



Figura 3: Frente Postal 3

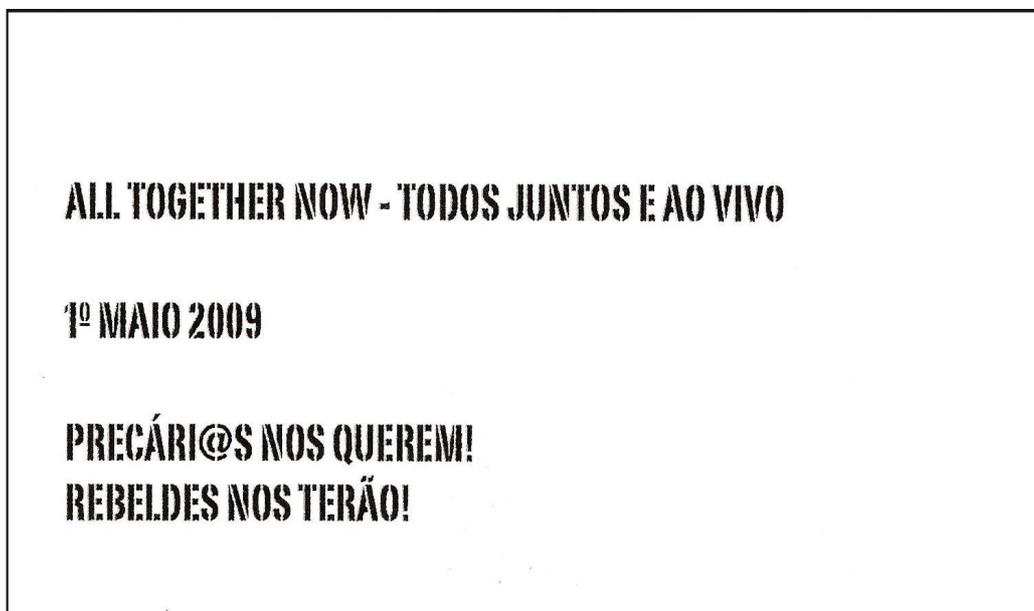


Figura 4: Verso dos 3 postais

ANEXO B – Material de divulgação MayDay Porto 2009



Figura 1: Cartaz Parada MayDay Porto 2009

ANEXO B – Material de divulgação MayDay Porto 2009



Figura 2: Cartaz Festa MayDay Porto 2009

ANEXO B – Material de divulgação MayDay Porto 2009



Figura 3: Conjunto 5 crachás produzidos pelo MayDay Porto 2009

ANEXO C – Material divulgação MayDay Internacional



Figura 1: Frente do postal de San Precário lançado em 2004

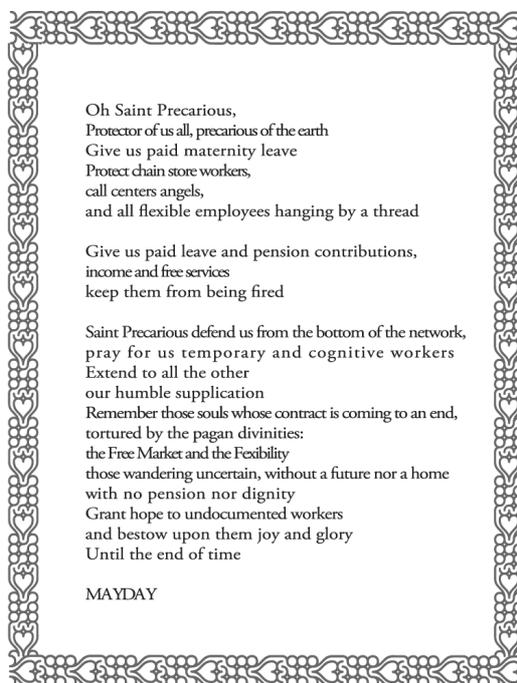


Figura 2: Verso do postal do San Precário com orações

ANEXO C – Material divulgação MayDay Internacional

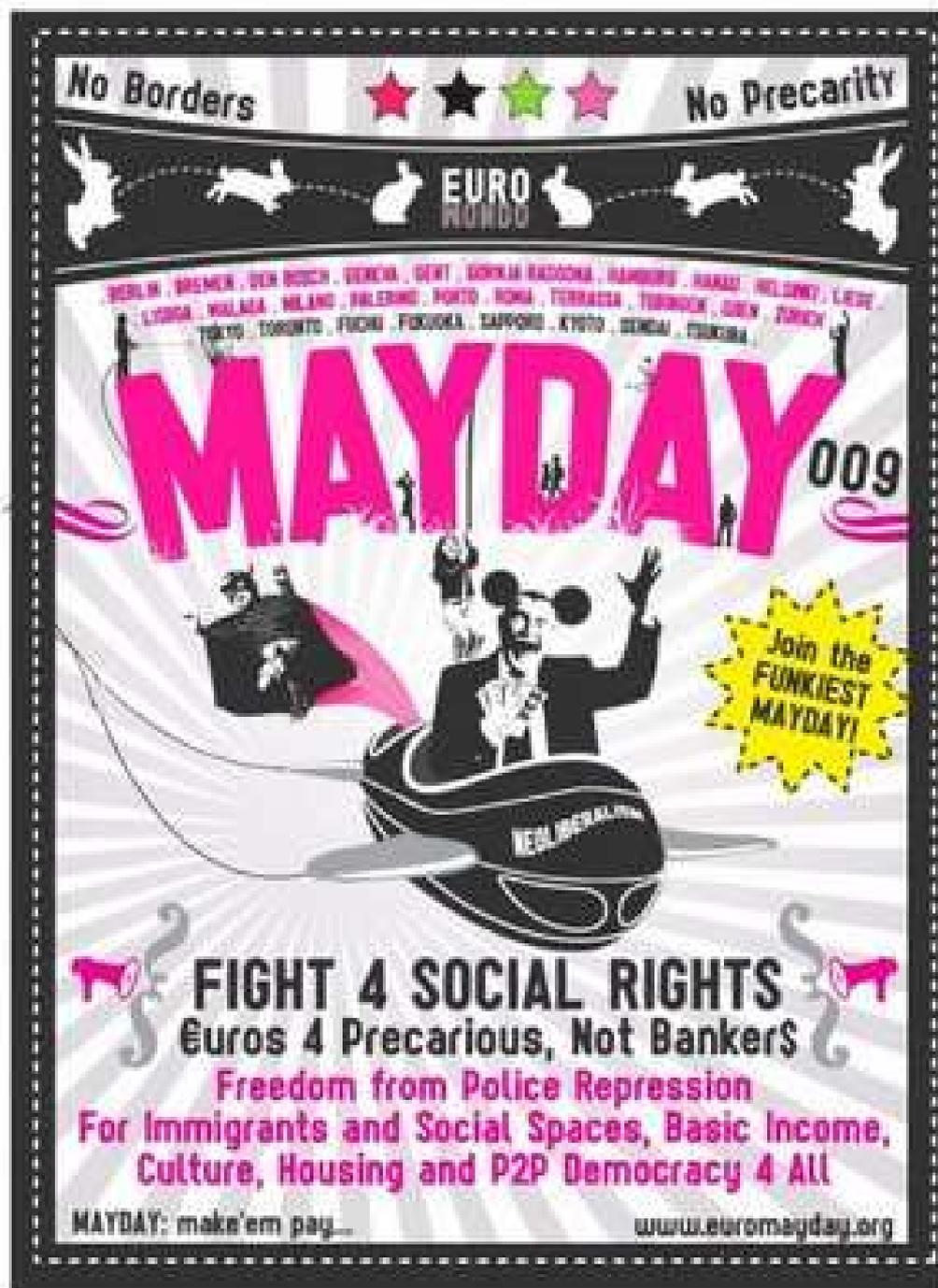


Figura 3: Cartaz EuroMayDay 2009

ANEXO C – Material divulgação MayDay Internacional

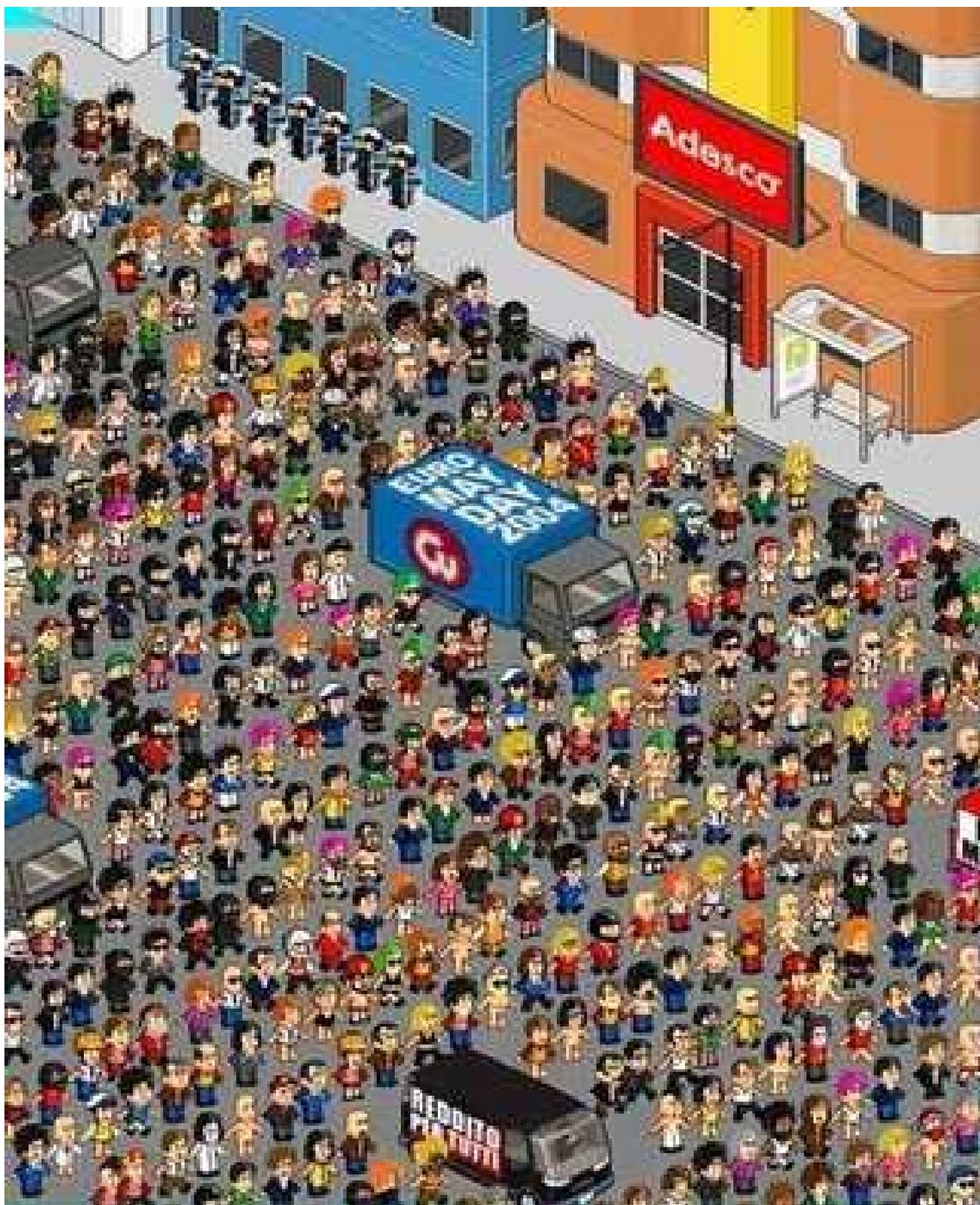


Figura 4: Cartaz Euro MayDay 2004

ANEXO C – Material divulgação MayDay Internacional

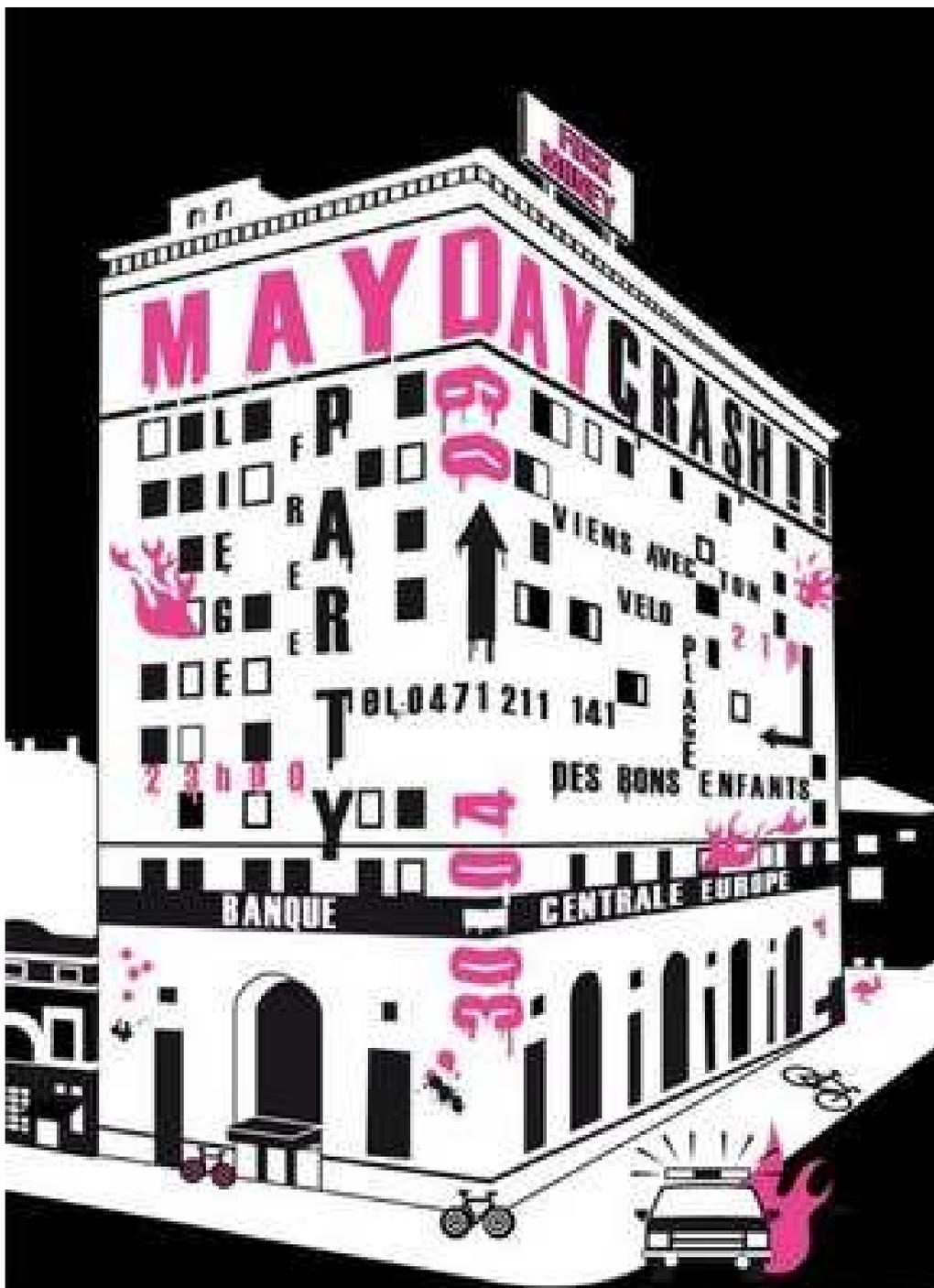


Figura 5: Cartaz MayDay Liège 2009

ANEXO D – Fotos Festa MayDay Lisboa 2009



Fotografia 1: Colagem efectuada durante a Festa e usada como capa de livro

ANEXO D – Fotografias Festa MayDay Lisboa 2009



Fotografia 2: Quadro produzido durante a festa



Fotografia 3: Faixa produzida durante a festa

ANEXO D – Fotografias Festa MayDay Lisboa 2009



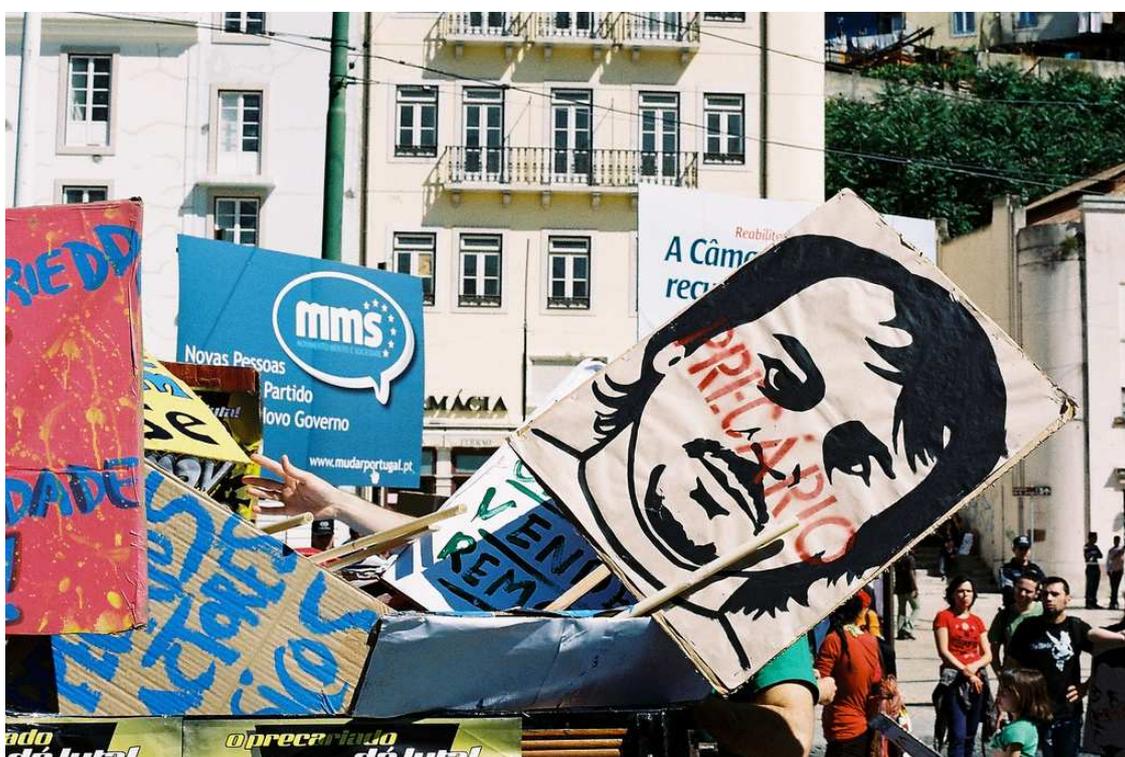
Fotografia 4: Cartazes produzidos para a festa



Fotografia 5: Actuação do grupo musical “As Tucano”
ANEXO E – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2009



Fotografia 1



Fotografia 2

ANEXO E – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2009



Fotografia 3



Fotografia 4

ANEXO E – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2009



Fotografia 5



Fotografia 6

ANEXO E – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2009



Fotografia 7



Fotografia 8

ANEXO E – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2009



Fotografia 9



Fotografia 10

**ANEXO F – Fotografias dos cartazes dos trabalhadores precários da autoria da
Margarida Dias Coelho**



Fotografia 1: Processo de criação dos cartazes



Fotografia 2: Processo de criação dos cartazes

**ANEXO F – Fotografias dos cartazes dos trabalhadores precários da autoria da
Margarida Dias Coelho**



Fotografia 4: Processo de criação dos cartazes



Fotografia 5: Manifestação 25 de Abril 2009

**ANEXO F – Fotografias dos cartazes dos trabalhadores precários da autoria da
Margarida Dias Coelho**



Fotografia 6: Manifestação 25 de Abril 2009



Fotografia 7: Manifestação 25 de Abril 2009

ANEXO F – Fotografias dos cartazes dos trabalhadores precários da autoria da
Margarida Dias Coelho



Fotografia 8: Manifestação 25 de Abril 2009



Fotografia 10: Mural final dos cartazes – Campolide, Novembro 2009

ANEXO G – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2007



Fotografia 1



Fotografia 2

ANEXO G – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2007



Fotografia 3



Fotografia 4

ANEXO H – Fotografias Parada MayDay Lisboa 2008



Fotografia 1



Fotografia 2



Europass-Curriculum Vitae

Informação pessoal

Roumeliotis Sampaio, Ricardo Manuel

Rua da Paz, nº 73 – 3º esq, 1200-320 LISBOA

91 932 5442

ricardomrsampaio@gmail.com

4 de Maio de 1977

Habilitações académicas

Desde 2007

Mestrado em Antropologia: Multiculturalismo e Identidades

Teoria do Multiculturalismo e dos Processos Identitários, Metodos, Colonialismo e Pós-Colonialismo, Comunidade e Tradição, Poder e Conhecimento, Género, Família e Comunidade
Desenvolvimento da dissertação final

Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa
Departamento de Antropologia

2006

Bachelor in Arts
Social Anthropology and Development Studies

Social Anthropology
Antropologia e Etnologia; Pesquisa Antropológica e Metodologia; Antropologia Económica e Política; Família e Género; Religião e Magia; Globalização.

Trabalho final sobre os Efeitos da Globalização no Consumo Local.
Development Studies

História do Desenvolvimento, Colonialismo e Pós Colonialismo; Tipos de Desenvolvimento; Desenvolvimento Social, Económico, Político; Questões do Desenvolvimento e Objectivos do Milénio; Demografia, Género e Direitos Humanos, Ambiente e Ecologia. Desenvolvimento Local e Global.
Trabalho final na área da saúde sobre a Indústria Farmacêutica

University of Sussex
School of Social and Cultural Studies

2000

Frequência do 5º ano da licenciatura de Medicina

Faculdade de Medicina de Lisboa
Universidade de Lisboa

Formação profissional

2002 – 2003

Curso Profissional de Agentes de Intervenção Comunitária

Desenvolvimento Pessoal e Relacionamento Interpessoal; Trabalho em Equipa; Apresentações e Formação; Planeamento de Projectos, acompanhamento e avaliação; Política Social e Financiamentos Europeus; Informática

Escola Intercultural das Profissões e do Desporto da Amadora

Experiência profissional

De Junho de 2008 a Junho de 2009

Técnico de assistência Informática

Assistência técnica informática do Serviço e-c@re da empresa Legrand – atendimento em francês e inglês

Fujitsu Services Portugal

Tecnologias de Informação – Prestação de Serviços de Assistência Técnica

Março de 2007 a Abril de 2008

Animador/Mediador da UNIVA Kcitar (Bairro 6 de Maio)

Mediação entre a comunidade e o I.E.F.P. / Centro de Emprego da Amadora e o A.C.I.D.I. / C.N.A.I. Atendimento à comunidade e apoio na procura de emprego, formação profissional e regularização. Organização de actividades e eventos em parceria com outras entidades locais.

Associação de Jardins-Escola João de Deus

UNIVA – Unidade de Inserção na Vida Activa

Pertencente à Rede UNIVA Imigrante – Protocolo entre I.E.F.P. e o A.C.I.D.I.

Junho de 2006 a Setembro de 2007

Comunicador

Assistência ao passageiro frequente da TAP – Programa Victoria

Atendimento ao passageiro frequente do Programa TAP Victoria, linha de inglês, francês e espanhol e linhas Silver e Gold.

Addeco – Empresa de Trabalho Temporário

PT Contact - Prestação de Serviços de Apoio ao Cliente

Novembro de 2005 a Junho de 2007

Comunicador

Assistência aos vendedores TV Cabo (linha VPP) e aos clientes TV Cabo (linha de activações de equipamento)

Addeco – Empresa de Trabalho Temporário

PT Contact - Prestação de Serviços de Apoio ao Cliente

2000 a 2005

Trabalhos temporários vários em regime de part-time: apoio domiciliário, área comercial e restauração

Voluntariado

03/2001 – 04/2001

Estágio na Missão em Moçambique dos Médicos do Mundo - Portugal

Acompanhamento do Projecto dos Médicos do Mundo – Portugal, em Moçambique (Maputo e Namaacha), na área da Saúde Pública – Prevenção Primária na área de Doenças Transmissíveis, Saúde Materno-Infantil. Participação em acções de intervenção comunitária, formação aos agentes de intervenção comunitária; GATV – Gabinete de Atendimento e Testagem Voluntária para o VIH/SIDA.

Área de Cooperação para o Desenvolvimento

03/2000 a 11/2000

Responsável de Projecto – *Nu djunta mon pa nos saúde*

População alvo: jovens adolescentes e jovens adultos - Bairro da Outurela/Portela em Carnaxide

Elaboração do projecto para candidatura e implementação. Estabelecimento de parcerias, diagnóstico da situação no terreno e divulgação do projecto entre a população alvo. Planeamento e execução de sessões de informação e formação sobre a temática para os jovens, dinâmicas de grupo, desenvolvimento de competências pessoais e sociais, abordagem de outros temas considerados relevantes pelos jovens e membros do grupo. Organização de 2 fins-de-semana de formação com os jovens com o objectivo de preparar a formação de agentes de intervenção comunitária. Elaboração do Relatório Final de Actividades e Contas.

Voluntariado jovem na área da Educação para a Saúde
 Concurso promovido pelo I.P.J. – Instituto Português da Juventude; financiado pela Fundação Glaxowellcome para as Ciências da Saúde

Dados Associativos

2000/01	Presidente do Conselho Fiscal Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa A.E.F.M.L.
2000	Presidente da Mesa da Assembleia-Geral Associação Nacional de Estudantes de Medicina (A.N.E.M.)
1998/2000	Vice-Presidente da Direcção A.E.F.M.L.
1998/2000	Membro do Conselho Directivo Faculdade de Medicina de Lisboa (F.M.L.)
1998/2000	Membro do Senado e Membro da Assembleia Universidade de Lisboa
1996/2000	Membro da Assembleia de Representantes F.M.L.

Aptidões e competências pessoais

Língua materna **Português**

Outras línguas

*Auto-avaliação
 Nível europeu (*)*

Inglês

Francês

Espanhol

Italiano

Crioulo de Cabo Verde

Compreensão				Conversaão				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
C	2	C	2	C	2	C	2	C	2
C	2	C	2	C	2	C	2	C	1
C	1	C	1	C	1	B	2	B	2
B	2	C	1	C	1	B	2	B	1
B	2		N/A	B	2	B	1		N/A

(*) *Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)
 Escala de C2 (máximo) a A1 (mínimo)*

Aptidões e competências sociais

Bom relacionamento interpessoal; gosto por trabalho em equipa; capacidade de adaptação a contextos variados; competências multiculturais.

Aptidões e competências de organização

Sentido de responsabilidade, pró-actividade e autonomia. Boa capacidade de organização; capacidade de preparação e condução de reuniões. Planeamento e elaboração de programas de actividades e organização de eventos. Elaboração e análise de relatórios de actividades e contas. I

Aptidões e competências informáticas

Conhecimentos aprofundados adquiridos em contexto profissional na Fujitsu Services: sistemas operativos, software e aplicações específicas.

Carta de condução

Carta de condução de ligeiros